

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

ÉRIKA UHIARA

**ENSAIOS DE JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES: EM BUSCA
DE UMA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**

**FRANCA
2014**

ÉRIKA UHIARA

**ENSAIOS DE JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES: EM BUSCA DE
UMA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”–*Campus* de Franca, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira.

**FRANCA
2014**

Uhiara, Érika
Ensaio de José Honório Rodrigues: em busca de uma
historiografia brasileira / Érika Uhiara. – Franca: [s.n.], 2014. 113 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientador: Ricardo Alexandre Ferreira.

1. Historiografia. 2. Rodrigues, Jose Honorio 1913-1987. 3. Brasil
- Historiografia. I. Título.

CDD – 981

ÉRIKA UHIARA

**ENSAIOS DE JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES: EM BUSCA DE
UMA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

**Presidente: _____
Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira (UNESP/ FCHS)**

**1º Examinador: _____
Prof.ª Dr.ª Rebeca Gontijo Teixeira (UFRRJ)**

**2º Examinador: _____
Prof.ª Dr.ª Márcia Regina Capelari Naxara (UNESP/ FCHS)**

Franca, 06 de novembro de 2014.

Dedico este trabalho ao meu amado filho Pedro, que desde pequenino foi cativado pelas histórias de bichos, mitos e homens.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço, quero dedicar algumas palavras àqueles que das mais variedades formas contribuíram com a idealização e feitura desta dissertação.

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Ricardo Alexandre Ferreira, por ter acreditado neste trabalho desde o início e estado ao meu lado, pacientemente, em todos os momentos de sua produção, de angústias e superação.

Aos professores Márcia Naxara e Jean Marcel França pela acolhida na instituição e pelas valiosas observações no exame de Qualificação.

A CAPES pelo financiamento da pesquisa e ao pessoal do Programa de Pós-graduação de História, especialmente a Maísa, pela presteza e delicadeza.

Aos meus pais, Nena e Nilton, e meus irmãos, Jeferson e Rafaella, por terem fomentado no seio familiar, a minha necessidade de descobrir a história para além das circunstâncias.

Aos meus sogros, Luíza e Tonin, que sempre estiveram presentes, nos apoiando em nossas batalhas e conquistas.

Agradeço a D. Judite que zelou por minha casa nestes anos de trabalho.

À grandiosa obra de Mozart, minha trilha sonora na escritura desta dissertação.

Às minhas amigas de Piracicaba, Fádía e Celly e aos funcionários e alunos da E. E. Dr. João Sampaio, por termos vivenciado momentos de alegria na Educação e adquirido maiores conhecimentos sobre a gente brasileira.

À minha *Friend Forever*, Karina Zoppi Cunha.

À minha queridíssima Elaine Cristina Martins, que torceu por mim na concretização deste projeto, ouvindo meus lamentos e compartilhando aprendizados durante esta árdua caminhada.

A Ilana Peliciari Rocha, amiga de estrada e feitos, pelas palavras de incentivo e torcida.

Ao Carlos “Patrocínio”, pelo ombro amigo, e Diego Andrade, pela mão estendida, companheiros de mesma jornada, a quem eu muito prezo.

Aos queridos Anderson e Talita, Marcelo e Mari, Luís, Cláudia e Ricardo pelas prosas, drinks, músicas e sonhos compartilhados.

A Hellen, pela digitação das entrevistas, mas sobretudo, por compartilhar conosco nos almoços de domingo, sua alegria.

Agradeço especialmente àquele que esteve sempre ao meu lado, acreditando, incentivando e padecendo junto comigo o processo doloroso e gratificante de historiar, meu terno amor, Lucas.

E por fim, Àquele a quem eu posso somente agradecer por todas as experiências vividas e verdades reveladas na arte penosa e sublime de viver.

UHIARA, Érika. **Ensaio de José Honório Rodrigues**: em busca de uma historiografia brasileira. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.

RESUMO

José Honório Rodrigues é considerado, entre os historiadores brasileiros, precursor de uma abordagem historiográfica da História no Brasil. Ao acompanhar um movimento mais amplo de renovação do interesse pela história da historiografia brasileira, esta pesquisa procurou analisar os ensaios publicados por Rodrigues, entre as décadas de 50 e 80 do século XX, para avançar no conhecimento de suas reflexões a respeito da natureza e do que considerou, à época, como novas perspectivas do trabalho do historiador. Parte deste material pertence a 3ª etapa incompleta do audacioso projeto historiográfico de Rodrigues sobre pesquisa, teoria e história da história do Brasil, projeto que desenvolveu até sua morte, em 1987. Partiu-se do pressuposto de que a produção ensaística de Rodrigues constituía-se no suporte adequado à divulgação e ao estabelecimento de diálogos mais rápidos e diretos com seus pares, uma vez que o estudioso não ocupava uma cátedra regular em nenhuma das universidades brasileiras. Ao lado das obras de maior fôlego, os ensaios produzidos pelo autor permitiram compreender o desenvolvimento do seu projeto historiográfico ao longo de quatro décadas, assim como, sua proposta de transformação da realidade social e histórica do Brasil através de uma cultura histórica.

Palavras-chave: história. historiografia. José Honório Rodrigues.

UHIARA, Érika. **Essays José Honório Rodrigues**: in search of a Brazilian historiography. 114 f. Dissertation (History and Social Culture), Faculty of Humanities and Social Sciences, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2014.

ABSTRACT

José Honório Rodrigues is considered, among Brazilian historians, precursor of historiographical approach in the History of Brazil. By tracking a broader movement of renewal of interest in Brazilian historiography history, this study sought to analyze the essays published by Rodrigues, between the 50s and 80s of the twentieth century, in order to progress in the knowledge of his reflections about the nature and what he considered, at that time, as new perspectives of the work of the historian. Part of this material belongs to the 3rd stage of the audacious incomplete historiographical project of Rodrigues on research, theory, history of Brazilian history, a project he developed up to the time of his death in 1987. It was assumed that the production of Rodrigues' essays constituted up the appropriate basis to the disclosure and the establishment of faster and more direct dialogues with his peers, since the Rodrigues was not in a regular chair in any of the Brazilian Universities. Alongside the greater scope works, the essays produced by the author allowed us to understand the development of his historiographical project over four decades, as well as his proposal to transform the social and historical reality of Brazil through a historical culture.

Keywords: history. Historiography. José Honório Rodrigues.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – CRÍTICAS E PROBLEMAS DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOB A ÓPTICA DE JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES.....	17
1.1 Alienação cultural e historiografia brasileira	18
1.2. Vida e História	26
1.3 Um balanço sobre o próprio ofício.	34
CAPÍTULO 2 - A CONSTITUIÇÃO DE UM PROJETO HISTORIOGRÁFICO BRASILEIRO: UM GUIA SOBRE COMO ESCREVER A HISTÓRIA DA HISTÓRIA DO BRASIL	41
2.1. <i>Teoria da História do Brasil</i> : os alicerces da construção de uma Historiografia brasileira	43
2.2. Tempo de mudanças.....	49
2.2.1. Os cânones da revisão historiográfica brasileira.....	50
2.3. Passado, presente e futuro	55
CAPÍTULO 3 – O ACERTO DE CONTAS: UM BALANÇO SOBRE O PROJETO DA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.....	61
3.1 Cordial, bom ou cruento. Quem é o brasileiro?	65
3.2. O Brasil não conhece o Brazil?.....	70
3.3. O nacionalismo de José Honório Rodrigues	75
3.4. “Todo historiador possui a ideologia de sua época”. Será?.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
APÊNDICE.....	94

INTRODUÇÃO

Ao estudar a historiografia brasileira deparamo-nos necessariamente com o nome de José Honório Rodrigues (1913-1987). Autor de vasta obra — quase trinta livros, além de diversos artigos, ensaios, edições de textos, manuais, prefácios e índices anotados —, Rodrigues abordou, ao longo de sua carreira, múltiplos aspectos da História e das condições de sua produção. A abordagem propriamente historiográfica por ele proposta e realizada, faceta até então não contemplada sistematicamente no Brasil, legou ao futuro a ligação inextricável de seu nome à condição de pioneiro.¹ Sua importância, contudo, não se restringe ao pioneirismo de introduzir no país as discussões conceituais, teóricas e metodológicas essenciais para o desenvolvimento da História como área autônoma do conhecimento, mas também é evidenciada por sua verdadeira militância em diversas instituições ligadas à produção do conhecimento histórico². Para José Honório, a História tem um sentido missionário e político, pois ela “produz, fabrica uma diferente consciência da própria realidade, que é em si mesma, um fator de transformação”.³

Formado em Direito na Universidade do Brasil, Rodrigues concluiu o curso em 1937, conquistando o Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras, ao lado de Joaquim Ribeiro, pela obra *Civilização Holandesa no Brasil*, publicada em 1940 pela Editora Nacional, na coleção Brasileira. Com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, Rodrigues morou nos Estados Unidos entre 1943-44. Indicado pela fundação como seu orientador, o professor Frank Tannenbaum(1893–1969), conhecido estudioso da escravidão africana nas

¹Francisco Iglésias assinala alguns estudos historiográficos anteriores e isolados como o “Catálogo de exposição de história do Brasil” de 1881, o refinado estudo de Oliveira Lima sobre Robert Southey de 1907, ensaios críticos de Capistrano de Abreu e “Bibliografia Histórica do Primeiro Reinado à Maioridade” de Alcides Bezerra datado de 1936. IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p. 62.

² José Honório exerceu diversos papéis em instituições ligadas a documentações e arquivos e criticava a falta de um centro de investigação histórica, diferente em sua natureza do IHGB, este mais acadêmico e comemorativo. Trabalhou no Instituto Nacional do Livro, na Seção de Publicações, como assistente de Sérgio Buarque de Holanda. Foi diretor interino da Biblioteca Nacional, responsável pela Divisão de Obras Raras e Publicações de 1946 a 1958, dirigiu e editou muitos volumes dos *Anais da Biblioteca Nacional* e dos *Documentos Históricos* tornando acessíveis raras obras e documentos. Como diretor efetivo do Arquivo Nacional (1958-1964) alterou sua estrutura convidando especialistas de vários países que contribuíram para alcançar as novas diretrizes almejadas

³ RODRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966, p.07.

Américas, aconselhou-o a matricular-se no curso de Introdução à História, na Universidade de Columbia. A disciplina, intitulada “*Nature. Methods and Types of History*”, que foi dirigida pelo Professor Charles Cole (1906-1978) — com a colaboração de outros nomes relevantes da historiografia norte-americana — iniciou-o no estudo e discussões sobre metodologia, teoria e pesquisa na produção do conhecimento histórico, um marco na carreira do historiador⁴. Ainda nos EUA, com o término do curso, Rodrigues teve a oportunidade de visitar importantes centros de guarda de obras e documentos, tais como: a *Library of Congress* e ainda arquivos e bibliotecas de diversas universidades. Essa experiência, sem dúvida, o ajudou a elaborar um projeto, um roteiro, para a sua própria produção na seara da História. Na volta ao Brasil, logo começou a colocar em prática a ideia de construir uma obra seriada, a tríade **teoria, pesquisa e história da história do Brasil**.

Este projeto acompanhou José Honório até sua morte em 1987. O estudioso publicou, em 1949, *Teoria da História do Brasil*, em 1952, *A Pesquisa Histórica no Brasil*. Passados trinta anos, publicou o primeiro volume de *História da História do Brasil. Historiografia colonial*. O segundo volume - tomo I, *Historiografia conservadora* e tomo II sobre Oliveira Viana acabaram por ganhar os prelos apenas depois de seu falecimento. As duas primeiras obras, *Teoria* e *A pesquisa*, passaram por revisões, acréscimos e foram reeditadas posteriormente⁵. A terceira parte da tríade, *História da história do Brasil*, ficou incompleta, parte dela acabou diluída em livros de ensaios, como a obra *Filosofia e História* (1981), onde o autor justifica-se, afirmando que a publicação teria sido originalmente concebida para compor o terceiro volume da *História da História do Brasil*, originalmente projetado para o estudo do problema da ideologia na historiografia. Este último volume, assim como os outros dois que, inicialmente, completariam o projeto, não foram concretizados.

Ao analisar o conjunto dos ensaios historiográficos publicados por José Honório ao longo de quatro décadas, deparamo-nos com um conjunto

⁴ ARÓSTEGUI afirma que o primeiro movimento historiográfico norte-americano surgiu nos anos 10 e 20 do século passado, voltado para estudos econômicos, culturais e sociais, receptivos ao modelo marxista negando a recorrente narrativa político-diplomática.

⁵ O historiador tinha como prática rever, acrescentar, atualizar textos já publicados, como as 5 edições de *Teoria da História* e as 4 edições de *A pesquisa*.

variado e numeroso de textos⁶. Há ali muitos ensaios originalmente publicados em jornais e revistas, além de textos de conferências, que foram republicados nos livros de ensaios. A ideia de reunir esse material esparso evidencia a necessidade, sentida por Rodrigues, de se criar um diálogo com um público específico que estava se formando nas universidades desde os anos 30 do século XX e se especializando a partir da década de 70 — o professor e o pesquisador de História.

Nesse material não há um período em que o tema da história da historiografia tenha sido deixado em segundo plano. Com base no interesse de compreender melhor os aspectos próprios da escrita da História, bem como de seu estudo, defendidos por Rodrigues nos ensaios, construímos o *corpus* documental da presente pesquisa a partir da escolha de todos os textos desse gênero produzidos por Rodrigues que tratavam do tema como problemática central.

Como pudemos observar em sua obra, José Honório Rodrigues fez duras críticas à universidade e ao ensino de História no Brasil. Após cursar, em 1955, a Escola Superior de Guerra e se aproximar do presentismo de Benedetto Croce, José Honório passa a ter uma postura menos erudita e mais participativa das questões que o presente impunha ao passado. Em conferência na PUC-SP em 18/10/1965, Rodrigues explica ao público jovem o potencial transformador da História através do presentismo, pois os questionamentos colocados pelo historiador às fontes a partir das necessidades do presente é que proporcionam, segundo ele, uma história potencialmente transformadora, já que:

A realidade tem uma infinita variedade de aspectos que nós captamos segundo nossos interesses, nossa concepção, nossa vocação. A diferença essencial, o passo renovador, consiste em que ultimamente se acentua nosso dever para com os vivos, para com a vida. (...) É em nome do presente que julgamos o passado, pois não há passado puro e único, mas

⁶ Segundo a classificação de Iglésias (1988), que dividiu em 5 partes toda a obra de José Honório, os ensaios historiográficos representam uma categoria expressiva e são compostos por: *Aspirações Nacionais* (1963); *Conciliação e reforma no Brasil*. Interpretação histórico-política. (1965); *História e historiadores do Brasil* (1965); *Vida e História* (1966); *Interesse nacional e política externa* (1966); *História e historiografia* (1970); *História, corpo do tempo* (1976); *Filosofia e história* (1981); *História Combatente* (1983); *História viva* (1985); *Tempo e sociedade* (1986). Porém, para esta pesquisa convém analisar aqueles voltados aos fundamentos da disciplina e sua análise da historiografia brasileira.

mutável como a história, de acordo com a visão interessada do presente⁷.

José Honório Rodrigues passou a desenvolver a ideia de História Combatente, fator que o levou, principalmente a partir da década de 1960, a divulgar em seus escritos, especialmente nos ensaios, a História como instrumento essencial para construção do futuro, pois, segundo afirmava, ela nos dá “o senso de realidade, que se compõe sempre de uma parte nova, e de uma antiga”⁸, portanto, era necessário agir, partindo do pressuposto que: “A razão pela qual o presente é de tão grande peso para nós está em que nele temos uma tarefa a exercer e essa tarefa pesa muito mais sobre os jovens que sobre os velhos”⁹.

O gênero textual — o ensaio — escolhido neste trabalho como suporte privilegiado para contribuir com a análise da trajetória de José Honório Rodrigues, além de propiciar o estudo das comunicações mais dinâmicas estabelecidas pelo historiador com seus pares, é relevante e suas particularidades devem ser consideradas. Theodor W. Adorno (1903-1969), no texto *O ensaio como forma*, pensa nesta estrutura de escrita como um método sem método que dá muito mais liberdade ao autor para construir seu discurso sem que o texto feche-se sobre si mesmo ou assente-se sobre regras muito rígidas.

O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. (...) O ensaio recua assustado diante da violência do dogma, que atribui dignidade ontológica ao resultado da abstração, ao conceito invariável no tempo, por oposição ao individual nele subsumido¹⁰.

Adorno aponta no ensaio o desejo de fala do autor. Não a partir de axiomas ou princípios pré-estabelecidos que originariam uma criação única. O ensaio “reflete o que é amado e odiado” (...) “diz o que a respeito lhe ocorre e

⁷ RODRIGUES, José Honório. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p. 21.

⁸ RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.15.

⁹ Depois publicado em *Vida e História* (1986, p.18)

¹⁰ ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura*. São Paulo: Editora 34, 2012, pp.25.

termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer”¹¹. Esta postura é assumida abertamente por Rodrigues que passa a ser denominado, a partir da década de 1960, polemista ou ideólogo¹².

Neste período, José Honório Rodrigues passou a conceber a História como meio de transformação da realidade¹³ através da consciência histórica; para tanto seria necessário empreender um estudo crítico e uma revisão na historiografia brasileira, marcada pela ‘história antiquária’ e ‘anti-reformista’, expressões que frequentemente usava para referir-se a uma concepção conservadora da história. José Honório proclamava-se um historiador revisionista — da linhagem de Capistrano de Abreu — e pretendia contribuir com a superação do ‘arcaísmo’ presente na história do país através de sua atuação e obra historiográfica. Historiadores especializados no estudo da historiografia como área autônoma da produção do conhecimento histórico, tais como Astor Diehl, Ítala Silva e Manoel Luiz Salgado Guimarães, asseveram que a história para José Honório Rodrigues tem um sentido teleológico, caminha necessariamente para um fim específico¹⁴. Silva afirma que

José Honório creditava à História e ao historiador um papel político a ser cumprido, arriscamos a definir a História para o autor como missionária. O “historiador missionário” não poderia exercer a sua prática de uma maneira aleatória. A escrita da História, dada a sua importância social, deveria ser exercida por profissionais especializados. Dessa forma, José Honório Rodrigues detecta mais um problema da historiografia no Brasil, a necessária profissionalização do

¹¹ Ibidem, pp. 16-17.

¹² Raquel Glezer divide a obra de Rodrigues, de acordo com o conteúdo, em três categorias: informativa, formativa e interpretativa. A partir da década de 1960, suas obras passam a ter esta última característica por fazer “reflexões críticas sobre a interpretação da realidade brasileira que estuda”; neste período passa a ser citado como ideólogo. GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976. Disponível em: <<http://www.raquelglezer.pro.br/eedi%e7%f5es/O%20Fazer%20e%20o%20Saber%20.pdf>> Acesso em: 30/07/2013, p.64.

¹³ Para Lêda Boechat Rodrigues, *Aspirações Nacionais (1963)* marca uma nova fase na carreira de José Honório, reconhecido pela sua erudição, como **historiador interpretativo**. RODRIGUES, Lêda Boechat e MELLO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p.25.

¹⁴ DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002; GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. *Historiografia e cultura histórica: notas para um debate*. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, nº. 1, jan./ jun. 2005.; SILVA, Ítala Byanca Morais da. Anotar e prefaciá a obra do “Mestre”: Reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. *História da Historiografia*. Ouro Preto, nº3, 2009, pp.83-105.

historiador e o maior aprofundamento das questões referentes à metodologia, teoria e pesquisa históricas¹⁵.

Os estudos historiográficos das duas últimas décadas demonstram a relevância dada pelos pesquisadores brasileiros a essa área do conhecimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma cultura historiográfica.¹⁶ Os seminários anuais de história e historiografia da Universidade Federal de Ouro Preto (MG) confirmam este diagnóstico¹⁷. Partindo da compreensão dos textos historiográficos “como núcleos centrais da investigação”, ou seja, como nos propõe Manoel Luiz Salgado Guimarães (1952-2010), interpretando a escrita da história como parte de uma cultura, procuramos entender o pensamento historiográfico de José Honório Rodrigues através de um conjunto de ensaios por ele publicados entre as décadas de 1950 e 1980 do século XX¹⁸, investigando em seus escritos as percepções e necessidades que fomentaram o estudo de determinados temas, a elaboração de escolhas teóricas e epistemológicas, a construção de sua teoria da história do Brasil e suas observações sobre o pensamento historiográfico brasileiro, procurando encontrar as continuidades, rupturas e releituras do autor diante dos seus referenciais formativos. As fontes analisadas discorrem sobre a historiografia, tratam diretamente a respeito de questionamentos de José Honório que vão desde a natureza da história e suas implicações filosóficas, políticas e

¹⁵ Ibidem, pp. 88.

¹⁶ Entre inúmeros exemplos podemos citar: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e cultura histórica: notas para um debate*. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 11, nº. 1, jan./ jun. 2005; MALERBA, Jurandir. (Org.) *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006; DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002; NEVES, Lúcia Maria B. (et al). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2011, p.278; ARAUJO, Karina Anhezini de. *Um metódico à brasileira: A História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*, Tese (doutorado em História) – UNESP, Franca, 2006.

¹⁷ O Seminário Brasileiro de História da Historiografia, em sua VIII edição (2014), é um evento promovido pela Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH), criada em 2009 durante o 3ª Seminário Nacional de História da Historiografia; compuseram a primeira diretoria os historiadores Manoel Luiz Salgado Guimarães, Lúcia Maria Paschoal Guimarães, Estevão Rezende Martins e Valdeir Lopes. O Seminário disponibiliza em seu sítio os Anais de todas as edições. Os Departamentos de Pós-Graduação em História da UFOP e da UniRio, juntamente com a SBTHH publicam, desde 2008, a revista eletrônica História da Historiografia. Acessível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista>

¹⁸ José Honório Rodrigues publicou ao todo 13 livros de ensaios; com exceção de *Notícia Vária História* (1951), os demais foram textos escritos entre as décadas de 1950 e 1980, ou seja, estes textos acompanham o desenrolar da maior parte da carreira do historiador iniciada em 1940, com a publicação de *Civilização Holandesa no Brasil*.

históricas às discussões das produções ocorridas em diferentes períodos e países.

Para atingir estes objetivos, buscamos em Roger Chartier uma contribuição metodológica significativa ao pensar historicamente os elementos texto, leitor, autor, não subjugando a cultura escrita às determinações sociais e econômicas, mas entendendo-a como uma “dimensão do comportamento humano”. Sendo assim,

A função autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. A atribuição de um nome próprio a um discurso era para ele [Foucault] o resultado de “operações específicas e complexas” que colocam a unidade e a coerência de uma obra (ou conjunto de obras) em relação com a identidade de um sujeito construído¹⁹.

Numa perspectiva historicizada, tanto do autor quanto do leitor/historiador — que confere significado à obra — as fontes passam a ter tratamentos distintos das abordagens científicas que as consideravam autoridades em si mesmas. Atentos a tais implicações teóricas e metodológicas, passamos a interrogar o *corpus* documental da pesquisa, composto pelos ensaios historiográficos do historiador brasileiro, José Honório Rodrigues, e os resultados a que chegamos são apresentados nesta dissertação.

No primeiro capítulo, intitulado “Críticas e problemas da produção historiográfica sob a óptica de José Honório Rodrigues”, analisamos os escritos produzidos durante os anos de 1953 e 1973; neste material, José Honório examina obras históricas que considerava as mais relevantes para a compreensão da produção nacional, publicadas entre os anos 30 e 50 do século XX, enfatizando os aspectos constitutivos desta produção; posteriormente, nos voltamos aos textos sobre as estruturas ligadas direta ou indiretamente à produção do conhecimento histórico e, por fim, aos temas que

¹⁹ CHARTIER, Roger. *Literatura e Cultura escrita*. Estabilidade das obras, mobilidade dos textos, pluralidade das leituras. In: Conferência de fechamento da "Escola São Paulo de estudos avançados", USP, 24/08/2012. Disponível: < <http://www.espea.iel.unicamp.br/index.php?lang=pt-br> >, pp. 01

considerava relevantes, porém, pouco explorados no quadro geral da disciplina no Brasil. Assim, procuramos compreender, por meio da análise destes ensaios, o panorama da produção historiográfica brasileira que o conduziu na execução de seu ambicioso projeto de edificação de uma análise da escrita da história no Brasil.

No segundo capítulo, procuramos abordar as concepções que José Honório Rodrigues tinha sobre história, teoria e função do historiador, especificamente, após termos o seu diagnóstico sobre os principais problemas envolvidos na área no Brasil, investigamos seus posicionamentos diante da construção da história da historiografia brasileira. Considerando tais objetivos, a fim de compreendermos seu projeto historiográfico, elencamos como fontes ensaios de Rodrigues publicados entre 1965 e 1970; acrescentamos ao *corpus* documental deste capítulo o livro que constituiria o terceiro volume de História da História do Brasil, *Filosofia e História* (1981) e as obras do tríptico: *Teoria da História do Brasil* (1 ed. 1949; 4.ed. 1978), *A Pesquisa Histórica no Brasil* (1.ed.1952; 4.ed.1982), e, *A História da História do Brasil A historiografia conservadora.*(1988).

Em “O acerto de contas: um balanço sobre o projeto de construção de uma historiografia brasileira”, terceiro e último capítulo desta dissertação, analisamos as considerações expressas em ensaios redigidos pelo historiador na virada da década de 80 do século XX, tempo que marca a fase final de sua produção. Para isto elencamos como fontes, os ensaios publicados nesse decênio, cujas temáticas abrangem as análises da produção historiográfica brasileira e mundial, a história recente do Brasil e as entrevistas concedidas aos jovens historiadores, Carlos Guilherme Mota (1941-) e José Roberto Amaral Lapa (1938 - 2009), onde encontramos diálogos voltados à reflexão da trajetória de José Honório Rodrigues e da historiografia no Brasil.

CAPÍTULO 1 – CRÍTICAS E PROBLEMAS DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOB A ÓPTICA DE JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

Precursor dos estudos sistemáticos sobre teoria, metodologia e história da história do Brasil, José Honório Rodrigues (1913-1987) dedicou grande parte de sua vida à execução de um projeto historiográfico que tinha por objetivo promover mudanças efetivas no cenário da produção histórica e do papel desempenhado pelo historiador no país. Para além do chamado projeto tríplice²⁰, expresso em algumas das principais obras publicadas pelo autor, este plano foi dividido em várias frentes de atuação: em bibliotecas e arquivos; na docência desempenhada em diversas instituições; e na feitura e difusão de ensaios dedicados à avaliação das condições de produção e dos resultados dos estudos históricos no Brasil.

A partir de 1945, o interesse de Rodrigues voltou-se à realização de uma análise crítica sobre a produção histórica brasileira. Recorrentes foram os artigos e ensaios por ele produzidos versando a respeito dos problemas, apontamentos e expectativas em relação ao plano mais amplo da produção histórica do país.²¹ É sobre esta avaliação crítica das condições de produção e resultados dos estudos históricos no Brasil, realizada por José Honório, que versa o presente capítulo. Para análise desta temática, elencamos escritos produzidos entre os anos de 1953 e 1973²². Acreditamos que tais textos no

²⁰ *Teoria da História do Brasil* (1ª ed., 1949; 2ªed.; 3ªed.; 4ªed.; 5ªed. 1978); *A Pesquisa Histórica no Brasil* (1ªed., 1952; 2ªed., 1968; 3ªed. 1978; 4ªed. 1982); *História da História do Brasil*. Historiografia Colonial. Volume 1(1979); *História da História do Brasil*. Historiografia conservadora. Volume II: tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988; *História da História do Brasil*. A metafísica do latifúndio: o ultrarreacionário Oliveira Viana. Volume II: tomo II (1988).

²¹ Observe a tabela das fontes, em anexo. Esta preocupação temática inicia-se após frequentar nos EUA, o curso “*Nature. Methods and Types of History*”, que o introduziu ao estudo da História; intensifica sua publicação, a partir da década de 1960, como abordaremos no segundo capítulo.

²² É recorrente a publicação destes textos, nos livros de ensaios. Porque buscou dar maior divulgação a estes escritos, compilando-os em livros, optamos por analisar estas obras. Os ensaios elencados, para o corpus documental deste capítulo, encontram-se publicados nas seguintes obras: *História e historiadores do Brasil* (1965); *Vida e História* (1966); *História, Corpo do Tempo* (1976).

permitiram examinar, ao longo dessas três décadas, o quadro composto por José Honório a respeito o estado da arte de seu ofício. Nos primeiros ensaios aqui analisados, o historiador examina as obras históricas publicadas e enfatiza os aspectos constitutivos desta produção, segundo o que nomeava como as “regras da metodologia histórica”; posteriormente, passa a analisar aqueles indicados como os responsáveis pelas adversidades encontradas pelos pesquisadores, bem como pela baixa produção de escritos originais sobre os temas que considerava relevantes no quadro geral da disciplina no Brasil. Em outras palavras, ao longo deste capítulo, procuramos compreender, por meio da análise de ensaios, artigos e outros textos produzidos por Rodrigues, o panorama da produção historiográfica brasileira que o conduziu na proposição e execução de seu ambicioso projeto da edificação de uma análise da escrita da história no Brasil.

1.1 Alienação cultural²³ e historiografia brasileira

Quais seriam, portanto, os males e as potencialidades da historiografia brasileira para aquele que se propôs a executar um projeto historiográfico para o Brasil? Nos ensaios que compuseram a obra *História e historiadores do Brasil* (1965)²⁴, José Honório aponta para aqueles que considerava como os principais responsáveis pelos problemas enfrentados pela produção historiográfica brasileira no período: o Estado, as elites dirigentes e a Universidade.

José Honório Rodrigues exerceu diversas funções em instituições públicas de guarda de documentos, obras e demais arquivos²⁵; portanto,

²³ O termo “alienação cultural” foi utilizado por José Honório para caracterizar a elite dirigente do país por seu “desapeço pela história pátria”. In: RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p.8.

²⁴ Os textos analisados desta obra, além do prefácio explicativo, são: “A historiografia brasileira e o atual processo histórico”, publicado no *Jornal do Brasil* em 1958, e “Capistrano de Abreu e a Historiografia brasileira”, escrito em outubro de 1953.

²⁵ Reitero que Rodrigues trabalhou no Instituto Nacional do Livro, na Seção de Publicações; foi diretor interino da Biblioteca Nacional, responsável pela Divisão de Obras Raras e Publicações de 1946 a 1958, onde dirigiu e editou volumes dos *Anais da Biblioteca Nacional* e dos *Documentos Históricos* (*Anais da Biblioteca Nacional*. V.66-74 Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946-1955. *Documentos Históricos da Biblioteca Nacional*. V.71-110. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946-1955. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954-1956. 3v. Como diretor do Arquivo Nacional (1958 -1964) foi

conhecia como poucos o funcionamento destes estabelecimentos ao apontar, em um texto escrito em 1958²⁶, o Estado — a quem competia a preservação e a manutenção de fontes oficiais — como principal instância de comprometimento da qualidade da pesquisa histórica. O historiador carioca era um ferrenho crítico do despreparo das autoridades brasileiras que, dentre outros descasos com a memória histórica do país, permitiam que documentos oficiais fossem destruídos sem uma prévia seleção. Ademais, bibliotecas, museus e arquivos não recebiam orçamentos significativos, mas o próprio José Honório justificava esta contenção de gastos devido às necessidades econômicas urgentes do período, tais como as doenças, a miséria e o analfabetismo que afligiam a população do país.

Ainda em “A historiografia brasileira e o atual processo histórico”, Rodrigues denuncia a ausência de uma instituição histórica investigativa no Brasil, diferente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mais ‘comemorativo e acadêmico’, a exemplo de outras nações — como a *Royal Historical Society* e o *Institute of Historical Research*, na Inglaterra, ou a *Academia de La Historia* e *Instituto de Investigaciones Historicas*, na Argentina; em particular, esta denúncia é repetida desde *A pesquisa histórica* (1952). Para sanar tal problema, Rodrigues fomentava a criação de um Instituto Nacional de Pesquisa Histórica que:

[...] teria por finalidade essencial promover e estimular a pesquisa histórica oficial e pública no Brasil e no estrangeiro, planejando a organização dos instrumentos do trabalho histórico, inventariando e reproduzindo os papéis históricos do Brasil e relativos ao Brasil, existentes no estrangeiro, e preparando a formação profissional de historiadores e pesquisadores de história.²⁷

Apesar da proposta de criação desta instituição não ter alcançado um resultado prático, José Honório Rodrigues publicou, na última edição d’*A pesquisa*, uma lista de ações para facilitar amplamente a pesquisa histórica,

responsável pelas *Publicações do Arquivo Nacional*. V.43-50. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1960-1962.

²⁶ RODRIGUES, José Honório. A historiografia brasileira e o atual processo histórico (1958). In: RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p. 13-33.

²⁷ RODRIGUES, José Honório. *A Pesquisa histórica no Brasil*. Sua evolução e problemas atuais. 4ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982, p.239.

em relação às metodologias, pois, para o historiador “Toda pesquisa tem um fim público, isto é, de servir a todo e qualquer estudioso ou a toda e qualquer instituição.”²⁸. Para Ana Luíza Marques, a proposta da criação do instituto era a de aproximar o historiador da ação de um cientista da sociedade que pudesse definitivamente auxiliar a realização dos serviços públicos e, por consequência, a própria condução dos destinos do país ²⁹.

Encontramos na publicação de 1976, *História, Corpo do Tempo*³⁰, novos apontamentos mais diretamente vinculados ao regime de exceção pelo qual passava o país à época. Rodrigues apontava a limitação do acesso às fontes como um problema metodológico, associado à deficiência funcional dos arquivos, e como problema político, diretamente vinculado ao cerceamento da liberdade de informação e pesquisa. José Honório disserta sobre o temor das classes dirigentes à reação que o julgamento do historiador potencialmente era capaz de provocar no público. Para ele, até mesmo a história puramente factual estaria em risco, principalmente, no período autoritário porque:

Se somarmos à destruição inconsciente dos documentos a falta de informação oficial do Governo, poderemos escrever sem hesitação que vivemos na mais profunda obscuridade histórica contemporânea. (...) Já se notava a decadência do documento republicano comparado ao imperial,³¹ (...) Estamos, portanto, sem fontes, e cada vez mais sem fontes para a História Contemporânea, apesar da crescente produção documental oficial³².

²⁸ Ibidem, pp.247.

²⁹ Ana Luíza Marques faz esta observação pertinente sobre a proposta do instituto, dentro do sistema teórico-metodológico de José Honório, enfatizando que para ele “a pesquisa documental devia ser entendida em termos de serviço público” já que são atribuídas as mais diversas funções ao instituto, não se restringindo aos inventários e reprodução de fontes, mas atribuindo também ao pesquisador, mais de uma função, a de consultor, quando solicitado, pelos Poderes Públicos; assim, efetivar-se-ia a renovação historiográfica, com “controle sobre o método crítico (...) [e] o incentivo as obras de envergadura, verdadeiramente renovadoras.” MARQUES, Ana Luíza. *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000, p.21-22.

³⁰ RODRIGUES, José Honório. *História, corpo do tempo*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 2.ed.,1984. Mais precisamente no capítulo 11, “A pesquisa histórica e a história contemporânea”. Publicado, inicialmente, em O Jornal (29 de abril de 1973) sob o título “Por que não escrevo história contemporânea”. Em uso, para esta pesquisa, a 2º edição, de 1984.

³¹ Aqui, o historiador se refere as *Falas*, debatidas no Parlamento, e aos relatórios ministeriais, extintos desde a década de 1940.

³² Ibidem, pp.226-227.

José Honório Rodrigues responsabilizava a 'elite dirigente' pelos descaminhos que seguia o Brasil, observável na época em que o ensaio foi escrito (1973), através de imposições institucionais descompassadas com a realidade, não limitando as críticas somente às questões historiográficas. O Estado e a universidade aparecem em críticas posteriores, porém, é a esta elite, apontada genericamente em seus ensaios, que o estudioso atribui alguns dos maiores percalços enfrentados pela produção historiográfica do país, em suas palavras, porque "uma história verdadeiramente verdadeira despiria em sua inteira nudez todas as facetas da esterilização, da incapacidade da minoria dominadora que desde a Independência governa os nossos destinos"³³. Aqui é possível inferir que José Honório se refira aos setores de comando da sociedade, não se restringindo ao político, mas àqueles que de fato detinham o poder de mando dentro das estruturas culturais (museus, arquivos, bibliotecas e etc).

O terceiro problema enfrentado pela historiografia, segundo os apontamentos de José Honório, tinham origem nas universidades brasileiras; Rodrigues critica a estrutura curricular fixa dos cursos de História. Em sua opinião, o ensino dos grandes períodos históricos³⁴ criava uma falsa noção de continuidade temporal e estimulavam o eurocentrismo, contribuindo para a produção de indivíduos despreparados para qualquer leitura da realidade contemporânea. O currículo ainda revelava, a seu ver, o descaso com o estudo da História do Brasil,³⁵ que seguia padrões tradicionais e acabava reduzida a um acúmulo de nomes e datas. Para o historiador, com o passar do tempo, o acesso às revisões historiográficas sanaria este problema, pois aperfeiçoaria o

³³ RODRIGUES, J.H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p. 08. Discutiremos sobre história e verdade no próximo capítulo quando abordaremos o aparato conceitual usado por Rodrigues.

³⁴ "O ensino superior girava em torno de quatro disciplinas: História Antiga e Medieval, História Moderna e Contemporânea, História da América, e História do Brasil." RODRIGUES, José Honório. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984, p.16.

³⁵ Em estudo recente, sobre os primeiros cursos universitários de História no Rio de Janeiro, Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ) analisa a grade curricular do curso da Universidade do Distrito Federal (UDF) de 1935 e 1937, e também assinala a pouca relevância dada ao estudo da História do Brasil: "(...)enquanto o tempo dedicado ao estudo do Brasil era de 3 horas semanais apenas no segundo ano, o estudo da chamada 'História Universal' ocupava 14 horas semanais na primeira proposta curricular e 18 horas na segunda." FERREIRA, Marieta M. Notas sobre a institucionalização dos cursos universitários de História no Rio de Janeiro. In: GUIMARÃES, Manoel L. L. Salgado. (Org) *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro:7 Letras, 2007, p.148.

ensino universitário e, conseqüentemente, contribuiria para aprimoramento do ensino básico de toda a população.

José Honório era enfático ao atribuir a alienação cultural, advinda das elites dirigentes, reproduzidas nas políticas de Estado e, por conseguinte, replicada nos bancos universitários e destes à Educação Básica, a principal causa do atraso do país. Entre os historiadores e professores universitários, o desinteresse e desconhecimento da história contemporânea impediriam o desenvolvimento de novos temas e problemas para a pesquisa, por isso a produção, em sua maioria, era descompassada com o que se via em outros países, impedindo a efetiva preparação de professores e de pesquisadores. Para José Honório, a história tinha a função de servir ao povo e a Pátria, como instrumento de defesa das 'aspirações nacionais e emancipação do país'; o contrário, em sua opinião, era exatamente o que denunciava desde 1945: a "falta de relação entre o processo histórico e o pensamento historiográfico (...) a falta de resposta historiográfica aos apelos da história corrente"³⁶.

Sobre o pensamento historiográfico da época, Rodrigues lançou mão, como referência fundamental para suas reflexões, das questões sobre a escrita da história levantadas por Othmar Anderle³⁷, num artigo publicado em 1958³⁸. Apoiado nas reflexões propostas por Anderle e seu grupo, José Honório, afirma que a crise na disciplina ocorria em seus fundamentos porque a história deveria ser tratada a partir de um sólido embasamento teórico destinado a substituir uma fase 'puramente descritiva'; exigia-se da História síntese e pragmatismo diante do novo quadro mundial. Segundo Rodrigues, tal concepção histórica, de caráter generalista, e que rendeu bons frutos entre os iluministas, conferia sentido e significado aos fatos, interpretando-os à luz de uma visão filosófica. Em oposição a esta visão de conjunto, a especialização na história tinha o

³⁶ RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p. 15. Podemos aqui inferir sobre a diferenciação que José Honório Rodrigues faz da história vivida e da história narrada. Esta última, em sua produção nacional, segundo o historiador, não correspondia as necessidades da história no presente.

³⁷O historiador foi um dos fundadores (Áustria, 1961) e presidente (1964-1971) da *Sociedade Internacional para o Estudo Comparativo das Civilizações*. Com membros em mais de trinta países, a Conferência Anual tem sido realizada em cooperação com distintas instituições fora do EUA. As últimas reuniões foram em Paris(2006), São Petersburgo (2003), Jamaica (2002), Tóquio (1998) e Dublin (1994). Disponível em: <<http://www.wmich.edu/iscsc/about.html>> Acesso em: 04/09/2013.

³⁸Theoretische Geschichte. In: *Historische Zeitschrift*. Feb. 1958, pp.1-54. (Cf. RODRIGUES, J.H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p. 14.)

efeito indesejado de afastar o leitor comum, sedento por compreender sua realidade, restringindo-se a um público especializado; uma história que aboliria as grandes sínteses, que não se prestava a utilidade pública, servindo apenas a si mesma.

Outra ideia recorrente nesta publicação é a importância da pesquisa e da escrita da história contemporânea, deixada de lado pelos historiadores do XIX, mas que se encontrava desde as origens do ofício, na Grécia Antiga: o que chamava de a escritura da história *in statu nascendi*. Até então feita predominantemente por jornalistas e militantes, este tipo de história deveria ser produzido também por historiadores, utilizando os métodos da história *post mortem* para compreensão da realidade. Suas referências para esta ideia estão em Geoffrey Barraclough, autor de *History in a Changing World*, Gerhard Ritter, presidente da Associação Alemã de Historiadores e Karl Mannheim³⁹.

Para Rodrigues, uma alternativa proposta à leitura da história do Brasil, geralmente saudosista e personalista, era o movimento iniciado por Capistrano de Abreu⁴⁰ de “revisão ideológica” inédita em nossa historiografia, responsabilizando-o por uma nova interpretação da história do Brasil. Capistrano era a primeira referência para José Honório, no âmbito deste movimento historiográfico que pregava a necessária superação do “factualismo”, ao tentar compreender os fatos revelados em sua origem, ligando-os aos fatos mais amplos, generalizando as ações e formulando teorias. Rodrigues aponta para a formação inicial positivista de Capistrano influenciada por Spencer e Comte, Teixeira Mendes e Miguel de Lemos, posteriormente superada pelo realismo histórico⁴¹. É perceptível a influência

³⁹Ritter em discurso de encerramento no X Congresso Internacional de História, pronunciado em 1950. E Mannheim em *Man and Society in a Age of Reconstruction*, New York, 1941.

⁴⁰ Silva afirma que Capistrano de Abreu foi uma referência permanente para José Honório; para além de sua direção na Sociedade Capistrano de Abreu (1927-1969), norteador na construção do seu projeto historiográfico; e de fato, a menção a Capistrano é recorrente na obra de José Honório. SILVA, Ítala Byanca Moraes da. Anotar e prefaciar a obra do “Mestre”: Reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, n°3, 2009, p.85.

⁴¹ “Um realismo histórico que se nutre na observação dos fatos, apurados em fontes autênticas e fidedignas que busca na terra e na economia seus fundamentos de estrutura, sem comparação com os processos naturais e que procura compreender o fim e o sentido históricos e a imprevisível criação de valores”. RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p.41. Em *História e historiografia (1970)*, José Honório dedica um capítulo para explanar sobre a singular influência do pensamento germânico na formação intelectual do historiador, no período em que no Brasil a influência da cultura francesa era preponderante.

que Capistrano de Abreu exerceu sobre José Honório na condução da sua formação intelectual; a multiplicidade de referências teóricas de Rodrigues, muitas vezes criticada, é característica também naquele que apontava como um de seus “mestres”.

Para José Honório, esta mudança de “revisão ideológica” dentro da historiografia nacional tem continuidade em 1930⁴², um período de muitas transformações e que teve uma reação imediata por parte dos historiadores; e dentre eles, sobretudo daqueles com formação eclética que aceitaram “a colaboração de teorias das várias disciplinas sociais”, assim como Capistrano. A título de exemplo, o historiador carioca destaca as interpretações de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda:

[...] ambos renovadores na seleção factual e na análise da cultura pela aplicação de novos instrumentos, vindos da antropologia, da sociologia, e da psicologia (...) *Casa Grande e Senzala* (1934), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Raízes do Brasil* (1936) são obras definitivas no quadro da historiografia brasileira deste século, pela marcada originalidade da pesquisa criadora dos fatos e pela força integradora das conexões íntimas, estruturais e superestruturais e das seqüências dos períodos característicos.⁴³

Havia também, segundo Rodrigues, uma corrente unitária representada, principalmente, por estudiosos ligados ao marxismo, como era o caso de Caio Prado Junior e de suas análises sobre as estruturas econômicas e a respeito das ideias sociais; sobre os livros *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) e *História Econômica do Brasil* (1945), Rodrigues comenta:

O primeiro é uma análise mais importante, pela originalidade da pesquisa e documentação e pelo interesse em surpreender o sentido da evolução, visto em toda a sua totalidade nacional (...) O segundo é a melhor síntese de nossa história econômica, apesar do faccionismo da interpretação⁴⁴.

⁴²Falco parte de 3 premissas – características teórico-metodológicas, condições históricas e, difusão e circulação da produção historiográfica – para entender a produção contemporânea da pesquisa histórica no Brasil, dividindo o período anterior à implantação dos cursos de pós-graduação em três: 1930-1945; 1945-1958/9; 1958/9-1968/69. José Honório aparece neste quadro como o primeiro denunciante da falta de embasamento teórico por parte dos historiadores do país. FALCON, Francisco J. C. A historiografia fluminense a partir dos anos 1950 / 1960: algumas direções de pesquisa. In: GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-68.

⁴³ RODRIGUES, J.H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p. 26-27.

⁴⁴ *Ibidem*, pp.27.

Para José Honório, ambas correntes de renovação historiográfica, eclética e unitária, tinham em comum o ‘interesse pelo presente’; mas ambas se separavam pelo radicalismo da segunda, caracterizada como:

[...] anti-espiritualista, pela derivação do mundo ideológico das necessidades materiais, pela representação quase exclusiva da estrutura e do processo do desenvolvimento prático do homem (...) pela manifesta compaixão aos deserdados (...). [mas] Aqui o povo aparece, mais que em outras histórias, e menos do que se devia esperar”⁴⁵.

Para José Honório, as narrativas historiográficas representam as visões de mundo de seus historiadores; as produções obsoletas ou mortas surgiam quando não havia conexão entre passado e presente: “Reescrever a história não significa só reinterpretá-la de acordo com teorias, pois o que se quer não são só as teorias, mas os fatos que iluminem o presente, os temas que respondam às inquietações presentes”.⁴⁶ A história era por ele vista como o fato vivido ou a sua narração. A teoria seria composta pelos “princípios conceituais que precedem, guiam e acompanham a técnica da pesquisa e o processo crítico na história geral ou nacional”; e, a historiografia (a história da história) um estudo interessado em desvendar a compreensão que tinham aqueles que narraram histórias.

No ensaio “A historiografia brasileira e o atual processo histórico”⁴⁷, Rodrigues expressa a nova significação dada para a sua produção histórica, considerando o presente como motivador do conhecimento:

Não se trata de querer transformar a história em disciplina pragmática, nem de eliminar a investigação desinteressada, e muito menos de fazer, o de que também precisamos, história contemporânea. Trata-se de responder às perguntas concretas que o processo histórico levanta, pois cada geração deve escrever a sua história e é especialmente por isso que ela é escrita. Responder ao presente não significa escrever sobre o presente, mas escrever sobre aqueles temas que interessam ao presente, porque se não o fazem os historiadores

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Ibidem, pp. 23.

⁴⁷ Artigo publicado no *Jornal do Brasil* em agosto de 1958, e lançado no livro *História e historiadores do Brasil* (1965).

cuidadosos, sabedores e altamente treinados, os inescrupulosos e desqualificados o farão por eles ⁴⁸.

Esta, portanto, seria a compreensão dada por Rodrigues a sua própria narrativa histórica? José Honório relata, em entrevista concedida à revista “IstoÉ”, em 1978⁴⁹, o momento⁵⁰ em que houve esta mudança de entendimento sobre seu ofício:

Andava por essa época [1955] seguindo um rumo erudito, e a Escola [Escola Superior de Guerra] foi uma grande abertura, que me sacudiu, revelando a realidade brasileira contemporânea. O que escrevi depois de 1955 tem um sentido de participação no presente como nunca teve antes. Desde então liguei muito mais a história ao presente e compreendi melhor o que Croce, por influência hegeliana, ensinara, que a história é sempre contemporânea, é sempre presente ⁵¹.

1.2. Vida e História⁵²

José Honório passou, portanto, a conceber a História como meio de transformação da realidade⁵³ através do que, desde então nomeou como “consciência histórica”⁵⁴. Para que essa perspectiva, no entanto, pudesse

⁴⁸ RODRIGUES, José Honório. op., cit, (1965), pp.22-23.

⁴⁹ A Carlos Guilherme Mota, publicada em 12/04/1978.

⁵⁰ O marco inicial dos ensaios na produção honoriana ocorre com a publicação de duas obras, *Aspirações Nacionais* (1963) e *Conciliação e Reforma* (1965). Estas obras expressam uma nova fase na carreira de José Honório - reconhecido por sua erudição - como historiador interpretativo, segundo Leda Boêchat. Cf: RODRIGUES, Lêda Boechat e MELLO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p.25. Raquel Glezer assinala o ensaio *Vida e História*, de 1966, como a síntese da evolução da fase descritiva para a analítica, iniciada em 1957, com a 2ª edição de *Teoria da História*. A historiadora caracteriza o nível descritivo como “o alheamento da figura do autor, a não participação na apresentação do estudo, o afastamento como indivíduo do processo explicativo” tornando seu produto uma “erudita narração, sem explicitação de hipótese de trabalho, sem conceitos e sem conclusão.” GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976, p. 67. A versão completa em PDF da tese não apresenta paginação, portanto, utilizamos neste trabalho, a contagem presente na barra superior do suporte.

⁵¹ RODRIGUES, José Honório *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p.144.

⁵² Os dois ensaios analisados neste item foram escritos inicialmente para conferências pronunciadas em 1965 e 1966.

⁵³ “A realidade é um somatório de várias realidades, conjunturais e estruturais, regionais e nacionais, oficiais e populares, coexistindo em vários tempos históricos. A realidade é uma composição de elementos da conjuntura e da estrutura.” RODRIGUES, José Honório. *Filosofia e história*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p 09.

⁵⁴ Para Marques a consciência histórica em José Honório é “o reconhecimento do registro histórico como indispensável à eficácia das ações.” MARQUES, Ana Luiza. *José Honório*

render os frutos desejados, seria necessária a elaboração de estudos críticos e de revisão da produção acadêmica que relacionassem a prática histórica com a época vivida pelo historiador. Recorrentemente, Rodrigues asseverava que o documento não tinha autoridade em si mesmo, mas os questionamentos colocados pelo historiador às fontes a partir das necessidades do presente é que proporcionam uma história potencialmente transformadora.

Em “As tendências da Historiografia brasileira e as necessidades da pesquisa”⁵⁵, José Honório faz um balanço da atividade usando como referência o ensaio “A historiografia brasileira e o atual processo histórico”, de 1958, que analisamos inicialmente. O estudioso conclui que a crise na historiografia nacional não foi momentânea, tratava-se de um problema profundamente arraigado na forma de se pensar e produzir a história no Brasil, “na falta de correspondência entre a pesquisa e seus resultados e as necessidades sociais de nossa época”. O problema não residia, segundo ele, nos temas escolhidos, nem na pesquisa desinteressada “que deve sempre existir e subsistir”, a questão estava “no total desinteresse pela história contemporânea e especialmente na falta de resposta aos apelos e complexidades presentes.”⁵⁶

Rodrigues declarava enxergar como positiva a expansão das universidades, através da difusão das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Ainda assim, não deixava de mencionar que, num primeiro momento, tal iniciativa não tenha aumentado o interesse pela pesquisa histórica — tendo em vista o número de matriculados⁵⁷ — nem pelo ensino de história, já que para a docência era exigido um ano a mais de estudo e menos da metade dos bacharéis se matriculavam para licenciar-se.

Embora considerando uma iniciativa positiva, José Honório conclui que este novo público dedicado às letras históricas, majoritariamente feminino, tinha interesse tão somente pela ilustração. Ademais, em sua avaliação, o bacharelado não habilitava para a pesquisa e não havia, no Brasil, com raras

Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000, p.1.

⁵⁵ Também publicado no livro *Vida e História* (1ªed.1966), foi inicialmente preparado para a Conferência sobre as Ciências Sociais na América Latina, realizada no Rio de Janeiro, de 29 a 31 de março de 1965.

⁵⁶ RODRIGUES, J.H. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p. 58-59.

⁵⁷ Para estas conclusões, José Honório utilizou a *Sinopse Estatística do Ensino Superior*, do Ministério de Educação e Cultura de 1962. (Cf. RODRIGUES, José Honório. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p.59-60)

exceções, uma prática de contratação de pesquisadores para ocupação de cargos em instituições de pesquisa, memória e de guarda de documentos. Em seu plano de criação do Instituto Nacional de Pesquisa Histórica⁵⁸, Rodrigues declara a necessidade de profissionalização das carreiras de historiador e pesquisador, a exemplo do que ocorrera nos EUA e na Europa, eram imprescindíveis também reformulações nos cursos de arquivística e biblioteconomia, além do estabelecimento da obrigatoriedade do estágio em bibliotecas e arquivos por discentes de História para a conclusão de seus cursos, já que as faculdades não ensinavam métodos de pesquisa, nem catalogação.

O grande êxito de publicação em História no Brasil ainda encontrava-se limitado ao campo do livro didático, escrito por docentes da Educação Básica. Este gênero representava para José Honório “o maior exemplo de degradação da disciplina”, além de um verdadeiro malefício, em função de sua difusão entre os mais jovens cidadãos:

Um deles, na 48ª edição, rendendo uma fortuna que só tem paralelo nos grandes triunfos industriais e comerciais, mantém a tradição da maior importância e significação da história colonial em relação à nacional, seja imperial ou republicana, esta quase sempre um borrão de nomes presidenciais e datas de significação duvidosa. O caráter oficial da seleção dos fatos, o sentido elitista do processo histórico, com o acento sobre a importância da liderança e a insignificância do povo, a total ausência do espírito crítico, a conformação incontestável ao processo histórico dos vencedores, ensina uma história conformista, compromissória, privilegiada, anti-reformista, conservadora⁵⁹.

Para o historiador, era necessário superar a ‘história antiquária’, combater uma construção histórica ‘anti-reformista’, ‘dissonante entre saber histórico e processo histórico’. José Honório proclamava-se um historiador cuja produção contribuiria para superação do arcaísmo presente na escrita histórica nacional. Diante, entretanto, do exposto quadro emergencial do ensino e divulgação histórica, José Honório afirma: “Não sei até que ponto se deve

⁵⁸ Este plano está presente na obra *A Pesquisa Histórica no Brasil*, desde sua primeira edição em 1952.

⁵⁹ RODRIGUES, J.H. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p.60-61.

reconhecer a necessidade de que a pesquisa se modere em tarefas mais modestas, em face do subdesenvolvimento”⁶⁰.

Ainda no campo editorial, Rodrigues faz uma análise pessimista das grandes coleções históricas⁶¹ oriundas da iniciativa privada ou de instituições de guarda de documentos, em razão diminuição ou paralisação de algumas publicações; sintoma, para ele, de uma possível separação de interesses entre a sociedade e a história. As revistas especializadas⁶², ao seu ver, não tinham legitimidade entre historiadores e pesquisadores; quando os recursos surgiam, não eram voltados para pesquisa, mas para a divulgação de uma historiografia comemorativa. A produção universitária se reduzia às teses de doutorado e àquelas escritas especificamente para concursos destinados à conquista de cátedras universitárias, sem que houvesse qualquer preocupação dos autores em divulgar tais estudos a um público mais amplo. José Honório conclui que:

Nenhuma tentativa de renovação merece acolhida, não só dos poderes públicos, como universitário, os primeiros inteiramente céticos quanto à função da história na sociedade, e os segundos indiferentes às tarefas da investigação e concentrados no esforço de preparação dos professores do ensino médio, a sua mais importante missão”⁶³.

As novas coleções que surgiram depois de 1958, contudo, prosperavam, aos olhos de Rodrigues, porque respondiam às inquietações do presente. Exemplo disso foi a coleção publicada pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB); “Corpo e Alma do Brasil” pela editora Difusão Europeia do Livro; “Perspectivas do Nosso Tempo” da editora Fundo de Cultura; “Retratos do Brasil”, que saiu pela editora Civilização Brasileira; e, os novos lançamentos das editoras Fulgor e o Tempo Brasileiro.

Dentro do quadro historiográfico exposto em 1958, José Honório assinala o crescimento e os desdobramentos da corrente marxista; destaca

⁶⁰ Ibidem, pp.61.

⁶¹“Algumas tinham praticamente encerrado suas publicações como a “Brasileira”, da Editora Nacional, e a “Biblioteca Histórica Brasileira”, da Martins; “Documentos Brasileiros”, da Editora José Olympio, tinha publicações irregulares e geralmente voltava-se ao “espírito comemorativo de centenários pessoais e cidadãos”; além do encerramento da publicação dos “Documentos Históricos” da Biblioteca Nacional.” RODRIGUES, J.H. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p.58.

⁶² Majoritariamente, revistas de institutos históricos e geográficos estaduais. (Cf.RODRIGUES, J.H. *A Pesquisa histórica no Brasil*. Sua evolução e problemas atuais.4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982, p.171.)

⁶³ RODRIGUES, José Honório, op., cit, (1986), pp.59

entre as suas publicações, as reimpressões “sem retoques” da *História Econômica do Brasil*, de Caio Prado Jr; e a *Revista Brasiliense*. Além das publicações tidas como as mais ortodoxas⁶⁴ “a ponto de constituir parte tão substancial quanto a descrição histórica a mera divulgação teórica marxista”; a Editora Vitória do PCB e, nas “fronteiras do marxismo” a *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado.⁶⁵

José Honório Rodrigues afirma existir uma nova corrente historiográfica revisionista, com ideias nacionalistas e desenvolvimentistas, mas “sem dependências doutrinárias, nutridas de ideias, teorias e métodos variados, capazes de servir melhor à maior variedade humana, social e econômica de vários Brasis.” Apresenta, portanto, um movimento dentro da historiografia brasileira,⁶⁶ diferente em sua essência do revisionismo marxista, mas com um propósito de atuação política, como explica no excerto abaixo:

Para nacionalistas e desenvolvimentistas, a história pode e deve ter uma influência ativa e é um veículo ideal para inculcar idéias políticas, despertar a consciência de nossa insuficiência, impor as decisões que afetem a estrutura a fabricar um novo destino. O passado não é então abolido aos olhos da geração presente e mesmo que ela rejeite o que os seus pais fizeram, ela quer utilizá-lo com os seus símbolos para a criação do futuro⁶⁷.

É importante atentarmos para esta diferenciação recorrente nos escritos de José Honório, apesar de sutis, entre a sua proposta de mudanças da sociedade brasileira através da História — inclusive com embates no campo da produção historiográfica — e as propostas revolucionárias das esquerdas de

⁶⁴ “Cadernos do Povo Brasileiro”; obras de Rui Facó, especialmente *Cangaceiros e Fanáticos*; a revista “Estudos Sociais”; *A História Sincera da República*, de Leôncio Basbaum; e os estudos de Nelson Werneck Sodré, principalmente a síntese *Formação Histórica do Brasil e História da Burguesia Brasileira*.”

⁶⁵ RODRIGUES, José Honório. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p. 62-63.

⁶⁶ José Honório não afirma que havia um grupo em torno destes propósitos, mas estudos com estas características. Apesar de não dita, fica implícita a sua identificação com esta corrente, “em que se distinguem especialmente Barbosa Lima Sobrinho, numa obra ainda provisória (*Desde quando somos nacionalistas*, Cadernos do Povo, nº24); Hélio Jaguaribe, *O Nacionalismo na Atualidade* (ISEB, 1958), e Candido Antonio Mendes de Almeida, *Nacionalismo e Desenvolvimento* (Instituto Brasileiro de Estudos Afro-asiáticos, 1963)”. RODRIGUES, José Honório. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p.59 p.63.

⁶⁷ RODRIGUES, José Honório, op. cit., p. 63.

inspiração marxista. Nos artigos e conferências, muitas vezes dirigidos à juventude, Rodrigues enfatiza que não pode haver uma ruptura radical, pois:

Na hora da transformação, uns querem conservar demais e outros querem desembaraçar-se de tudo. Um e outro são brados infrutíferos, pois estão ambos fora das fronteiras da Vida e da História. Os momentos frutíferos (...) são aqueles em que se ajusta o equilíbrio entre as duas forças⁶⁸.

Uma parte da historiografia dedicada ao estudo de José Honório Rodrigues⁶⁹ aponta problemas em sua ‘fluidez teórica’ - caracterizada pela não coerência entre a prática teórica e prática individual — advindas de sua formação como historiador por vocação e, posteriormente, pela formação específica⁷⁰ nos EUA. A não coerência apresenta-se na participação apenas “aparente” de José Honório em relação às mudanças por ele incitadas. Aparente, pois, o estudioso propõe como atividade política a própria atuação intelectual.

José Honório, contudo, assevera recorrentemente que a sua atuação política estava contemplada no próprio trabalho intelectual. Por ocasião da conferência que proferiu na PUC-SP, citada anteriormente, Rodrigues afirmou que ao historiador eram facultadas três tomadas de posição, a saber: a neutra, a partidária e a existencial. Em sua opinião, esta última era a mais importante, pois estava vinculada às necessidades do presente e possuía um efetivo potencial transformador da realidade:

[...] a história existe na escala do presente, é uma força de transformação. É uma vivência que serve especificamente para fabricar um destino. A História serve para transformar o mundo. E não foi Marx que teve esta visão – embora lhe coubesse como a ninguém mais o poder de fixá-la.[...] a realidade histórica, tal como existe hoje, produz, fabrica uma diferente consciência da própria realidade, que é em si mesma um fator de transformação.⁷¹

⁶⁸ Em conferência pronunciada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento da PUC-SP, em 18/10/1965, depois publicada no ensaio *Vida e História*. RODRIGUES, J.H. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p. 17-18.

⁶⁹ GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

⁷⁰ Como já mencionado, Rodrigues morou nos Estados Unidos entre 1943-44, onde se especializou pela Universidade de Columbia, como historiador profissional.

⁷¹ RODRIGUES, José Honório, op., cit., (1986), p. 17.

José Honório Rodrigues acreditava que seu embate ocorria nos diversos campos da História⁷², em suas próprias palavras: “o passado é um conceito temporal, sempre representado por um caos e que nós, os historiadores, é que o transformamos em produto espiritual.”⁷³ Rodrigues aponta-nos, no excerto abaixo, que esta consciência histórica perpassa ao que é nacional:

A consciência histórica, que inspira e estimula a consciência nacional, não é, como ensinou Eduard Spranger, meramente reprodutiva. Muito mais do que isso, o grande historiador constrói o mundo espiritual que começa nele de modo indissolúvel. A vida de cuja compreensão ele se apropriou torna-se imediatamente uma força presente e formadora do futuro⁷⁴.

Carlos Guilherme Mota afirma que a pedra angular da “teoria honoriana” sobre a história do Brasil era “A Questão Nacional”. Sua concepção de uma história viva e combatente, voltada às necessidades do presente — daí a importância dada à história interpretativa — passando por uma produção histórica variada que abrange os estudos políticos acerca da Independência, do parlamento e das relações internacionais até os ensaios teóricos, as publicações de documentos, as conferências e os artigos de jornais; e finalmente sua dedicação sistemática à historiografia brasileira⁷⁵.

⁷²Como já citado, exerceu funções no Instituto Nacional do Livro na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional onde alterou sua estrutura convidando especialistas de vários países que contribuíram para alcançar as novas diretrizes almejadas. Exerceu o magistério por períodos curtos em algumas universidades. Mas o seu maior empenho encontrava-se na feitura do projeto tríade sobre a historiografia do Brasil.

⁷³ RODRIGUES, José Honório. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p. 16. Para Astor Diehl, a história em José Honório tem uma finalidade, um sentido, e a sua captação estaria na compreensão da história e sua conseqüente consciência DIEHL, Astor A. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

⁷⁴ RODRIGUES, J.H. *História e historiografia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 151.

⁷⁵ Mota também aponta para outro aspecto da teoria de José Honório sobre o Brasil, a conciliação na história, marcada pela vitória das forças conservadoras em detrimento daquelas que se apresentavam como a renovação, ou seja, “há um esboço de revolução, vem a contra-revolução que reprime e extrai algumas poucas teses do movimento inovador e as aplica ao seu modo, conciliando e esvaziando o conteúdo histórico.” Sendo assim, a história tem papel fundamental na formação de uma consciência nacional capaz de quebrar esse ciclo de “*irresolução do Brasil, enquanto país moderno e auto-suficiente*”. MOTA, Carlos Guilherme. José Honório Rodrigues: a obra inacabada. *Estudos Avançados*, v.2, n. 3, São Paulo, set./dez., 1988, p. 107-110.

No ensaio “As tendências da Historiografia Brasileira e as necessidades da pesquisa”⁷⁶, o povo aparece no quadro histórico-político, marginalizado das esferas de poder e indiferente aos embates ocorridos neste estrato, o que para José Honório representa um dos mais graves problemas políticos brasileiros; para ele esta indiferença da população ao que se refere à política explica-se porque:

Sua apatia não é devida à sua índole pacífica, como se tornou comum dizer, mas motivada pelo divórcio entre o Poder e a Sociedade; nem sua índole é assim tão pacífica, pois nas horas em que sua subsistência ou sua liberdade estiveram realmente ameaçadas, a história brasileira ensangüentou-se. (...) assim também a distonia entre o escrito histórico e o próprio processo histórico se reflete na indiferença pela pesquisa e pela historiografia⁷⁷.

A produção historiográfica latino-americana também é julgada desta forma; composta, a seu ver, majoritariamente por pesquisas e escritos que não condizem com as necessidades existentes no presente. Para José Honório, se existe uma unidade latino-americana ela está na consciência do seu subdesenvolvimento, fazendo-se necessária a construção de uma escrita histórica que a liberte das amarras da historiografia conservadora, defensora do *status quo*, pois

[...] a pesquisa e a historiografia latino-americanas continuam a investigar e a reconstruir sem nenhum interesse de servir ao presente, no seu trágico esforço para fugir do subdesenvolvimento e encaminhar-se para os primeiros planos da prosperidade e das verdadeiras liberdades humanas que o povo desconhece. Não significa isto que se advogue e defenda o abandono da pesquisa, da História pela História, “do gosto frio e puro da história”, mas reconhecer o saber histórico deve responder a uma necessidade da vida e tem um valor potencial pragmático⁷⁸.

Conclui-se que, para José Honório, o historiador tem um papel muito importante na sociedade porque é ele quem constrói uma História que pode ou não ter um sentido, uma significação para os indivíduos que poderão conceber, através da consciência desenvolvida a partir do estudo desta, um plano de

⁷⁶ Em Conferência sobre as Ciências Sociais na América Latina, realizada no Rio de Janeiro, de 29 a 31 de março de 1965, publicada em *Vida e História*.

⁷⁷ RODRIGUES, José Honório. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p.64.

⁷⁸ *Ibidem*, p.65.

futuro para a nação. Portanto, a escrita histórica tem uma ligação direta com a ideia que uma sociedade — ou setores desta — faz de si mesma, daí a importância do engajamento do historiador na construção de uma narrativa que seja capaz de apontar as mazelas e contribuir com a superação do subdesenvolvimento de um país; para isso, essa prática historiográfica deveria trazer à tona heróis desconhecidos da nação, na verdade, o próprio povo, com raras exceções, esquecido nos escritos dos historiadores brasileiros, insuflando assim expectativas de mudança, pois, “cada cultura tem de criar sua própria forma de História, pois ela é como ensinou J. Huizinga, uma espécie de prestação de contas ” ⁷⁹.

1.3 Um balanço sobre o próprio ofício.

Na conferência proferida durante o II Encontro Brasileiro sobre a Introdução aos Estudos Históricos,⁸⁰ José Honório Rodrigues narra sua trajetória pioneira para a renovação da disciplina, com a inserção da teoria, da metodologia e da historiografia no *métier* do historiador brasileiro; este projeto de trabalho teve origem em 1944-45, durante o curso, já mencionado, nos EUA. Neste discurso o historiador carioca enfatiza, mais que a pesquisa, o ensino da História como um importante meio de renovação do pensamento histórico no Brasil.

[...] vim para o Brasil entusiasmado com a idéia de renovar os métodos da História, criar novos campos de estudo, rever o que se fazia e tentar reformar o ensino superior de História. É neste que se inicia, em cadeia, a renovação completa, mas é no primário que realmente se produzem seus efeitos finais. Especialmente para quem deseja, como eu desejo, não só interpretar de novo a História do Brasil, mas transformá-la. Para que ela seja, como deve ser, um instrumento de formação da consciência nacional, de identificação e integração nacional e social, um fator decisivo de progresso e desenvolvimento. A História, como ensinava Huizinga, tem sempre um valor potencial ⁸¹.

⁷⁹ Ibidem, p.66.

⁸⁰ Em 08 de dezembro de 1970, na cidade de Juiz de Fora - MG, posteriormente publicada no primeiro capítulo de *História, Corpo do Tempo* (1.ed,1976), com o título “Reflexões sobre os rumos da História”. Na pesquisa usamos a 2ª edição, de 1984.

⁸¹ RODRIGUES, J.H. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984, p.16.

É importante atentarmos para a relação de José Honório com a Academia, onde lecionou sempre por curtos períodos. Rodrigues ministrou aulas, esporadicamente, no Instituto Rio Branco, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense, na Universidade Católica e na Universidade de Brasília. No exterior, atuou como professor-visitante nas universidades norte-americanas: Austin (Texas) 1963-1964 e 1966 e Columbia (Nova York) em 1970. No entanto, o afastamento de Rodrigues de uma vida mais sistemática junto à academia é sempre mencionado como um fato digno de nota, como asseveraram o historiador Francisco José Falcon, em entrevista concedida a revista *História e historiografia* (2011), e a historiadora Leda Boechat Rodrigues:

[José Honório Rodrigues] Conquistou o reconhecimento dos meios universitários estrangeiros antes de obtê-lo dos brasileiros (com honrosas exceções); (...) Se a Universidade do Estado de Nova York lhe ofereceu uma cátedra vitalícia, ele foi a vida inteira discriminado pela Universidade do Rio de Janeiro

José Honório fazia críticas à universidade e ao ensino de História, como já observamos nos ensaios analisados. Os motivos que o levaram a não atuar mais constantemente na universidade, permanecem obscuros; existem, porém, relatos da animosidade nas relações por ele travadas neste espaço. O que é perceptível nas suas publicações, tanto dos ensaios quanto das obras do projeto tríptico, é a intenção de divulgar e compartilhar com os historiadores, docentes e a juventude, a sua ideia de 'história combatente'. Em uma conferência proferida na cidade mineira de Juiz de Fora⁸³, José Honório enfatiza a função da História como transformadora da realidade em âmbito nacional:

É o espírito da verdade, buscada sem temor; é a compreensão de que o objetivo da História é dar sentido ao passado; é conhecer e compreender não para contemplar um passado morto, mas para agir, para libertar consciências, para dar força às forças do progresso, para identificar e integrar o país todo

⁸² RODRIGUES, Lêda Boechat e MELLO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p.133.

⁸³ Em 08 de dezembro de 1970, no II Encontro Brasileiro sobre Introdução aos Estudos Históricos, posteriormente publicada em *História, Corpo do Tempo* (2ªed.1984).

com sua história e seu futuro, essa é toda a tarefa da História⁸⁴.

O historiador Francisco Falcon destacou nas análises de autores e obras produzidas por Rodrigues a recorrência da busca pelas ‘premissas teóricas’ e pelos ‘compromissos sociais, políticos e ideológicos’ destas produções e de seus autores; prevalecendo a busca pelos compromissos políticos e ideológicos dos autores a partir da década de 1960.⁸⁵ Não sabemos com exatidão o tipo de recepção destas ideias entre os pares de Rodrigues, porém, é possível inferir que esta militância e o gosto pela denúncia podem tê-lo afastado das universidades, sob a alegação de que comprometiam a cientificidade de suas análises:

Na obra de Rodrigues, a procura do equilíbrio entre esses dois objetivos analíticos cedeu aos poucos, a partir dos anos 1960, à ênfase no segundo, enquanto decorrência lógica de seu empenho no que denominava “História combatente”, isto é, do compromisso do historiador com os desafios do seu próprio presente⁸⁶.

Nessa mesma conferência, ele reitera a importância do estudo da história contemporânea — para conexão entre a sociedade e a história — perpassando pelo ensino da disciplina, que deveria sofrer mudanças no currículo, como já proposto no ensaio “A historiografia brasileira e o atual processo histórico”, de 1958, porém, com enfoque nas histórias regionais em diálogo com as histórias de alcance mais amplo:

⁸⁴ RODRIGUES, J.H. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984, p.38.

⁸⁵ José Honório também é apontado como ideólogo por Raquel Glezer que em sua tese de doutoramento, construiu um modelo de análise da obra de José Honório, a partir da Bibliometria, visando “(...) a compreensão da estruturação da obra quanto ao conteúdo, a localização dos conceitos que a regem, a construção do universo cultural do autor - dados estes que contribuem na elucidação do que propusemos, o estudo do fazer e saber numa obra de historiador brasileiro contemporâneo”. Para a historiadora, a análise dos escritos históricos através de um modelo de análise historiográfica empregado, permite reconhecermos “o modo de produção de uma obra histórica” (...) “permitindo a distinção entre o saber e o fazer, isto é, entre a metodologia e a teoria da história.” GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976. p. 62 e 15, respectivamente.

⁸⁶ FALCON, Francisco C. A historiografia fluminense a partir dos anos 1950 / 1960: algumas direções de pesquisa. In: GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 18.

[...] precisamos preparar o professorado e a juventude com (...)uma história que não se limite à Europa, que dê relevo ao papel dos EUA, aos novos poderes mundiais como a União Soviética, que conheça China e não desconheça o nascimento nacional africano desde 1960. E não é só isto. Uma nova formação do professorado e, conseqüentemente, da juventude brasileira exige que seja em torno da História do Brasil que se centralize o ensino de História, e pode bem ser ao redor da história estadual ou local que a do Brasil ou a geral apareça e cresça.”⁸⁷

Apesar de apontar para o desenvolvimento positivo que a introdução da cadeira de Metodologia trouxe para as universidades, Rodrigues tece críticas ao perfil de profissionais contratados para ocupá-las, geralmente, especialistas estrangeiros, em sua maioria franceses. José Honório expõe abertamente o que, em sua opinião, seria o perfil ideal do ocupante da cadeira de Metodologia,

Penso que a cadeira exige um grande conhecimento das fontes, da pesquisa, dos problemas da História do Brasil e serão estes os elementos instrutivos e preparatórios para a ampliação do conhecimento. É por isso que ela é a grande inovação surgida desde a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. E ainda assim, devemos considerar que ela não chegou à equivalência disciplinar das outras [matérias do currículo], e só aos poucos se tem visto a grandeza didática e profissional de seu desdobramento: Teoria, Historiografia, Pesquisa. Destas, só a primeira conseguiu um status igual à da Introdução, e somente, ao que me consta, na Universidade de São Paulo. As outras continuam irmãs pobres e desconhecidas

⁸⁸.

José Honório entende que para a construção de uma história do Brasil e seu ensino é necessário conhecer as narrativas já feitas, além das fontes que produzirão novas histórias. O historiador carioca denuncia a falta de conhecimento da história da história do Brasil dentro das universidades, e razão da ausência de uma disciplina que incorpore este conteúdo, essencial para a formação de pesquisadores e docentes. Rebeca Gontijo (2011) assevera que José Honório foi responsável pela construção de uma memória historiográfica, no que concordamos de fato, porém, até que ponto esta teve ressonância dentro das universidades é algo a se investigar. O que podemos

⁸⁷ RODRIGUES, J.H. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984, p.17.

⁸⁸ *Ibidem*, pp.17.

observar nestes ensaios é a insistência com que José Honório trata o seu projeto historiográfico como caminho a ser seguido pelos novos pesquisadores que, ademais, deveriam saber reconhecer no estudo da historiografia brasileira os exemplos a serem seguidos. Rodrigues reconhece que a introdução do ensino da metodologia — inserindo-se como pioneiro desta campanha que cresceu, como afirma na conferência — gerou bons frutos, tais como a abertura da *Revista de História* da Universidade de São Paulo, bem como a criação de outras instituições e veículos especializados na produção e difusão do conhecimento histórico; completaram, segundo ele, as evidências do êxito de tal empreitada o incremento da busca por arquivos locais para a realização de pesquisas regionais, a publicação de documentos, assim como a defesa da conservação documental e do patrimônio monumental, este último a cargo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

José Honório reafirma as mesmas críticas de 1958 à atuação do governo no Arquivo Nacional, com políticas ineficientes de controle e preservação de documentos; e as de 1973⁸⁹, em relação às censuras da atuação do Estado no que se refere aos “equivocos sobre sigilo, sobre acesso, sobre microfilmagem que têm caracterizado os últimos governos. A única realização positiva foi a defesa do patrimônio bibliográfico(...) feita durante a administração Costa e Silva.”⁹⁰

Voltando-se à crítica das metodologias usadas pelo historiador, José Honório escreve em “Reflexões sobre os rumos da História” sobre a necessidade de se lançar mão das Ciências Sociais como instrumentos complementares da produção de conhecimento histórico, as quais contribuiriam sobremaneira para a ampliação do leque de atuação do historiador, além de reforçarem suas bases teóricas. O historiador, contudo, faz ressalvas em relação aos usos que a Sociologia faz da História – que muitas vezes desconhece:

Os historiadores podem dizer, com seu conhecimento da unicidade, particularidade e irreversibilidade, que nenhuma generalização sociológica é universalmente aplicável. (...) De

⁸⁹ “A historiografia brasileira e o atual processo histórico” publicado no *Jornal do Brasil* em 1958, e “Por que não escrevo história contemporânea” publicado em *O Jornal* (29 de abril de 1973).

⁹⁰ RODRIGUES, J.H. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984, p.18-19.

regra é assim que nos vêem os sociólogos: cabe-nos fornecer-lhes os dados, para que eles, que possuem a teoria do homem em sociedade, formulem os conceitos teóricos. Nós pensamos que os resultados sociológicos nem sempre são bons, porque de regra usam de um jargão próprio, utilizam a História para ornamentar suas hipóteses, e seus resultados são tão científicos quanto os de qualquer outra disciplina humana.[Dentro das Ciências Sociais] a Sociologia ocupa a mais alta posição, cabendo-lhes dar a interpretação definitiva, depois de usar como matéria-prima a História. Esta é vista como um quadro estático, bem estabelecido, com seus fatos apurados e definidos. Parecem não saber que a História que conhecemos não é senão uma versão muito duvidosa, construída para satisfazer interesses de classes e grupos dominantes.⁹¹

Ainda no âmbito dos necessários diálogos a serem enfatizados pelos historiadores no exercício do seu ofício, José Honório salientou também a importância do uso da Psicologia nas biografias, tão praticadas de forma personalista pela historiografia brasileira, e a necessidade de desenvolvimento dos estudos sobre a Linguística, entre os historiadores, para compreensão dos termos e conceitos, bem como de suas mudanças no decorrer do tempo.

Em “Por que não escrevo história contemporânea”⁹², José Honório afirma que a escrita da história contemporânea em nada se difere, em relação aos métodos, da história escrita *post mortem*; a diferença existe se não há liberdade de informação e opinião e ausência de garantias individuais. José Honório acrescenta que o julgamento do historiador também tem peso maior na história contemporânea e faz diferenciação entre a posição do indivíduo como cidadão e como historiador, afirmando que em cada tipo há uma escala de valores diferentes, cabendo ao historiador a responsabilidade individual e moral sobre seus atos, e compromisso com a verdade que para ele está além das opiniões pessoais:

O cidadão preocupado com a ação política terá, hoje e amanhã, na sua atitude em relação ao passado recente, um olho no futuro, preocupado em restabelecer o que em sua opinião foi feito erroneamente; ele pode ter razões políticas para recusar admitir que o que aconteceu, como e por quê, e o que acontecerá amanhã é problema seu como cidadão, e não como historiador.(...)diante da perversão da razão de Estado, da perseguição totalitária, da eliminação de Guernica (...) e de

⁹¹ Ibidem, pp.21-22.

⁹² Em 29/04/1973, depois reproduzido no livro *História, Corpo do Tempo*, com o título “A pesquisa histórica e a História contemporânea”.

todas as coisas que estão ligadas aos nomes de Hitler, Mussolini, de Stálin, de Franco e de Salazar, os historiadores cometeriam uma vilania, violentariam as normas básicas da moralidade, confundiriam a sua consciência se deixassem de apontar e condenar todas as violências cometidas contra a dignidade humana.”⁹³

Apesar do regime de exceção e de todas as dificuldades existentes por conta deste contexto ditatorial pelo qual passava o país, Rodrigues afirma que a produção de história contemporânea no Brasil existia pela insistência da “bravura dos seus praticantes” e suas deficiências se encontravam nos meios para esta produção pois, diferentemente dos EUA, no Brasil não havia incentivo nenhum por parte do Estado para construção de uma história de fato, libertadora.⁹⁴

José Honório retorna à ideia de responsabilidade do Estado para com a História, não somente nos aspectos que envolvem sua estrutura para a pesquisa, como abordamos nos ensaios, mas também, em relação a liberdade política, comparando o Brasil com a democracia norte-americana e, as consequências na produção histórica quando gestada num regime autoritário.

A ênfase dada ao papel da História para a construção de um futuro promissor para a nação, passava, ao seu ver, necessariamente por uma postura existencial do intelectual diante dos desafios de seu ofício e de sua realidade, como pudemos acompanhar em alguns dos textos analisados acima. Feitos os diagnósticos do problema e, para compreendermos com mais acuidade a produção histórica de José Honório, devemos analisar seu projeto para a História do Brasil, tema de nosso próximo capítulo.

⁹³ RODRIGUES, J.H. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984, p.232.

⁹⁴ RODRIGUES, J.H. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984, p.234.

CAPÍTULO 2 - A CONSTITUIÇÃO DE UM PROJETO HISTORIOGRÁFICO BRASILEIRO: UM GUIA SOBRE COMO ESCREVER A HISTÓRIA DA HISTÓRIA DO BRASIL

Inteirado dos principais problemas e potencialidades da escrita da história no Brasil e, sobretudo, por ocasião de sua estada nos Estados Unidos da América, em 1944-45, onde cursou, na Universidade de Columbia, a disciplina “*Nature. Methods and Types of History*”⁹⁵, José Honório Rodrigues traçou um plano de trabalho que, como já citamos no capítulo anterior, ficou conhecido como “projeto historiográfico brasileiro”. Com o fim de cumprir o seu intento, Rodrigues projetou escrever uma obra seriada sobre a teoria, a pesquisa e a história da história do Brasil⁹⁶ — o chamado plano tríptico.

Dois terços do projeto vieram a lume nas obras *Teoria da História do Brasil* (1949) e *A Pesquisa Histórica no Brasil* (1952), que acabaram por inscrever o nome de Rodrigues no rol dos pioneiros estudiosos da história da história do Brasil. As duas primeiras obras do tríptico, *Teoria* e *Pesquisa*, passaram por revisões, acréscimos e foram reeditadas posteriormente.⁹⁷ Passados trinta anos da 1ª edição de *Teoria da História do Brasil*⁹⁸, o historiador publicou o primeiro volume de *História da História do Brasil*, sobre a historiografia colonial. O segundo volume da obra, publicado em 1988, ficou dividido em duas partes: o tomo I retrata a historiografia conservadora e o tomo

⁹⁵Raquel Glezer responsabiliza este curso, pela formação de José Honório como historiador, visto que graduou-se em Direito pela Universidade do Brasil em 1937. Vale ressaltar que, no mesmo ano, Rodrigues conquistou o Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras, ao lado de Joaquim Ribeiro, pela obra *Civilização Holandesa no Brasil*, publicada em 1940 pela Editora Nacional na coleção Brasiliana. Da mesma instituição, tornou-se Imortal em 1969, sendo o 3º ocupante da cadeira 35; eleito em 4 de setembro, foi recebido em 5 de dezembro do mesmo ano, pelo Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho.

⁹⁶ José Honório Rodrigues publicou em 1949, *Teoria da História do Brasil*, em 1952, *A Pesquisa Histórica no Brasil* e em 1979, o primeiro volume da *História da História do Brasil*. Historiografia colonial. O segundo volume - tomo I, Historiografia conservadora e tomo II sobre Oliveira Viana - são publicações póstumas.

⁹⁷Marques observa que tanto *A pesquisa* quanto as primeiras edições de *Teoria* são publicações concomitantes com a atuação de José Honório em “instituições ligadas a guarda de documentos”, como exemplificamos no capítulo 1. MARQUES, Ana Luiza. *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000, p.09-10.

⁹⁸ Para Iglésias esta obra marca o início da produção de José Honório volta para as implicações da história como ciência: periodização, disciplinas auxiliares, crítica, autenticidade, gêneros históricos. IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº1, 1988, p. 62-63.

II é dedicado a obra de Oliveira Viana. O terceiro volume, não publicado, abordaria, segundo Lêda Boechat, a ideologia liberal ⁹⁹.

Em uma entrevista concedida ao historiador Carlos Guilherme Mota, José Honório justificou a demora da publicação da *História da História do Brasil*, em razão da grande quantidade de fontes coletadas e do volume dos escritos que até então havia produzido. Rodrigues afirmou, na ocasião, que o terceiro volume ligaria a historiografia com a ideologia, tentando mostrar o que considerava importante: “como se constroem as concepções históricas. Como nascem essas concepções. Quais são as figuras que constroem a imagem de uma história do Brasil” ¹⁰⁰.

Neste capítulo, abordarmos nos textos de José Honório Rodrigues, suas concepções sobre história, teoria e função do historiador; elencamos ensaios sobre historiadores brasileiros tidos como referências na obra de José Honório e, que por isso, foram por ele escolhidos para compor o rol de sua história da historiografia brasileira; analisamos também seu próprio posicionamento como historiador diante do que diagnosticou como estado da arte da escrita da história no Brasil. Com vistas a alcançar tais objetivos, elencamos as seguintes fontes que formam o *corpus* documental deste segundo capítulo: as obras que compõem o projeto tríptico: *Teoria da História do Brasil* (1 ed. 1949; 4.ed. 1978), *A Pesquisa Histórica no Brasil* (1.ed.1952; 4.ed.1982), e, *A História da História do Brasil. A historiografia conservadora*. (1988); entre os ensaios historiográficos, foram escolhidos: “Afonso Taunay e o revisionismo histórico” e “Casa Grande e Senzala. Um caminho novo na historiografia.” presentes em *História e historiadores do Brasil* (1965); o artigo “A história é uma questão de consciência” em *Vida e História* (1966); *História e historiografia* (1970); *Filosofia e história* (1981).

Cabe observar que a produção de José Honório foi extensa. Raquel Glezer, em sua tese de doutoramento, ao analisar a obra do historiador de 1946 a 1976, contabilizou 1053 documentos editados. José Otávio de Arruda

⁹⁹ Antes de sofrer o derrame que o deixou hemiplégico e com a fala comprometida, em maio de 1986, José Honório, segundo relato de sua esposa e pesquisadora, Leda Boêchat, “havia separado e enfileirado no chão, ao seu alcance, como era de costume, os livros para começar a composição do 3º volume da História da História do Brasil, Historiografia Liberal.” RODRIGUES, Lêda Boechat. In: RODRIGUES, J.H. *História da História do Brasil*. Historiografia conservadora. Volume II: tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988, p. XVII.

¹⁰⁰ RODRIGUES, J.H. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p.151.

Mello afirma que tal volume se dava por conta da metodologia de trabalho de José Honório:

[...] onde quer que estivesse, recolhia material de revistas e jornais para organização de pastas, sobre as quais trabalhava em geral de manhã. As tardes eram normalmente reservadas a pesquisas e compromissos sócio-culturais na cidade, e as noites a telefonemas, leituras de jornais, programas de televisão ¹⁰¹.

Após a morte do historiador, Lêda Boechat Rodrigues, doou o acervo de José Honório Rodrigues para o Instituto de Estudos Avançados (IEA/ USP), por intermédio de Carlos Guilherme Mota, porém, após controvérsias, o acervo encontra-se, atualmente, sob a guarda do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), na Universidade de São Paulo e, uma pequena parcela, no Delfos (Espaço de Documentação e Memória Cultural), da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Segundo Luciano Aronne de Abreu (2011), o acervo de José Honório é constituído por cerca de “300 pastas, microfilmes, fotografias, originais do autor, textos de jornais, objetos, móveis e cerca de 25 mil livros.”¹⁰²

2.1. Teoria da História do Brasil: os alicerces da construção de uma Historiografia brasileira

Em seu livro *Teoria da História do Brasil*, José Honório parte de autores europeus, americanos e brasileiros para criar uma obra que pudesse oferecer uma “visão de conjunto” aos estudantes, professores e estudiosos sobre a natureza da história, seus métodos e críticas, bem como um painel das produções brasileiras, a fim de “prepará-los para um conhecimento crítico da história do Brasil”. Oferecia-se ao público “um guia, um roteiro de problemas,

¹⁰¹O historiador, José Otávio de Arruda Mello, foi um dos fundadores do Grupo José Honório Rodrigues, na Paraíba em meados de 1967. Possui rico material sobre José Honório com quem manteve correspondência; seu acervo é composto por livros, jornais, revistas, artigos, entrevistas, depoimentos, cartas e notas além de outros materiais, alguns inéditos, fornecidos por Lêda Boechat após a morte de José Honório. RODRIGUES, Lêda Boechat e MELLO, José Otávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p. 183.

¹⁰² No Delfos, encontra-se 100 pastas, porém, não sabe-se dizer se está completa ou parte da documentação foi desmembrada e separada entre os dois acervos. ABREU, L.A de. Histórias da Nossa História: o acervo de José Honório Rodrigues. In: Estudos Ibero-americanos. PUCRS, v.7, n.2, p.319- 332, jul./dez. 2011.

processos, crítica e teoria”. Vale observar que uma parte desta obra (*Teoria ...*) foi criada, inicialmente, para o curso de História do Brasil, ministrado por José Honório em 1946, no Instituto Rio Branco.¹⁰³

A *Teoria da História do Brasil* marca o início da criação do projeto tríptico sobre teoria, pesquisa e história da história do Brasil. Após tomar contato com o conteúdo da disciplina de Metodologia da História e a sua consolidação através da criação das cátedras nas universidades europeias e americanas, José Honório tomou para si a missão de criar no Brasil as bases para o desenvolvimento metodológico e teórico da História. Podemos observar nesta empreitada várias formas de atuação de José Honório Rodrigues, desde a criação das obras do tríptico e suas reedições atualizadas, a atuação em instituições ligadas a guarda e divulgação de documentos e através dos artigos de jornais e ensaios publicados com o objetivo de criar uma diálogo mais rápido e direto com um público mais amplo.

José Honório era um homem de muitas ideias, um visionário, mas com um espírito prático; observamos que, desde o início de sua carreira como historiador, ele traçara um projeto para compreensão e desenvolvimento da historiografia brasileira que tomou grande parte de seus esforços com ações muito bem planejadas. Isto também se revela em sua própria concepção do que era a teoria da história, como podemos observar nesta afirmação: “[devemos] chamar de teoria aquilo que trata de princípios conceituais que precedem, guiam, e acompanham a técnica de pesquisa e o processo crítico na história geral ou nacional”¹⁰⁴, ou seja, para Rodrigues, a teoria se constituiria também na prática do ofício e na sua relação com as produções anteriores, como abordaremos mais a frente. Sobre o método e a teoria em História, José Honório afirma que:

O historiador dá grande importância ao fato de possuir uma metodologia própria e ao problema da suficiência ou insuficiência da compreensão. Esta existe com o quadro geral

¹⁰³ “O Instituto Rio Branco foi fundado em 1945 e é responsável pela seleção e treinamento dos diplomatas brasileiros, em processo contínuo de formação: o Curso de Formação, na etapa inicial da carreira; o Curso de Aperfeiçoamento de Diplomatas (CAD), para Segundos Secretários e o Curso de Altos Estudos (CAE) para Conselheiros.” Informações coletadas na página do instituto. Disponível em: <http://www.institutoriobranco.mre.gov.br/pt-br/> Acesso em: 04/04/2014.

¹⁰⁴ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*. Introdução metodológica. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p.16.

que dirige e acompanha a pesquisa, se esclarece ou se obscurece no desenvolvimento desta; muitas vezes a compreensão será insuficiente pela simples deficiência do texto ou desconhecimento dos fatos. O plano, o sentido, o fim, as forças e os poderes impulsionadores, suas possibilidades e pressupostos só se compreendem na relação mútua, funcional e dependente do fato com a teoria interpretativa ¹⁰⁵.

Esta teoria não se enquadraria nos moldes pré-estabelecidos por outras ciências. Enquanto a metodologia, através do método crítico, revelaria ou confirmaria ao pesquisador os fatos, a teoria, para José Honório Rodrigues, partiria das “ideias e dos valores” e da relação entre presente e passado criada pelo historiador. A subjetividade existente na produção histórica não seria um empecilho para o seu desenvolvimento, mas algo a ser explorado no estudo dos escritos históricos. No excerto abaixo, percebemos que, partindo do pressuposto da singularidade do olhar do historiador, este processo se daria tanto com o objeto – o escrito histórico - quanto com o sujeito da análise historiográfica, daí a necessidade do revisionismo historiográfico porque:

A historiografia é verdadeiramente um espelho onde se refletem os problemas da própria nação e da humanidade. Neste sentido, as revisões históricas não nascem das noções históricas concretas, mas da análise e da crítica dos elementos ideológicos determinativos. É um realismo ingênuo acreditar que se possa conhecer o objeto histórico em si próprio, como numa fotografia. A realidade histórica é uma pintura que depende da perspectiva do historiador. Mas ‘o historiador só pode ver o fato através de si mesmo’, como homem de seu século, comparando com o tempo em que vive. Sem fatos não há história, mas sem historiador os fatos não têm sentido, e como o historiador é homem de certa época, e muda, com ele muda a história ¹⁰⁶.

Para a constituição de sua teoria, José Honório Rodrigues apresentou, primeiramente, o desenvolvimento da ideia de História a partir de classificações muito próximas, feitas por dois filósofos dos séculos XVII e XVIII, Leibniz e Hegel. Para Leibniz havia 3 modos de exposição da história: o

¹⁰⁵ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*. Introdução metodológica. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p.16-17

¹⁰⁶ Entre aspas, José Honório cita o artigo de Eduardo de Oliveira França, “Considerações sobre a função cultural da história”, publicado na Revista de História, em 1951, p.258. Para ambos autores, assim como a história trabalha com especificidades, o historiador, num trabalho individual é quem criará um sentido para os fatos constituintes de uma determinada realidade. RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*. Introdução metodológica. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p.28

narrativo, o pragmático e o genético. Para Hegel, a história poderia ser **imediate** (como exemplo, os escritos de Heródoto e Tucídides), **reflexiva** - que se subdividia em história geral (como modelo: Tito Lívio e Diodoro de Sicília), pragmática (com propósito moral), crítica “que consiste na história da história, no juízo sobre as narrações e na investigação sobre sua verdade e crédito” (o gênero genético de Leibniz), e a particular (como por exemplo, a história da ciência, ou da arte) – e, por último, a história **filosófica** que “é universal e procura a alma que dirige os acontecimentos.”¹⁰⁷

Dentro destes quadros, José Honório faz uma ampla e elucidativa apresentação das influências do pensamento ocidental, de diferentes épocas, em obras históricas relevantes, construindo uma linha cronológica da relação entre filosofia e história, considerando, porém, as relações e reações que determinadas produções geraram no meio intelectual. Entre os exemplos citados está a reação severa de Giambattista Vico (1668-1744) em relação ao pensamento cartesiano, que desconsiderava a história como um ramo do conhecimento; as obras de Voltaire e Montesquieu que culminaram na secularização da história; ou a repulsa de Fustel de Coulanges (1830-1889) à filosofia e às “generalizações” em história, clamando os seus pares franceses à exploração dos textos, para se pensar a pesquisa a partir deles ¹⁰⁸.

Para José Honório, a história passa a ter status de ciência com Dilthey (1833-1911) e Rickert (1863-1936). Foi justamente a partir da inspiração gerada pelas reflexões teóricas desses dois autores que Rodrigues passa a elaborar suas reflexões a respeito da ideia de história como ciência. Assevera o historiador fluminense que o pensamento naturalista, que influenciou a Europa por três séculos, considerava ciência apenas “o saber rigorosamente demonstrável” que através da observação extraía leis universais. As tentativas de aplicar o naturalismo às ciências humanas pode ser observada em inúmeras obras, tais como as de “Comte, Buckle, Lamprecht e, de certo modo, Marx.”¹⁰⁹ É Dilthey, contudo, para José Honório, quem inicia um movimento de autonomia das ‘ciências do espírito’ em relação as ciências naturais, da cultura em relação a natureza, através da crítica histórica – interpretação das

¹⁰⁷ Ibidem, pp.41.

¹⁰⁸ Ibidem, pp.54.

¹⁰⁹ Ibidem, pp.64-65.

fontes – a fim de compreender, e não explicar como ocorria nas ciências naturais, a história que “por ser concreta e pela riqueza e colorido de sua experiência humana, paga (...) alto preço: é menos objetiva.”¹¹⁰

Para José Honório Rodrigues, a contribuição de Rickert está na ênfase dada a particularidade dos acontecimentos. Criou o conceito de valor (cultural) que guia a seleção de fatos e dá síntese aos mesmos. Rickert divergia com Dilthey em relação à ênfase dada por este à Psicologia, considerada uma ciência natural. Ambos autores, assim como Windelband (1848-1915) e Xenopol (1847-1920), são os responsáveis, segundo José Honório, pelo início do historicismo que, assim como o naturalismo, compõem as “duas concepções científicas do mundo moderno”, sendo o historicismo “uma separação do naturalismo, fundamentando pela primeira vez uma teoria do conhecimento das ciências do espírito sob bases próprias, emancipando-as da tutela das ciências naturais.”¹¹¹

José Honório afirma que a consolidação do historicismo ocorre no início do século XX, com Troeltsch (1865-1923), Meinecke (1862-1954) e Croce (1866 - 1952); e mesmo representando grupos distintos, estes historiadores apresentam traços em comum em suas definições dando uma “unidade lógica” a esta corrente que é a historização do pensamento sobre os homens para “compreender sua cultura e seus valores”; onde o “fato é verdade”. É um movimento que ocorre em oposição ao naturalismo, apesar de ambos comporem o pensamento moderno e terem potencialmente consequências desastrosas como, no caso do naturalismo, levar a uma “naturalização do homem, ao materialismo, à desolação da vida; o historicismo, ao ceticismo relativista dos valores e a uma dúvida da cognoscibilidade”¹¹².

Benedetto Croce foi outro estudioso que exerceu grande influência, como já vimos, sobre José Honório Rodrigues. Para Croce, ‘toda história é contemporânea’; só se conhece a história através das indagações do presente e estas indagações devem estar de acordo com as necessidades da época, por

¹¹⁰ Ibidem, pp.66 -67. Entre as obras de Dilthey analisadas por José Honório, estão: *El mundo histórico; Teoría de la concepción del mundo e Introducción a las ciencias del espíritu*. Para JHR, Dilthey é um distinto representante do historicismo, “movimento humanista e filosófico que, em oposição ao naturalismo, busca na história o fundamento de uma concepção do mundo.” Descreve como a palavra historicismo caiu em desuso ou foi mal apropriada por historiadores em situações diversas.

¹¹¹ Ibidem, pp.77.

¹¹² Ibidem, pp.81.

isso a história é potencialmente transformadora.¹¹³ Em uma conferência proferida na PUC-SP, em outubro de 1965¹¹⁴, a referência a Croce pode ser claramente observada. José Honório inicia sua fala indagando se “É a História um poder ativo, que determine ou condicione o presente”; para Rodrigues, o presente, o vivido, é o que importa já que é neste plano temporal que de fato há ação, inclusive o agir do historiador que deve ser considerado de acordo com esta premissa.

A metodologia de trabalho se fará através da história crítica, porém, a ‘posição existencial’ do historiador deve ser de compromisso com o presente já que é dele que se parte para investigar o passado. As inquietações presentes do historiador, sua visão de mundo, que norteiam a investigação que faz do passado. O compromisso com o presente não fazia José Honório negar o passado e seus valores, já que para ele deveria existir um equilíbrio entre ambos, e esta relação presente-passado, construída pela História, geraria uma realidade histórica que “produz, fabrica uma diferente consciência da própria realidade, que é em si mesma um fator de transformação”¹¹⁵.

Portanto, para José Honório Rodrigues história é ação. Tentamos apresentar até aqui alguns caminhos teóricos que levaram Rodrigues, um erudito de formação, a tornar-se um militante da “História Viva” ou da “causa histórica”. Assim, citamos seus empreendimentos em prol da História, a criação do projeto tríptico para divulgação do conhecimento na área. Na teoria, apresentamos brevemente parte dos intelectuais que compõem o conhecimento de Rodrigues sobre teoria e metodologia. As leituras, por ele referidas, de estudiosos de diferentes matizes, épocas e propósitos demonstram seu empenho em construir, em bases sólidas, o conhecimento acumulado da disciplina e divulgá-lo aos seus pares. Observamos também sua aproximação com o historicismo através do presentismo de Benedetto Croce e da história contemporânea de Barraclough. Porém, para compreender sua proposta de teoria da história para o Brasil é necessário entendermos como este historiador enxergava o seu ofício no seu tempo. Seus escritos, em

¹¹³ O historicismo de Croce deu origem ao presentismo ao afirmar a tese que “a história é o pensamento contemporâneo projetado no passado.” In: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis02/texto1.htm>

¹¹⁴ RODRIGUES, J.H. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p.15. A conferência foi publicada em 1966, na 1ª edição, com o mesmo título do livro.

¹¹⁵ Ibidem, pp.18.

particular, alguns dos ensaios por ele produzidos, nos dão condições para traçarmos um esboço.

2.2. Tempo de mudanças

José Honório afirma que em meados do século XX, a ciência histórica estava em crise, pois, no século XIX, houve um acúmulo intenso de saber na área, abrindo possibilidades novas de investigação, a partir de fontes originais. Paradoxalmente, a criação de novos caminhos para a disciplina, associada ao eclodir das duas Guerras Mundiais, geraram incertezas dentro do campo que conduziram muitos historiadores a uma prática não correspondente, aos olhos de Rodrigues, com as exigências dos novos tempos. Uma realidade bipolarizada, com dois grandes centros de poder fora da Europa - E.U.A. e U.R.S.S. -, que necessitava de leituras da contemporaneidade que compreendesse esta realidade, como entende o presentismo. O eurocentrismo nos estudos históricos já não ajudava a entender os novos tempos, além de criar um falso senso de continuidade temporal. Estas mudanças deveriam gerar transformações também nos estudos históricos já que “Toda época exige sua própria visão da história.”¹¹⁶

Esta resposta, por parte da historiografia, ocorreu em grande medida na Inglaterra e Alemanha. O historiador inglês, Geoffrey Barraclough (1908-1984), é uma referência para Rodrigues neste movimento.¹¹⁷ Barraclough aponta para a reação da União Soviética na Batalha de Stalingrado, em 1943, como marco para um novo período da história; para Rodrigues, o mundo estava sob influência de duas grandes forças que se impunham através da “americanização do ocidente” e a “sovietização do Oriente”, para tanto era necessário o estudo da história desses dois países assim como o estudo de uma história que encontrasse respostas em nível nacional diante do novo cenário mundial.

¹¹⁶ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*. Introdução metodológica. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p.30.

¹¹⁷ São citadas as seguintes obras de autoria do historiador: “The Larger View of History” publicado no *The Times Literary* (Londres), em 06/01/1956, e o livro *History in a Changing World*, do mesmo ano.

2.2.1. Os cânones da revisão historiográfica brasileira.

Este apelo por mudanças também se dava dentro da historiografia brasileira. Segundo Francisco Falcon¹¹⁸, a historiografia dos anos 50 e 60, apesar do seu número limitado de autores e obras, causava impacto expressivo entre os leitores. Falcon destaca nomes como José Honório Rodrigues, Sérgio Buarque de Holanda, Nelson Werneck Sodré, Raimundo Faoro, Celso Furtado, Caio Prado Junior e Florestan Fernandes. Para Rodrigues, a historiografia, assim como a história do Brasil, retratavam o arcaísmo – apontado por Jacques Lambert¹¹⁹ – oriundo do personalismo da cultura portuguesa e da tradição rural, da época da colonização até o início do século XX. Para José Honório, estas características lançavam muitos ao estudo e até mesmo exaltação do período colonial. Todavia, um movimento de revisão fora iniciado, na virada do século passado, por Capistrano de Abreu e seus sucessores — Afonso Taunay e Rodolfo Garcia — e, posteriormente pela chamada geração de 1930, Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Junior.

Em sua obra *História e Historiografia*, publicada inicialmente em 1970¹²⁰, José Honório Rodrigues dedica a segunda parte à historiografia brasileira, composta de artigos sobre historiadores brasileiros. O historiador fluminense elege para a composição deste rol nomes como: Francisco Adolfo de Varnhagem, Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia, Afonso Taunay e o padre Serafim Leite. Varnhagen é denominado “mestre da História Geral do Brasil”¹²¹, porque “antes dele, faltava ao Brasil a consciência da sua história, no mais largo período de sua formação”. Neste artigo, originariamente pronunciado por José Honório na Conferência do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, em

¹¹⁸ FALCON, Francisco J. C. A historiografia fluminense a partir dos anos 1950 / 1960: algumas direções de pesquisa. In: GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 21-26.

¹¹⁹ Na obra *Os dois Brasis*, de Jacques Lambert. Esta obra, segundo Falcon, influenciou significativamente produções das ciências humanas baseadas no conceito de “sociedade dual”: rural x urbano, Brasil ‘feudal’x moderno/industrial. FALCON, Francisco J. C. A historiografia fluminense a partir dos anos 1950 / 1960: algumas direções de pesquisa. In: GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 20.

¹²⁰ Para este trabalho usamos a edição de 2008. RODRIGUES, José Honório. *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹²¹ O artigo recebeu este mesmo nome. In: Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil. RODRIGUES, José Honório. *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 151-173.

dezembro de 1966, o historiador faz um retrospecto das obras e seu significado para a historiografia brasileira como aquele “que transformou a história, até então simples sermões de padres absortos na história eclesiástica, em narrativas de fatos civis e políticos, apoiada em boa fonte material”, porém, não deixou de tecer críticas, principalmente, no que se refere a ojeriza que Varnhagen tinha ao “nacionalismo caboclo” e as brigas com o Patriarca da Independência, José Bonifácio.

O artigo sobre Capistrano de Abreu é voltado à investigação de sua formação teórica, inicialmente positivista mas cuja influência pujante da cultura alemã sobre sua formação intelectual culminou no realismo histórico, como abordamos no capítulo anterior. Capistrano de Abreu é considerado um mestre, uma referência permanente para José Honório; para além de sua direção na Sociedade Capistrano de Abreu (1927-1969), foi norteador na construção do seu projeto historiográfico. Assim como Capistrano fez anotações e prefácios da obra de Varnhagen, José Honório foi anotador e prefaciador de boa parte da obra de Capistrano, a partir de 1954; editou as *Correspondências e Ensaios e Estudos* de Capistrano de Abreu; escreveu artigos destinados ao “historiador caboclo” além das citações sobre Capistrano para legitimar, segundo Silva, suas próprias propostas ¹²².

José Honório credita a Capistrano de Abreu uma revisão ideológica e factual sem precedentes na historiografia brasileira¹²³, pois “A história do Brasil fora, até então, a história da colonização do litoral: era preciso voltar-lhe as costas e pensar nos caminhos da conquista do interior.”¹²⁴ Compara-o ao historiador norte-americano Frederick Jackson Turner, autor da obra *The frontier in American History* (1893) que, ao ser ver, “americanizou” a

¹²² SILVA, Ítala Byanca Moraes da. Anotar e prefaciador a obra do “Mestre”: Reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto, n°3, 2009, p.85.

¹²³ “Além de investir na caracterização de Capistrano como um historiador modelar e precursor de uma ‘nova historiografia’, José Honório também realizou um extenso trabalho de organização da obra do historiador, uma produção fragmentada, em sua maior parte dispersa por jornais, revistas e prefácios de diferentes publicações. Também se empenhou na árdua tarefa de reunir sua correspondência ativa e passiva.” GONTIJO, Rebeca. José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição. In: NEVES, Lúcia Maria B. (et al). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2011, p.285. Em entrevista a John D. Wirth, Rodrigues comenta sobre sua relação com Sérgio Buarque e a influência dele recebida na ‘admiração incondicional’ por Capistrano de Abreu. Entrevista a John D. Wirth, para *The Hispanic American Historical Review*. In: RODRIGUES, Leda Boêchat (org.). *Ensaio livres*. São Paulo: Imaginário, 1991, p.261-276.

¹²⁴ RODRIGUES, J.H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p.136.

historiografia estadunidense ao estudar a história americana a partir da colonização da bacia do rio Mississipi. O texto *Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil* (1899), na opinião de Rodrigues, da mesma forma, “renovou todo o método e o espírito da historiografia brasileira”. Por todas as fontes levantadas, metodologia crítica aplicada à pesquisa, bases teóricas fundamentadas e uma revisão inovadora de se ver a história do Brasil, Capistrano de Abreu figurava como o pioneiro do revisionismo histórico no Brasil, pois, para José Honório Rodrigues:

[Capistrano] Ao estudar a ocidentalização do Brasil, estava particularmente interessado em achar aquilo que a distinguiu da velha civilização europeia. O sertão e o caminho são ilustrações dos processos de desenvolvimento da história brasileira. O verdadeiro ponto de vista da história do Brasil não é a costa atlântica, mas o sertão e o caminho que a ele conduzem e o articulam com o Governo Geral. No processo de transformar o sertão, o colono a princípio se barbariza e depois ele próprio e o sertão se alteram e, nesta mudança, cria-se uma nova personalidade, que é distintamente brasileira. O papel do sertão e dos caminhos, entrevisto agora pela primeira vez, modificou profundamente o escrito e a metodologia históricas no Brasil. A história do Brasil colonial não era só a da colonização da costa atlântica, mas a expansão pela terra, livre ou ocupada por indígenas¹²⁵.

Aos sucessores de Capistrano de Abreu dentro do revisionismo, Afonso Taunay e Rodolfo Garcia, foram dedicados estudos e ensaios. Nesta mesma obra, *História e Historiografia*, eles são os protagonistas de três dos seis ensaios voltados à historiografia brasileira.¹²⁶ Rodrigues enaltece o trabalho de Rodolfo Garcia que deu continuidade à crítica histórica, iniciada por Capistrano, à *História Geral do Brasil* de Varnhagen, atualizando a obra “segundo as rigorosas normas da metodologia alemã”¹²⁷ através de localização ou ratificação de fontes mal informadas e acréscimos de informações, com “sua

¹²⁵ Ibidem, pp. 50. Gontijo, em seu artigo sobre a tradição historiográfica, fala da possibilidade de José Honório ter dado “as linhas mestras para a leitura da produção de Capistrano”.

¹²⁶ Os artigos “Rodolfo Garcia e Afonso Taunay” publicado em O Jornal, em 30/12/1945; “Rodolfo Garcia” publicado no mesmo veículo, em 06/04/1958; e, “Afonso Taunay e o revisionismo histórico” também publicado em O Jornal, em 06/04/1958 compõem a segunda parte - historiografia brasileira – da obra: RODRIGUES, J.H. *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹²⁷ Em “Rodolfo Garcia e Afonso Taunay” In: RODRIGUES, José Honório. *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.175-178.

excepcional erudição preparo histórico e bibliográfico, corrigiu e ampliou a História Geral”¹²⁸.

Rodrigues considerava Taunay — o historiador das Bandeiras e do Café — o executor do revisionismo histórico, revisionismo que havia encontrado em Capistrano o seu teórico. Taunay, enfatizava Rodrigues, realizou “o maior plano de recriação histórica” diante da escassez de fontes do bandeirismo, com árduos 26 anos de trabalho, publicou os 11 volumes que compõem a *História Geral das Bandeiras Paulistas*, promovendo o conhecimento de um período e levando a “uma das maiores revisões factuais na historiografia brasileira”. Para José Honório, tanto os estudos sobre o bandeirismo quanto sobre o café revelam e nos fazem compreender “as linhas fundamentais do nosso processo histórico”, já que: “O sentido realista, isto é, estrutural e não conjuntural, mostrava o Brasil como um produto do processo real, isto é, não só uma criação política, ética ou religiosa, mas efeito de fatos mais reais, mais significativos, mais empíricos”¹²⁹.

A geração de 1930, como referenciamos no capítulo anterior, dá continuidade ao revisionismo ideológico de Capistrano de Abreu, porém, num tempo que se exigia do intelectual brasileiro novos olhares e respostas diante do contexto de significativas mudanças políticas, econômicas e sociais. Quer através da pluralidade de contribuições advindas das ciências sociais, quer da sociologia marxista de Caio Prado, esta geração marca a produção historiográfica brasileira pela qualidade das obras e pela diversificação de perspectivas que seus estudos trouxeram para a consciência histórica brasileira.

Para José Honório Rodrigues, Gilberto Freyre — que com tamanha repercussão de sua *Casa-Grande & Senzala*¹³⁰ — “se impôs” às críticas nacionais e internacionais, contribuindo, significativamente não só para uma interpretação original, mas ampliando as modalidades de documentos a serem

¹²⁸ No artigo “Afonso Taunay e o revisionismo histórico.” In: RODRIGUES, J.H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p.139.

¹²⁹ No artigo “Afonso Taunay e o revisionismo histórico.” In: *Ibidem*, pp. 187-196. A historiadora Karina Anhezini em sua tese de doutoramento desenvolveu uma rica pesquisa sobre a escrita da história no início do século XX, através da obra e correspondência de Afonso Taunay. ARAUJO, Karina Anhezini de. *Um metódico à brasileira: A História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*, Tese (Doutorado em História) – UNESP, Franca, 2006.

¹³⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

utilizados como fontes pelo historiador. Freyre não restringiu o universo documental considerado ao que havia de aceito no mundo acadêmico, mas explorou uma gama de informações advindas da cultura popular (de livros de receitas, passando por modinhas até os cadernos de mexeriqueiros), permitindo “focalizar a dinâmica da cultura que é a essência do processo histórico, tão desfigurada e desprezada na historiografia brasileira.” José Honório aproxima Freyre de Capistrano pela temática da história social presente em seus trabalhos, diferindo-os em relação aos métodos:

Neste sentido, Gilberto Freyre continua Capistrano, pela maior atenção ao povo, às frustrações psicológicas, às alterações nas relações e família, às atitudes e ajustamentos sociais, às crenças fundamentais e especialmente pelo relevo dado à história social, ignorada ou esquecida pela historiografia brasileira. A diferença fundamental que os separa é que Capistrano de Abreu continua preso aos métodos e às formas clássicas da síntese histórica, equilibrando os vários aspectos econômicos, sociais, políticos e jurídicos, enquanto para Gilberto Freyre a história do Brasil é essencialmente história social, com realce e destaque nos aspectos mais íntimos, mais silenciosos, mais recônditos da gente brasileira, grande ou humilde¹³¹.

Às críticas feitas a obra de Gilberto Freyre, José Honório advoga em nome do pesquisador pernambucano, que foi preciso construir um jeito menos formalista de escrever para não ser barrado pelas questões circunstanciais que o impediriam de trazer à tona a “*longue durée* do processo histórico-social”, uma de suas maiores contribuições à historiografia que nos propiciou “ver sucessivamente nas paisagens mutáveis da história o que as unifica.”

Procurou-se aqui, elencar importantes pesquisadores brasileiros aos quais José Honório Rodrigues tinha como referência, colocando-os dentro de um movimento — por ele denominado revisionismo histórico — de reação àquilo que denunciava como ‘arcaísmo’¹³² imiscuído na historiografia do país.

¹³¹ Artigo escrito em novembro de 1959, “Casa Grande e Senzala. Um caminho novo na historiografia.” In: RODRIGUES, J.H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965, p.170.

¹³² Podemos definir o arcaísmo dentro da historiografia brasileira, como “expressão do Brasil arcaico”, com estudos dedicados excessivamente ao período colonial, com ênfase aos traços advindos de sua classe letrada, subordinada à cultura luso-europeia, com uma identidade conservadora e adaptável, “relativamente estável e de grande tenacidade dos costumes, o caráter social, isto é, aquele que assegura os padrões de conformidade a certos elementos da produtividade, da política, do lazer e da cultura (...) o ritual, a rotina e a etiqueta orientam todos e pouca energia é exigida para descobrir novas soluções para os velhos problemas.”

Neste contexto do pós-guerra, assinalado por Rodrigues como um momento vital de reação das historiografias ao novo cenário mundial que se desenhava – a Guerra Fria –, seu próprio nome começava a se estabelecer na história da história do Brasil. Sua atuação em diversas áreas e instituições ligadas a História¹³³, seu projeto tríptico com duas obras então já publicadas com sucesso,¹³⁴ seus artigos em jornais e revistas de ampla divulgação, além de conferências e aulas proferidas em universidades e institutos de ensino e pesquisa demonstram sua inserção na confraria dos historiadores. Buscamos até aqui, delinear algumas referências teóricas e intelectuais que foram contundentes na formação de José Honório. Porém, cabe apresentarmos alguns conceitos e abordar ainda alguns aspectos da sua relação com o passado historiográfico.

2.3. Passado, presente e futuro

Para Rodrigues, a história constituía-se do fato vivido ou da sua narração (em moldes científicos ou não), enquanto a historiografia (a história da história) consistia num estudo interessado em desvendar a compreensão que tinham aqueles que narraram histórias, traço do historicismo em sua teoria¹³⁵. É importante ressaltar que, para José Honório, a construção da

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*. Introdução metodológica. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p.33.

¹³³ Trabalhou no Instituto Nacional do Livro, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, na Seção de Publicações; foi diretor interino da Biblioteca Nacional, responsável pela Divisão de Obras Raras e Publicações de 1946 a 1958. Foi diretor da Seção de Pesquisas do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores (1948-1951); Como diretor do Arquivo Nacional (1958 -1964) foi responsável pelas Publicações do Arquivo Nacional. v.43-50, de 1960-1962. Secretário executivo do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (1964-1968), editor da Revista Brasileira de Estados Internacionais. Como professor lecionou História do Brasil, História Diplomática do Brasil, História Econômica do Brasil e Historiografia Brasileira. De 1946 a 1956, professor do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores; professor do Ensino Superior do Estado da Guanabara, de 1949 até aposentar-se; professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; professor visitante em inúmeras universidades norte-americanas; professor de Pós-Graduação na Universidade Federal Fluminense e de Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Colaborou no Programa de História da América, promovido pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História, com sede no México. Foi conferencista em universidades brasileiras e norte-americanas, de 1956 a 1964, e na Escola Superior de Guerra.

¹³⁴ *A Teoria da História do Brasil*. cuja 1ª edição é de 1949; e *A Pesquisa Histórica no Brasil*, 1ª edição de 1952.

¹³⁵ José Honório Rodrigues dedica parte do terceiro capítulo de *Teoria*, a Dilthey e o desenvolvimento do historicismo, responsável pela autonomia das 'ciências do espírito' em

história da historiografia deveria ser feita através do levantamento de autores e obras¹³⁶, seguido da interpretação crítica destes escritos.

Das análises feitas sobre seu projeto historiográfico¹³⁷, Ana Luíza Marques traz à tona — em sua dissertação de mestrado sobre a obra de José Honório Rodrigues — o sentido empregado ao tríptico, a partir da mudança de perspectiva de José Honório sobre sua própria produção: de informativa (caracterizada pela compilação de fontes, autores e acervo) passa para uma fase analítica, a partir de 1955. O próprio José Honório indicava aquele ano, data de sua inserção na Escola Superior de Guerra, como marco de sua mudança de postura intelectual: de erudita para crítica e preocupada com os problemas da ‘realidade’ brasileira. Independente do tema de pesquisa, José Honório Rodrigues passa a encarar seu ofício como algo a dar respostas às questões levantadas no presente, principalmente, em relação a emancipação do país atravancado por uma visão de mundo ‘arcaica’ e ‘elitista’, herança de uma historiografia conservadora.

Dois aspectos constituintes do fazer historiográfico de José Honório foram analisados por Ana Luíza Marques - a crítica histórica e o presentismo. A crítica histórica ocorre no âmbito da metodologia, ao verificar a fidedignidade do documento buscando o “testemunho do feito vivido”; porém, Marques afirma que em José Honório Rodrigues não existe uma autoridade plena do documento em si – como assim o vê o positivismo - mas há o reconhecimento de uma representação do “fato enquanto o real vivido”; e nesta “positividade do fato”, ou seja, o real existente na narrativa, o historiador buscará as motivações àquele tipo específico de representação do ocorrido que será de acordo com a concepção de mundo do narrador. Portanto, segundo Marques, na sistemática

relação as ciências naturais; este movimento fundou a crítica histórica, pois, “substitui a conexão tradicional por outra determinada intelectualmente, pela crítica e interpretação das fontes (...) [e] têm como fundamento a percepção interna e a compreensão” RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*. Introdução metodológica. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p.66-67.

¹³⁶Cf. GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, nº. 1, jan./ jun. 2005; FALCON, Francisco. Sobre história, historiografia e historiadores. *História e historiografia*. Ouro Preto, n. 7, Nov./dez. 2011, pp. 365-382; GONTIJO, Rebeca. José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição. In: NEVES, Lúcia Maria B. (et al). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2011, pp.277-290; SILVA, Ítala Byanca Morais da. Anotar e prefaciando a obra do “Mestre”: Reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. *História da Historiografia*. Ouro Preto, nº3, 2009, pp.83-105.

¹³⁷GLEZER (1976); MOTA (1988); IGLÉSIAS (1988); MARQUES(2000); e, GONTIJO (2011).

teórica-metodológica de José Honório Rodrigues, “o historiador interroga os testemunhos não apenas para determinar os fatos, mas também, para especular os motivos que levaram ao ato” de narrar o fato daquela determinada forma.¹³⁸ Isto não quer dizer que a narração do ocorrido esteja exclusivamente subordinada à sua representação, o que determina o fato é a sua existência real. E a partir desta constatação, Ana Luíza Marques nos explica a potencialidade do presente “como espaço de ação” no ‘híbrido teórico-prático’ criado por José Honório Rodrigues, pois

É a determinação do real ou do fato na fonte, que fundamenta a “ciência da realidade” – a história, e apenas mediante esta determinação pode-se sensibilizar o presente como tempo aberto para a novidade das ações. Isso significa que sem positividade fatural não há presentismo, ou melhor, não há intensificação da atividade do historiador como parte integrante da sociedade em que vive¹³⁹.

Rebeca Gontijo nos apresenta um novo aspecto do estudo histórico: o espaço de memória existente dentro da historiografia. Isto se explicita ao analisar a forma como José Honório Rodrigues exerce seu ofício, através de duas perspectivas conjugadas entre si, embora aparentemente opostas: a memorialística - ao elencar os historiadores que compõem os cânones da historiografia brasileira, conservando o legado por eles construído - e a crítica, exercida através da análise e interpretação dos textos históricos produzidos por eles, que poderão ocasionar novas formas de historiar. Portanto, a construção da história da historiografia em José Honório Rodrigues se realiza através de um movimento dialético de ‘conservação’ e inovação, num “contínuo processo de desconstrução e construção da história”¹⁴⁰. Gontijo também nos chama a atenção para a subjetividade inerente à construção da historiografia, que pode ser percebida na escolha de autores que compõem o panteão de historiadores a serem lidos e

¹³⁸ MARQUES, Ana Luíza. *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000, p. 75-76.

¹³⁹ Ibidem, pp. 76.

¹⁴⁰ GONTIJO, Rebeca. *José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição*. In: NEVES, Lúcia Maria B. (et al). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2011, p.278.

lembrados por seus pares futuros; a historiografia para Gontijo é, portanto, propagadora de “memórias e tradições”¹⁴¹.

Para Manoel Luiz Salgado Guimarães¹⁴², a construção da história da historiografia de José Honório, feita através da compilação de autores e obras, não tem foco na análise aproximada e individualizada do historiador ou do próprio texto, assim cria-se um grande “esquema classificatório que combina categorias políticas e periodização”, com o intuito de desvendar o sentido final da escrita do autor. O que José Honório chamaria de “visão de mundo”, para Guimarães, se trata, na verdade, de uma concepção teleológica do próprio José Honório Rodrigues.

Ao pensarmos o projeto tríptico de José Honório Rodrigues, observamos que para o historiador a feitura de *Teoria da História do Brasil* (1.ed., 1949) e *A pesquisa histórica no Brasil* (1.ed., 1952) estava muito bem definida desde o início da concepção da obra seriada (1945); no entanto, o fato de *A História da História do Brasil* ter sido lançada trinta anos depois de *Teoria* nos dá margem para supor que José Honório estava reticente em lançar sua história dos escritos históricos porque ele mesmo não estava certo de como deveria proceder nesta terceira e última etapa do tríptico. As duas primeiras obras foram lançadas antes de 1955, período de mudança de sua postura como intelectual. As produções que são lançadas neste ínterim são significativas para o nosso trabalho - que pretende compreender o desenvolvimento do estudo da história em José Honório Rodrigues – são os ensaios historiográficos, onde encontramos desde pesquisas pormenorizadas feitas pelo historiador - como é o caso dos estudos sobre Capistrano de Abreu, divulgados nesse suporte – como o estudo de obras

¹⁴¹ Rebeca Gontijo desenvolveu em sua tese de doutoramento um estudo sobre Capistrano de Abreu. GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu da historiografia ao historiador*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. A historiadora também foi uma das signatárias da ata de criação da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (2009), como pode-se ver na Carta Mariana, disponível no sítio da SBTHH: http://www.sbthh.ufop.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=532

¹⁴² Apud Gontijo. O artigo citado de Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães é *Historiografia e cultura histórica: notas para um debate*. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, nº. 1, jan./ jun. 2005. GONTIJO, Rebeca. José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição. In: NEVES, Lúcia Maria B. (et al). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2011, p.282.

teóricas e históricas voltadas para a compreensão da história contemporânea.

Não podemos nos esquecer dos autores que influenciaram José Honório, como Arnold Toynbee, Geoffrey Barraclough e Othmar Anderle. Para esta geração, possuir uma visão mais abrangente da realidade na qual estavam inseridos era uma questão de sobrevivência diante das mudanças ocorridas no pós-guerra; os três presidiram organizações internacionais de estudos históricos, atuantes até hoje, que prestam serviços a governos, chefes de Estado e corporações.¹⁴³ Como o Brasil responderia a estas novas exigências, num tempo de incertezas até para o Velho Mundo? Quais eram os projetos de nação que estavam em disputa entre os anos de 1950 e 1960, no Brasil? Qual rumo tomaria o país? Ou, o que poderíamos esperar do futuro?

José Honório, que era um homem de paixões intensas; amava o seu ofício assim como amava seu país.¹⁴⁴ Seu amor pátrio como querem uns, ou seu sentimento missionário como querem outros, foi exercido no seu ofício através de um projeto historiográfico criado com o intuito de fomentar uma “consciência histórica” que pudesse romper com o chamado ‘arcaísmo’ existente na mentalidade brasileira ou, ainda, ser uma alternativa àqueles que não queriam aderir aos grupos revolucionários, de esquerda e de direita, nacionalistas ou internacionalistas, cada vez mais crescentes nos anos de 1950 e 1960, em solo brasileiro. Neste contexto, a alternativa encontrada pelo historiador foi a militância através de sua produção intelectual, porém,

¹⁴³ Arnold Toynbee e Geoffrey Barraclough foram membros da *Chatham House*, também conhecida por *Royal Institute of International Affairs*, que tem sua origem na Conferência de Paz de Paris (1919). “Founded in 1920, Chatham House engages governments, the private sector, civil society and its members in open debate and confidential discussion on the most significant developments in international affairs” No ano de 2009, a organização concedeu ao então, presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, o prêmio Chatam House, por suas contribuições na melhoria das relações internacionais. Disponível em: <http://www.chathamhouse.org/about#sthash.K67U7LrV.dpufat> Acesso em: 10/03/2014. Othmar Anderle foi um dos fundadores da *Sociedade Internacional para o Estudo Comparativo das Civilizações*, como citamos no capítulo primeiro. Com membros em mais de trinta países, a Conferência Anual tem sido realizada em cooperação com distintas instituições fora do EUA. As últimas reuniões foram em Paris(2006), São Petersburgo (2003), Jamaica (2002), Tóquio (1998) e Dublin (1994). Disponível em: <<http://www.wmich.edu/iscsc/about.html>> Acesso em: 04/09/2013.

¹⁴⁴ Este nacionalismo não fora compreendido por historiadores posteriores, como pudemos observar em entrevista de José Honório a Carlos Guilherme Mota. RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p.152.

se esta alcançou os anseios almejados por José Honório Rodrigues é assunto a ser exposto no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 – O ACERTO DE CONTAS: UM BALANÇO SOBRE O PROJETO DA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

José Honório Rodrigues dedicou boa parte de sua vida à concretização de um projeto historiográfico, como buscamos apresentar no primeiro e segundo capítulos da dissertação. Após analisar as críticas feitas ao campo da escrita da história no Brasil e seu empenho na construção de um projeto historiográfico brasileiro, neste terceiro e último capítulo temos como objetivo analisar as considerações expressas em ensaios redigidos pelo historiador na virada para a década de 80 do século XX, tempo que marca a fase final de sua produção. Para isto elencamos como fontes privilegiadas para a análise que encerra a dissertação¹⁴⁵ os ensaios publicados naquele decênio, cujas temáticas abrangem as análises da produção historiográfica brasileira e mundial, a história recente do Brasil e as entrevistas concedidas a representantes das então novas gerações de historiadores, tais como Carlos Guilherme Mota e José Roberto Amaral Lapa, onde encontramos diálogos voltados à reflexão da trajetória de José Honório Rodrigues e da historiografia no Brasil.

Durante quarenta anos de produção e publicação de obras voltadas à história e à sua escrita, atuando em diversas áreas da disciplina, Rodrigues almejava figurar entre os grandes nomes da história do Brasil. Leda Boêchat Rodrigues, esposa de José Honório, autora da *História do Supremo Tribunal*¹⁴⁶, que assistiu o historiador em toda a sua carreira, fez uma afirmação importante em publicação posterior à morte do marido : “Ele acreditava que somente o fato de ser, na opinião do professor Conrad, o maior dessa Trindade [Varnhagen, Capistrano de Abreu e Rodrigues], já lhe bastava para confiar no julgamento futuro.”¹⁴⁷ A necessidade de reconhecimento dos

¹⁴⁵ *Filosofia e História* (1981); *História Combatente* (1982), capítulos: “As perspectivas históricas mundiais”, “A História Contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos” e “Os estudos brasileiros e os Brazilianists”; *História Viva* (1985), capítulos: 5. “O processo cruento da História do Brasil”, 6. “A história vivida”, 7. “Em 64 rompe-se a tradição e o adversário vira inimigo”; *Tempo e Sociedade* (1986), parte 1: O Tempo e a História, parte 3: Entrevistas e Debates, capítulos: 1. Uma nação de desertados, 2. Vamos discutir a história do Brasil, 3. A revolução americana e a brasileira, 4. Comentários. Debates em João Pessoa - PB.

¹⁴⁶ RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal*. 4 Volumes. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

¹⁴⁷ RODRIGUES, Lêda Boechat e MELLO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p.XXXI. Robert

seus feitos, já observada por outros historiadores¹⁴⁸ nos deixa margem para inferirmos que poderia haver alguma desconfiança ou incerteza sobre as opiniões póstumas emitidas por seus pares brasileiros. Rodrigues se satisfaz com a opinião de um *brazilianist* sobre os méritos de seu trabalho. Em breve introdução ao livro *Ensaios Livres* (1991), Leda Boêchat, relembra uma citação de Capistrano de Abreu feita por Rodrigues por ocasião da posse de Afonso d'Estragnole Taunay na *American Historical Association*, - "a voz do estrangeiro é a voz da posteridade", considerando-a pertinente em relação a fala de Conrad, pois, esta voz seria "isenta dos preconceitos e animosidades passageiros dos contemporâneos nacionais"¹⁴⁹ do historiador.

Um outro episódio marcante na carreira de José Honório Rodrigues — ocorrido quando dirigia interinamente a Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional (1946-1953/1958) — pode testemunhar esta presumível 'mágoa' em relação a falta de reconhecimento de seus feitos pelos nacionais. Leda Boêchat Rodrigues descreve o entusiasmo e o trabalho empreendido por José Honório e sua equipe na compilação da *Correspondência* e no preparo da Exposição Comemorativa do Centenário de Capistrano de Abreu que contou com a participação de figuras ilustres da política, da historiografia e da intelectualidade brasileira e americana, mas que, infelizmente acabou prematuramente, no dia seguinte ao seu lançamento, após Rodrigues desentender-se com um assessor do Ministro da Educação. No calor da discussão, o homem teria mesmo prometido se vingar de José Honório. Como consequência do atrito, além da interrupção dos trabalhos de produção do catálogo da exposição, até mesmo a produção de fotos das vitrines foram proibidas. Manifestando grande pesar, Leda Boêchat lamenta a exoneração de Rodrigues diante de tal feito: "Atribuía-se o caráter de punição a um funcionário que acabava de prestar à instituição um serviço relevante. Outorgara-se a um dos maiores historiadores brasileiros [Capistrano de Abreu], autor de teses inovadoras na historiografia brasileira, o lugar que ele merecia."¹⁵⁰

Conrad, historiador norte – americano, tem pesquisas publicadas sobre a escravidão no Brasil, como a obra "Os últimos tempos da escravidão no Brasil".

¹⁴⁸ Cf. MARQUES (2000,p.5, nota 17); GUIMARÃES (2005, p.38); GONTIJO (2011, p.287).

¹⁴⁹ RODRIGUES, Leda Boêchat (org.). *Ensaios livres*. São Paulo: Imaginário, 1991, p.XIV.

¹⁵⁰ RODRIGUES, Leda Boêchat. José Honório Rodrigues e a historiografia (prefácio). In: RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil*. A historiografia conservadora. Vol.2. Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978-1988, p. XX.

José Honório construiu sua trajetória como historiador buscando dar continuidade aos empreendimentos iniciados por Varnhagen — que construiu a primeira história geral do Brasil, “o maior historiador brasileiro, pela pesquisa e pela obra”¹⁵¹ — e por Capistrano de Abreu, que promoveu, na opinião de Rodrigues, uma inédita revisão ideológica na historiografia nacional, ao colocar como protagonista da história o povo e sua epopeia de conquista do interior do país. São inúmeros os ensaios em que Rodrigues menciona o que, para ele, era uma frase lapidar escrita por Capistrano de Abreu em uma de suas cartas: “O povo brasileiro foi sangrado e ressangrado, capado e recapado”¹⁵²; esta imagem do povo, advinda da leitura de Capistrano de Abreu, tornou-se uma espécie de lema da formação nacional brasileira, na concepção do historiador fluminense.

Ao construir sua história combatente, José Honório via a si mesmo como um soldado, porém, que utilizava como arma a História, a fim de libertar o Brasil de uma mentalidade arcaica, proveniente de uma visão histórica colonialista. Quando indagado por Carlos Guilherme Mota sobre o fato de ser considerado um representante do nacionalismo, Rodrigues afirma: “Não sou militante. Não tenho atuação política. Minha atuação se expressou nos artigos, livros e Universidades.”¹⁵³ De fato, sua grande frente de batalha foi a dedicação à, então, incipiente historiografia brasileira, tanto na construção dos cânones, propagação e discussão de teorias e disseminação de métodos quanto na atuação e modernização das instituições de guarda de documentos.

No processo de construção da história da historiografia, de ‘conservação’ e ‘inovação’ da disciplina como propõe Gontijo, José Honório Rodrigues dialogava com o passado através do estudo de seus antecessores e, à medida que elaborava críticas historiográficas, passava também a construir

¹⁵¹ RODRIGUES, José Honório. Independência: historiografia. In: RODRIGUES, Leda Boêchat (org.). *Ensaios livres*. São Paulo: Imaginário, 1991, p.209.

¹⁵² RODRIGUES, José Honório. *História viva*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p.99; RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.110. Rodrigues foi quem reuniu e organizou as Correspondências de Capistrano de Abreu em 3 volumes, quando diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional (1946-1958), fora também o primeiro leitor destas cartas reunidas. RODRIGUES, Leda Boêchat. José Honório Rodrigues e a historiografia (prefácio). In: RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil*. A historiografia conservadora. Vol.2. Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978-1988, p. XX-XXI.

¹⁵³ Entrevista concedida a Mota publicada na *Istoé*, em 12.04.1978. RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 142.

sua história da historiografia¹⁵⁴. Gontijo chama a atenção para o “extenso trabalho de organização da obra” de Capistrano de Abreu realizado por José Honório Rodrigues¹⁵⁵; num período de construção do estudo formal da História nas universidades por uma geração que via, com ressalvas, os trabalhos anteriores a 1930, Rodrigues consegue reservar um espaço na ‘história-memória’ de seus contemporâneos àquele que considerava o maior entre os nossos historiadores¹⁵⁶.

Ainda, segundo Gontijo, entre as inéditas contribuições que a obra de Capistrano de Abreu representa para a historiografia brasileira, o revisionismo ideológico é o aspecto mais marcante para Rodrigues. Gontijo destaca que para o historiador carioca, a inovação estabelecida por Capistrano de Abreu não estava em sua brasilidade advinda da origem cabocla, como exaltavam alguns, mas no sentimento de nacionalidade e na identificação com o povo que este historiador cearense apresentava em seus escritos. Para José Honório, Capistrano era, sem dúvida nenhuma, o fundador de uma nova visão da história do Brasil, completamente independente das visões até então construídas pelas elites dominantes mantenedoras do *status quo*, visão esta que Rodrigues denominava de ‘arcaica.’ Ao povo desconhecido se dava, a partir de Capistrano de Abreu, o protagonismo na história do Brasil, negligenciado por outros historiadores, mesmo entre os socialistas¹⁵⁷. E foi nesta visão de mundo ou ideologia¹⁵⁸ de comprometimento com aquilo que é entendido como nacional que Rodrigues se filiou a Capistrano para interpretar a história do Brasil.

¹⁵⁴ Em muitos ensaios historiográficos, José Honório Rodrigues enaltece o trabalho de edição crítica de obras históricas, como a realizada por Capistrano de Abreu sobre a obra de Varnhagen e de Rodolfo Garcia e Afonso Taunay, discípulos diretos de Capistrano de Abreu com quem aprenderam “a importância da edição crítica de fontes documentais, da pesquisa, da consulta dos arquivos e bibliotecas.” RODRIGUES, José Honório. *História e historiografia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.176.

¹⁵⁵ Membro da Sociedade Capistrano de Abreu, Rodrigues organizou sua produção dispersa em jornais, revistas e prefácios; compilou sua correspondência e foi o prefaciador das 10 (re)edições de sua obra em *Ensaio e Estudos* de Capistrano de Abreu. GONTIJO, Rebeca. José Honório e a invenção de uma moderna tradição. In: *Estudos de Historiografia brasileira*. NEVES, Lucia Maria Bastos das. [et al.]. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p.278-285.

¹⁵⁶ GONTIJO, Rebeca. José Honório e a invenção de uma moderna tradição. In: *Estudos de Historiografia brasileira*. NEVES, Lucia Maria Bastos das. [et al.]. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p.278-285.

¹⁵⁷ Demostramos as críticas feitas a estas produções no primeiro capítulo.

¹⁵⁸ “Na história, a única coisa permanente é o documento. Mas ele é interpretado, interrogado e reconstruído de acordo com a concepção filosófica do historiador.” RODRIGUES, J.H. *História viva*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 134.

3.1 Cordial, bom ou cruento. Quem é o brasileiro?

Em um de seus artigos, denominado “O processo cruento da História do Brasil”¹⁵⁹, José Honório Rodrigues nos apresenta as discussões ocorridas entre Sérgio Buarque de Holanda e Cassiano Ricardo sobre o caráter do brasileiro. Holanda, em sua primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936), afirmou que o “brasileiro é um homem cordial e concluiu que a cordialidade e a polidez teriam imprimido ao processo histórico brasileiro o caráter incruento que ele possuiria.” Em *Marcha para o Oeste* (1940), Cassiano Ricardo propõe o uso de outro termo, ‘o capital sentimento’, para designar a bondade do brasileiro. Em resposta, na 2ª edição de *Raízes* (1948), Sérgio Buarque faz restrições quanto aos “juízos éticos e as intenções apologéticas” atribuídos ao homem cordial, como fizera Ricardo; apresenta a tendência positiva e negativa da cordialidade, pois, ambas “nascem do coração, procedem assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado.” Cassiano Ricardo, em resposta a Holanda, em *O homem cordial* (1959), diz que os acréscimos feitos por Holanda ao conceito de cordialidade, na verdade, descrevem um fenômeno humano, descaracterizando a especificidade atribuída ao brasileiro, representativo “daquelas virtudes – lhanza no trabalho, generosidade, etc. – tão gabadas pelos estrangeiros que nos visitam.”¹⁶⁰ Ricardo elenca inúmeras características específicas do seu ‘homem bom’, conciliador, “o apartador de brigas por excelência” e reitera que sua divergência com Holanda era sobre o conceito da palavra cordial - “Fazer do ‘homem cordial’ não um tipo de salão, mas o tipo representativo da ‘bondade brasileira’.” - e não a tentativa de substituir um conceito por outro.¹⁶¹

Para José Honório Rodrigues, este debate entre Ricardo e Holanda sobre o caráter do brasileiro fora o evento mais importante ocorrido entre as décadas de 1930 e 1950. No entanto, para o historiador que estava “encharcado na leitura dos livros, dos ensaios e estudos e da própria correspondência de Capistrano de Abreu” estas questões pareciam falsas ou

¹⁵⁹ Publicado em espanhol nos *Cuadernos de marcha*, 2ª Época, México, julho-agosto, 1980, pp.29-33. Publicado no Brasil em 1985, no capítulo 5 do livro *História Viva*, p.95-103.

¹⁶⁰ Ibidem, pp. 96.

¹⁶¹ Ibidem, pp. 98.

incorretas. Rodrigues, entendia que a história do Brasil não era incruenta como importantes historiadores, anteriores e posteriores a Capistrano de Abreu, afirmavam. Cita, como exemplo, a Independência do Brasil¹⁶² que é apresentada como “um desquite amigável, por historiadores respeitáveis, como Oliveira Lima e Oliveira Viana”, tese rebatida por José Honório Rodrigues na obra *Independência: revolução e contra-revolução*¹⁶³, onde procurou evidenciar

[...] quão cruento foi o processo, sobretudo na Bahia e no Piauí, Maranhão e Pará, e como fora necessário empregar forças armadas já então nacionais contra os exércitos portugueses em Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Cisplatina (Uruguai, na época província brasileira). Ficou evidenciado que havia o Brasil levantado mais forças que Washington e Bolívar, nas lutas pela Independência dos Estados Unidos e das atuais repúblicas hispânicas andinas (Venezuela, Colômbia, Bolívia, Equador), ao contrário do que ensinam livros brasileiros, norte-americanos e hispano-americanos¹⁶⁴.

Segundo seus estudos, mais de 40 mil homens estavam envolvidos na luta pela Independência, sendo necessário o uso da força para expulsar a resistência portuguesa e manter a unidade do país durante o processo emancipatório. Outra característica relevante é o poder de absorção dos antigos revoltosos com o fim das lutas; para Rodrigues, a maioria vencedora optou por uma solução democrática. A Independência brasileira, teve, portanto, para José Honório Rodrigues

(...) este sentido de conflito, em que a maioria vence e impõe à minoria sua aspiração de autonomia. A guerra da Independência, dirigida pelos brasileiros mais ativos politicamente, significou o acordo geral do povo, do Exército e da Marinha, unidos na obra de construção de um país novo (...) Não se pode negar à Independência este valor: uniu todos os brasileiros numa pátria comum, incorporando os dissidentes; manteve a integridade territorial, despertou o nacionalismo que

¹⁶²A periodização dada por Rodrigues ao processo de Independência do Brasil é da partida de D. João VI (26.04.1821) ao reconhecimento por Portugal (26.08.1825). RODRIGUES, José Honório. *Ensaio Livres*. São Paulo: Imaginarium, 1991, p. 210.

¹⁶³ RODRIGUES, J.H. *Independência: revolução e contra-revolução*. 5 vols. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

¹⁶⁴ RODRIGUES, José Honório. *História viva*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 99.

nascera com os primeiros combatentes da liberdade nacional, os mineiros de 1789 e os pernambucanos de 1817.¹⁶⁵

Segundo Rodrigues, esta é a tese liberal da Independência¹⁶⁶: o povo coroa D. Pedro I porque assim o determinaram e não por sua origem dinástica; sua abdicação em 1831 ocorre porque governou, de forma absolutista, (de 1823 a 1826) e posteriormente, sem conseguir resistir a oposição, renuncia ao trono.

Porém, este período apresenta, segundo José Honório Rodrigues, uma outra face da dinâmica da história que se mostra recorrente: a continuidade existente no processo histórico brasileiro. Rupturas, para o historiador fluminense, ocorreram na revolução francesa, na revolução americana, cubana e chinesa, mas não no processo de independência política do Brasil. No Brasil, este processo de ruptura estava muito fortalecido durante a Independência¹⁶⁷, porém, com o afastamento de José Bonifácio, a revolução fora paralisada e encerrada com o golpe de D. Pedro I que, ao dissolver a Assembleia Constituinte em 1823, conseguiu manter a estabilidade da nascente nação. Para Rodrigues, vitoriosa é a contrarrevolução na história brasileira. O que não significa, que não houvesse lutas ou resistências ao Estado ou às situações de opressão enfrentadas pela população:

Os relatórios da época do império, sobretudo os do Ministério da Justiça, começam sempre dizendo que está tudo bem, que o povo brasileiro é muito bom, muito cordial, de modo que não houve nada de grave no país. Páginas adiante, você começa a ver os fatos relatados e não há nenhuma cordialidade. Como esses relatórios eram apresentados à Câmara dos Representantes e procuravam louvar o comportamento do povo, resultavam numa visão de um comportamento pacífico de modo geral. Ocultava-se oficialmente qualquer rebelião ou qualquer revolução. (...)mas fui encontrar vários exemplos de faroeste, de sujeitos que entravam a cavalo, armados numa

¹⁶⁵ RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.114.

¹⁶⁶ José Honório não concluiu o terceiro volume da *História da História do Brasil* que abordaria a historiografia liberal. O quarto, segundo entrevista dada ao professor, John D. Wirth, versaria sobre a historiografia e o volume final sobre o realismo e o socialismo. RODRIGUES, José Honório. Entrevista a John D. Wirth, para *The Hispanic American Historical Review*. In: RODRIGUES, Leda Boêchat (org.). *Ensaio Livres*. São Paulo: Imaginário, 1991, p.273.

¹⁶⁷ A periodização dada por Rodrigues ao processo de Independência do Brasil é da partida de D. João VI (26.04.1821) ao reconhecimento por Portugal (26.08.1825). RODRIGUES, José Honório. *Ensaio Livres*. São Paulo: Imaginarius, 1991, p. 210.

localidade, dizendo que ali havia dois pretos que tinham desobedecido ao capataz, e exigiam a sua entrega ¹⁶⁸.

O fato da historiografia conservadora interpretar a Independência — para Rodrigues, um processo-síntese da dinâmica de poder no Brasil — como uma concessão da Casa de Bragança à sua antiga colônia e uma continuidade desta dinastia na América, tirando do fato sua essencialidade na construção identitária de um povo como nação, é algo notório para José Honório Rodrigues, que, por sua vez, não endossa a imagem que enxerga no brasileiro um ser “humilde, cordato, incapaz de revoltar-se” porque a história do Brasil não confirma este preceito¹⁶⁹; para ele, nossa história tem momentos de apatia, conciliação e violência. O caráter conciliatório nasce, segundo Rodrigues, da necessidade de se controlar “imensas massas negras, analfabetas e insatisfeitas”, e este domínio é exercido por uma minoria que

Ora ela busca a solução compromissária entre as correntes liberais e conservadoras do seu próprio grupo social, fazendo concessões mínimas aleatórias à maioria nacional, ora ela reprime a ferro e fogo, tortura, mata as lideranças da maioria, e amedronta, intimida uma porção de gente que é povo brasileiro ¹⁷⁰.

Rodrigues afirma que é desta maneira que as camadas de comando, desde os tempos da Colônia, agem em relação ao poder e ao restante da população: “Nóbrega, grande chefe jesuíta, ensinou que a primeira medida a tomar era tirar o medo ao cristão e passa-lo ao índio”¹⁷¹ Diferentemente dos Estados Unidos, onde as minorias eram oprimidas e daí o clamor dos movimentos civis a partir da década de 1960, no Brasil há um controle de uma minoria sobre a maior parte da população, sempre derrotada politicamente; quando há revoltas, seus líderes são mortos e o movimento massacrado com

¹⁶⁸ RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 160-161.

¹⁶⁹ Rodrigues faz uma lista breve dos livros onde procurou assinalar os fatos cruentos da história do Brasil *Aspirações Nacionais* (1963); *Conciliação e Reforma* (1965), *História e Historiografia* (1970) e *História, corpo do Tempo* (1976) Entre as lutas assinaladas estão: a guerra dos bárbaros contra os índios (1680-1710), a Guerra dos Palmares (1687-1709), revoluções de 1817 e 1824, a Balaiada (1838-1841), e a Praieira (1848-1849), Canudos (1893-1897), Contestado (1912-1916), Sedição do Juazeiro (1913-1914), “o banditismo social de Lampião (quase vinte anos), e seus antecessores, como Vicente de Paula em Alagoas (1844), revoltas liberais de São Paulo e Minas Gerais em 1842, os Farrapos e a Federalista no Sul, a Chibata (1910) entre outras.

¹⁷⁰ RODRIGUES, J.H. *História viva*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p.101.

¹⁷¹ *Ibidem*, pp.101.

tamanha crueldade para que se implante um terror ameaçador; nos momentos pacíficos, a carestia e o desamparo das lideranças para com o povo faz aumentar cada vez mais o abismo entre a minoria que detêm o poder e a maioria da população, deixada à mercê dos mandos e desmandos de seus opressores.

José Honório Rodrigues afirma que ao construir a história da história brasileira identificou a constância de características tradicionais nos escritos históricos. Em *Filosofia e História* (1981), Rodrigues dedica-se, no segundo capítulo, a explanação do que entendia por história, memória e tradição, baseando-se no livro de J. H. Plumb, *The Death of the Past* (1970). As ideias de Plumb sobre o passado — e também para Rodrigues que afirma concordar inteiramente com o autor — são as seguintes: o que ele chama de passado não são os relatos do ocorrido nem o vivido, mas a apropriação e manipulação da história a fim de legitimar visões de mundo, hierarquias sociais, instituições oficiais, etc. Este processo de apropriação do passado com o intuito de manutenção, conciliação e legitimação de uma realidade vigente — através da inculcação de valores e de uma ideologia de exaltação e contemplação deste passado — é chamado por Rodrigues de tradição. Diferentemente da história, a tradição é criada pelo “método de tratar o passado pela narrativa dos acontecimentos com o objetivo de justificar a autoridade, criar a confiança e assegurar a estabilidade”¹⁷².

Para ambos os autores, a história “é uma análise crítica, reflexiva e científica do que aconteceu”, e com este lastro de veracidade, porque científico, o discurso histórico crítico estaria combatendo o discurso tradicional vigente na ideologia das gerações anteriores e, conseqüentemente, estaria dissolvendo “as generalizações simples com as quais nossos antepassados interpretaram o propósito ou o sentido da vida em termos históricos”¹⁷³. A perda da força da tradição no ocidente encontra substrato na natureza da sociedade industrial em constante mudança — diferentemente de uma realidade agrária ou comercial — atrelada ao discurso científico e aos ataques dirigidos contra “as interpretações míticas, religiosas e políticas”. Para Rodrigues, o discurso histórico do totalitarismo também utiliza o método de construção da história

¹⁷² RODRIGUES, José Honório. *Filosofia e História*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.37.

¹⁷³ *Ibidem*, pp.34.

tradicional porque serve para exaltação de um estado ou povo e é extremamente personalista; porém, Rodrigues não percebe que apesar da metodologia e do discurso terem uma estrutura tradicional, o conteúdo é revolucionário, porque o estado totalitário almeja fundar uma nova ordem das coisas e se torna presente em todas as esferas, seja na vida privada ou pública, impondo de forma “total” uma visão de mundo. É, portanto, desproporcional equiparar os discursos tradicionais de uma sociedade agrária com aqueles forjados por um estado extremamente forte e autoritário, existente apenas a partir do século XX, como o nazista e o stalinista. Mas é importante salientar a diferenciação que Rodrigues e Plumb fazem ao delimitar história e tradição — aquela com uma postura crítica, distante e balizada pelo historiador e a outra, estática e engessada — através de pressupostos definidos de acordo com as conveniências circunstanciais ou ideológicas. No entanto, a subjetividade inerente ao ofício do historiador não é mencionada nesta discussão; então, questiona-se, qual é a posição que deve ser tomada conscientemente pelo historiador, já que conforme mencionado pelo próprio José Honório Rodrigues: “É em nome do presente que julgamos o passado, pois não há passado puro e único, mas mutável como a história, de acordo com a visão interessada do presente.”¹⁷⁴ A esta questão tentaremos responder mais à frente.

3.2. O Brasil não conhece o Brazil?

Ao fazer um balanço sobre os estudos históricos e sua estrutura de pesquisa durante a década de 1980, nos livros *Filosofia e História* (1980) e *História Combatente* (1982), José Honório afirma que as práticas políticas do governo militar brasileiro (1964-1985), voltadas ao campo da História, foram de exaltação da memória nacional e não do fomento de uma cultura histórica brasileira; confundia-se, assim, patrimônio histórico com a própria história. Para Rodrigues, a memória “tanto é a lembrança, a reminiscência, a recordação, como a relação, o relato, a narração”, história é “análise crítica, julgamento

¹⁷⁴ RODRIGUES, José Honório. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986, p.21.

documentado”, portanto, “não existe memória de grandes fatos ou de grandes figuras sem cultura histórica. Sem história não há memória.” Todavia, o uso indiscriminado do termo memória¹⁷⁵, demonstrava para Rodrigues uma prática de desprestígio contínuo da História, uma “disciplina de análise e de crítica” como exemplifica ao posicioná-la juntamente com as demais ciências humanas, numa única disciplina denominada Estudos Sociais, no currículo da Educação Básica. Rodrigues, responsabilizava, novamente, portanto, os governos e universidades por ausência de políticas consistentes voltadas ao campo História, pois ao:

(...) não reconheceram a profissão de historiador e pesquisador de história, não criaram o mercado de trabalho, com a inexistência de posições públicas pelo menos nas bibliotecas, arquivos, museus, e sobretudo em face da reforma desnacionalizadora do ensino que aboliu o estudo da história, incluindo-o nas ciências sociais. Quem quer especializar-se em história diante desta falta de perspectiva? Esqueceram-se os executores da política educacional que a língua e a história são as duas maiores forças espirituais que unem a nação e a projetam para o futuro ¹⁷⁶.

Na obra intitulada *História Combatente* - em alusão ao *Combats pour l'Historie* de Lucien Febvre, - a quem José Honório diz ser, como o célebre mestre francês, um militante sem partido – o tom de denúncia empreendido na crítica de como a História era ‘maltratada’ pelas forças políticas e intelectuais no Brasil é contundente. A crítica não se limita ao país, já nas primeiras páginas do capítulo “As perspectivas históricas mundiais”, José Honório aponta para o declínio das instituições históricas norte-americanas, frequentadas por ele desde 1944. A partir da década de 1970, as “universidades, bibliotecas, museus, arquivos, os centros vivos da cultura” encontravam em decadência,

¹⁷⁵ “Na Casa de Rui Barbosa existe a Memória Literária. A Embrafilme promoveu um simpósio sobre o Cinema e a ‘Memória’ do Brasil (17-19 de agosto de 1979.) Finalmente para coroar o equívoco, revelador do despreparo histórico, o presidente João Figueiredo transformou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional numa secretaria subordinada ao Ministério da Educação e Cultura e enviou ao Congresso um projeto de lei para a criação da Fundação Nacional Pró-Memória, já transformada em lei.(...)” RODRIGUES, J.H. *Filosofia e História*.1980. p.44

¹⁷⁶ RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. p.58.

necessitando de doações internacionais de governos e corporações para se manterem, denunciava.

Para a *Revista de História*¹⁷⁷ José Honório Rodrigues escreveu um artigo fazendo um levantamento da produção histórica brasileira e dos *brazilianists*. No texto, criticou incisivamente a falta de uma política voltada para a formação de historiadores (bem como de profissionais auxiliares como museólogos, arquivistas, paleógrafos, dentre outros) no Brasil, apontou para o baixo número e nível de formação de professores universitários nas instituições educacionais de ensino superior, principalmente federais, que contratavam profissionais da Educação Básica para ministrar as disciplinas do campo da História. Rodrigues expôs os riscos envolvidos na prática de se continuar a preencher vagas nas Universidades brasileiras com historiadores estrangeiros, conhecidos como *brazilianists*, principalmente com os norte-americanos, que já haviam passado pelo processo de profissionalização de sua historiografia e possuíam núcleos voltados aos estudos latino-americanos. Entre as décadas de 1960 e 70, formaram-se nos Estados Unidos da América cerca de 600 *brazilianists* que, produzindo uma “colossal produção bibliográfica”, criaram novas revistas para acolher estas produções. Desde o período da primeira visita de José Honório aos E.U.A., em 1944, já havia a revista *The Americas*; posteriormente surgiram outras como o *Journal of Inter-American Studies* (1959), *Luzo-Brazilian Review* (1964); e neste mesmo ano funda-se a sociedade *Conference on Latin American History*, que em uma de suas edições, apresentou aos *brazilianists* um mapeamento do mercado de trabalho nas universidades brasileiras. O interesse pelo Brasil aumentara na década de 1960, devido às apreensões causadas pelo novo contexto político brasileiro e pelo avanço da Guerra Fria sobre a porção sul do continente, colocando em risco a supremacia norte-americana, fazendo crescer, assim, os estudos “amparados com recursos do Executivo [americano] nas universidades e bibliotecas, cursos novos, professores brasileiros, bolsas, ajuda para pesquisa

¹⁷⁷ O artigo intitulado “Os estudos brasileiros e os *brazilianists*” fora publicado em 1976 pela revista do departamento de História da USP (número 107, 3º trimestre), fundada em 1950. Atualmente disponibiliza em seu portal todos os seus exemplares digitalizados. Para acesso: <http://revhistoria.usp.br/index.php/br> O artigo fora publicado novamente em 1982, no livro *História Combatente*, pp.54-96.

nos Estados Unidos e no Brasil, e amparo do Congresso e fundações privadas.”¹⁷⁸

Ao fazer este balanço do campo da História nos Estados Unidos, ao longo de duas décadas, podemos perceber que o interesse pelo estudo do Brasil e da América Latina cresce no decênio de 1960, impulsionado pela situação política e com o financiamento de grupos particulares e governamentais. Há um significativo aumento de *brazilianists*, proporcionado pela estrutura que o país já tinha ao abarcar esta nova área de interesse. No decênio seguinte, Rodrigues aponta para um processo de declínio e crise das instituições ligadas a História nos E.U.A., dependentes de financiamentos internacionais. Ocorre na América do Norte uma mudança de concentração de estudos para a China e a África, isso tudo somado às então novas dificuldades enfrentadas pelos jovens especialistas ao se depararem com as políticas afirmativas americanas para ingresso nas universidades, que impunham, segundo Rodrigues, “[um]a discriminação atual que impede que a universidade escolha o novo professor pelo seu mérito, pelo *curriculum vitae*, e sim de acordo com a necessidade de ter no quadro docente tanto por cento de negros, e tanto por cento de mulheres.”¹⁷⁹

A vinda dos *brazilianists* na ocupação de cargos universitários no Brasil causava preocupação em Rodrigues que denunciava, desde a década de 1950, a fragilidade das Universidades na formação de professores desconhecedores da história do Brasil e da história contemporânea por causa da estrutura curricular obsoleta destas instituições. Para José Honório, as condições rudimentares em que a estrutura de desenvolvimento da História no Brasil se encontrava, não tinham data para corrigirem-se, em razão da falta de consciência das elites políticas e culturais em relação a importância de se construir uma cultura histórica que partiria das universidades e se estenderiam, a partir destas aos domínios da Educação Básica atingindo assim, a nação.

José Honório Rodrigues não era contrário ao intercâmbio cultural entre os países, pois, recebia com frequência novos historiadores americanos em sua residência em Ipanema, recomendados por amigos especialistas dos

¹⁷⁸ RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.56.

¹⁷⁹ *Ibidem*, pp.62.

E.U.A., assim como, frequentou e lecionou em universidades americanas – inclusive havia sido convidado a assumir um cargo titular com estabilidade na Universidade Estadual de Nova York. Rodrigues sempre manteve boas relações com vários historiadores norte-americanos – como demonstram seus textos, cartas e depoimentos de pessoas próximas. A problemática se encontrava no “processo de descaracterização da cultura nacional” que acometia a historiografia brasileira. Ademais, em sua opinião, a “importação de know-how americano” também no ensino da história do Brasil nas universidades traria muito danos porque

lhes faltará [aos docentes americanos] a integração e a consciência nacional indispensáveis ao exercício da missão.(...) A visão norte-americana da História do Brasil não é a visão brasileira, e deve-se limitar, em cada departamento de história, o número de professores estrangeiros, para que haja um equilíbrio no ensino da nossa história ao nível superior. Porque é do nível superior que vem a formação média e desta a primária. E se nessa cadeia se atinge, com a interpretação estrangeira, ao nível primário, um sério perigo multinacionalizador ameaçaria nossa mocidade¹⁸⁰.

Havia também questionamentos no meio letrado em relação ao trabalho dos *brazilianists*; em entrevista a Carlos Guilherme Mota¹⁸¹, José Honório Rodrigues foi indagado a respeito do posicionamento de Gerardo Mello Mourão¹⁸² – “crítico radical da produção” dos *brazilianists* – e sua polêmica com Stanley Hilton. Rodrigues afirmou que não via problema nenhum nos estudos de estrangeiros da história do Brasil e que, na verdade, estes contribuíam para o conhecimento de nossa história, inclusive porque os *brazilianists* tinham acesso às fontes, liberdade de pesquisa e incentivos que o Brasil não disponibilizava aos seus pesquisadores. Para ele, a existência de alguns estudos “*policy-oriented*, isto é, feitos para atender aos interesses de

¹⁸⁰ RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 61-64.

¹⁸¹ Entrevista concedida a Revista Isto é, em 12.04.1978. Posteriormente, publicada no livro *Tempo e Sociedade*, sob o título ‘Uma nação de deserdados.’ RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 141-149.

¹⁸² Gerardo Majella Mello Mourão (1917-2007) foi poeta, ficcionista, jornalista, tradutor, ensaísta e biógrafo. Recebeu o Prêmio Mário de Andrade, da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1972. Já na maturidade, foi candidato a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras e foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura em 1979. Em 1999 ganhou o Prêmio Jabuti pelo épico *Invenção do Mar*. Chegou a militar pela Ação Integralista durante o governo Vargas e, posteriormente, acusado de comunista pelos militares, passou mais de 8 anos preso politicamente.

informação política de vários departamentos oficiais dos Estados Unidos”¹⁸³ era uma realidade daquela potência que usava as informações dos especialistas para agir e criar suas estratégias políticas. Na polêmica, defende Hilton, que fora seu aluno e estudara o nazifascismo e a luta da Alemanha por domínio no Brasil, sempre bem mencionado pelo mestre por ter levantando fontes inéditas nos mais diversos países e apresentar um domínio metodológico ímpar. Sendo assim, na opinião de Rodrigues sobre a polêmica, o acusador, Mello Moura, apesar de “intelectual de grande merecimento”, não teria condições de julgar Hilton porque não tinha domínio sobre a disciplina. A crítica de José Honório aos *brazilianists* concentrou-se, sobretudo, no conhecimento limitado do processo histórico brasileiro, que os impedia, muitas vezes, de compreender aspectos de nossa história ao estudar somente seus últimos trinta anos.

3.3. O nacionalismo de José Honório Rodrigues

Como apontaram alguns historiadores,¹⁸⁴ a história para José Honório Rodrigues tinha uma finalidade, um sentido e cabia ao historiador determinadas ‘missões’ para com sua pátria e seu povo que poderiam forjar a consciência histórica. Não havia produção bibliográfica, metodologia, crítica ou estrutura estrangeira que fossem capazes de preencher as lacunas deixadas pela falta de consciência de uma nação sobre sua própria história. Entre os danos causados por uma visão histórica menos crítica e mais factual, exemplificava, estavam o biografismo — enaltecendo de figuras públicas — e a falta de estudos mais abrangentes e de longa duração sobre os elementos estruturais brasileiros, como as instituições de poder. Particularmente, Rodrigues apontava para a inexistência da produção no Brasil de uma história do Parlamento, do Judiciário, dos sindicatos, das empresas.

Para José Honório Rodrigues, a realidade brasileira possuía uma permanência ‘granítica’ das estruturas políticas e econômicas e uma instabilidade da conjuntura “de regra, a preferida das descrições históricas

¹⁸³ RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 146-147.

¹⁸⁴ Silva (2009), Marques (2000) e Diehl (2006), Guimarães (2007).

brasileiras que por isso mesmo se apresentam como crônicas”¹⁸⁵; para o historiador, havia uma carência de trabalhos históricos no Brasil que buscassem dar aos fatos uma construção interpretativa – teórica - crítica, pois, eles

[os fatos] não falam por si. Cabe ao historiador interpretá-los, revelar-lhes o sentido. Por isso o historiador é sempre seletivo (...) no oceano dos meros fatos, devem [fatos e documentos] sua escolha ao julgamento do historiador, criador da historiografia e da própria história nos seus efeitos futuros. O historiador tem obrigações para com os fatos: exatidão, relevância, seleção, mas a interpretação é o sangue da vida da história¹⁸⁶.

Os escritos históricos carregam as interpretações do historiador que “possui a ideologia de sua época, ou de seu grupo social”¹⁸⁷; porém, para Rodrigues, nossa historiografia estava permeada de uma ideologia colonizadora e absolutista¹⁸⁸ fabricante de uma história elitista’, ‘anti-povo’ e ‘multinacionalizadora’, que deveria ser enfrentada no campo da historiografia por uma ‘visão libertadora’ e ‘nacionalista’.

Ao ser questionado¹⁸⁹ por Carlos Guilherme Mota sobre o seu nacionalismo, associado a um “jacobinismo nacionalista, expressão de um pensamento radical de classe média”, na fala de Mota, José Honório Rodrigues afirmou primeiramente que não tinha uma atuação política, mas que a sua luta se dava no campo da história, através de artigos, livros e docência; o seu empenho maior era fomentar o revisionismo histórico porque a historiografia brasileira estava marcada por uma visão de ‘tradição proposital’, conservadora e nostálgica que se recusava “a julgar as responsabilidades das classes dominantes” Tal mentalidade, em sua opinião, impedia o desenvolvimento da história vivida pelo país. Relevante é a sua fala, nesta mesma entrevista, sobre

¹⁸⁵ RODRIGUES, José Honório. *Filosofia e História*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.10.

¹⁸⁶ Ibidem, pp.14.

¹⁸⁷ Rodrigues apud Karl Mannheim, *Ideology and Utopia*, 1940. RODRIGUES, José Honório. *Filosofia e História* 1981, p.19.

¹⁸⁸ “A realidade brasileira contém (...) elementos arcaicos, coloniais (absolutismo, patriarcalismo, paternalismo, autoritarismo, latifúndio), sobrevivências imperiais (falsidade da vida política representativa, organização econômica dirigida para o exterior, e enquadrada numa estrutura internacional que a subjuga, predomínio de preconceitos e privilégios, conciliação, divórcio entre Poder e Sociedade)”. In: Ibidem, pp.10.

¹⁸⁹ Em entrevista a *Istoé* (em anexo), publicada em 12.04.1978. In: RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 146-149.

o patriotismo “uma virtude cívica, uma inclinação afetiva à nossa terra e à nossa gente (...) não é privativo de qualquer classe, de qualquer doutrina (...) pode superar até as relações de classe”¹⁹⁰. Para Rodrigues, a força do nacionalismo estava precisamente em sua flexibilidade, porque pode existir em qualquer indivíduo, independentemente de posição política ou condição social.

Por ocasião de um debate promovido pelo Jornal Estado de São Paulo¹⁹¹, Mota questiona se o revisionismo proposto por Rodrigues é marcado por ‘uma ideologia nacionalista’. O historiador fluminense confirma seu posicionamento, acrescentando que o seu nacionalismo tinha inspiração nas lutas nacionais ocorridas desde o período imperial “em defesa dos nossos interesses e, sobretudo, de uma participação maior do povo na história”. Mais adiante, Mota indaga a Rodrigues se o nacionalismo no Brasil não corria “o risco de tomar o caminho da direita”; nas duas entrevistas, Carlos Guilherme Mota inquire José Honório Rodrigues sobre o tipo de nacionalismo a que ele era partidário e de sua vinculação com a Escola Superior de Guerra (ESG). Contundente em suas respostas, José Honório Rodrigues assevera que existia um nacionalismo de esquerda dentro do ‘revisionismo’ e que sua vinculação a ESG, em 1955, foi um marco em sua vida intelectual, pois, os debates ali ocorridos – frisando que era um ambiente democrático até 1964 e onde coexistiam as mais diversas correntes do pensamento - sobre a realidade brasileira, o motivaram a participar, como historiador, da vida pública, fazendo-o abandonar a “clausura do eruditismo”¹⁹².

A aproximação percebida entre Mota, Amaral Lapa e Rodrigues está na visão de uma história marcada pela ideologia; esta parece demarcar o ponto de confluência entre os três historiadores. Rodrigues, ao descrever a sua forma de trabalhar com a historiografia, afirmou que operava em três níveis: o cronológico, o temático e o ideológico.¹⁹³ Lapa buscou delinear o perfil de cada

¹⁹⁰ Ibidem, pp. 144-145.

¹⁹¹ Publicado pelo jornal em 22.07.1978. O encontro denominado “Vamos discutir a história do Brasil” reuniu José Roberto do Amaral Lapa, coordenador dos cursos de Mestrado em História pela UNICAMP, Carlos Guilherme Mota, livre-docente da USP e José Honório Rodrigues, professor de Historiografia e Teoria e Pesquisa Histórica nos cursos de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense. Publicado posteriormente no livro *Tempo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 150-163. Excertos da entrevista em anexo.

¹⁹² Esta nova postura também foi motivada pela leitura de Benedetto Croce, conforme abordamos no capítulo anterior.

¹⁹³ RODRIGUES, José Honório, op., cit, (1986) pp.160.

um deles em relação ao “modo de produção do conhecimento histórico”, criando também uma ideia de continuidade do trabalho histórico entre os três:

o José Honório deu a primeira contribuição, a mais ampla, a mais profunda, dessa avaliação crítica. O Carlos Guilherme inseriu neste exame crítico a preocupação de recuperar todo o universo das ciências humanas, fazendo uma espécie de leitura ideológica do discurso do historiador brasileiro. E eu tento sistematizar e exigir uma permanência para esse processo de avaliação crítica ¹⁹⁴.

Durante esta entrevista, Mota justifica esses encontros afirmando que há um “novo sopro nacionalista” e que a obra de José Honório Rodrigues se “revaloriza” naquele momento; a primeira ‘valorização’ ocorrera na década de 1950, provavelmente referindo-se as primeiras publicações de *Teoria da História do Brasil* (1949) e *A Pesquisa Histórica no Brasil* (1952). Mota atenta para o fato destes debates das produções que buscam “uma teoria”, “uma reflexão multidisciplinar” sempre ocorreram à margem da universidade; como Lapa, ao afirmar que a produção de conhecimento dentro das universidades não tem abarcado as discussões ocorridas fora dela. Para Rodrigues, a realidade das Especializações dentro das universidades esbarrava em sua necessidade ‘pessoal’ de compreender a história do Brasil através da longa duração. Em outro texto, José Honório Rodrigues revela que as monografias desenvolvidas nestas instituições não poderiam abarcar temporalmente grandes períodos, indicando sua limitação. Tal texto constitui o primeiro capítulo da obra de mesmo nome, *Tempo e Sociedade*¹⁹⁵, ali Rodrigues discorre sobre a diferença do tempo para a história e para as ciências sociais, a partir da tese de Fernand Braudel da *longue durée*, discorrendo desde a escolha do termo ‘duração’ — apropriado por abarcar a ideia tanto de conservação quanto de endurecimento, revelando, assim, “a continuidade histórica e as resistências à mudança” — até a efetividade para as análises feitas pelo historiador já que “nele [a longa duração] vê a interação, as conexões e ligações, e, repito, a continuidade, a estrutura, a mudança e o movimento, mais diacrônico que sincrônico”.

¹⁹⁴ RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 155.

¹⁹⁵ *Ibidem*, pp. 13-26.

No debate com Mota e Lapa¹⁹⁶, Rodrigues aponta para aspectos positivos das monografias cujos temas relevantes, até então pouco explorados, como o papel do índio, do negro, da relação entre as classes sociais, o poder e a ideologia, deveriam ser estudados. Porém, na entrevista concedida a Mota no mesmo ano, quando indagado sobre a missão das universidades em formar historiadores, José Honório Rodrigues afirma que a maioria das instituições fracassaram neste propósito, com exceção de São Paulo (não especificando instituição), Paraná e a Federal Fluminense de Niterói.

Em entrevista ao professor de Estudos Latino-Americano da Stanford University, John D. Wirth¹⁹⁷, José Honório Rodrigues fala de sua frustração por não ter conseguido criar um instituto de pesquisa histórica nos moldes existentes nos E.UA., na França e na Inglaterra, tarefa em que se empenhava desde o lançamento da 1ª edição de *A pesquisa histórica no Brasil*. Porém, sem apoio do Estado ou de instituições privadas, o objetivo nunca fora alcançado. Vale destacar que desde a criação do primeiro curso de História do Brasil pela Universidade do Distrito Federal em 1935, a grade curricular privilegiava a formação de professores, mesmo com a existência de bacharelado nos cursos; a formação de historiadores nestas instituições passa a ocorrer, de fato, com a criação de programas de pós-graduação, a partir da década de 1970.¹⁹⁸

3.4. “Todo historiador possui a ideologia de sua época”. Será?

É importante fazermos algumas considerações acerca da leitura que José Honório Rodrigues fazia do contexto que deu origem aos seus últimos escritos, datados da passagem de 1970 para a década de 1980. Conforme descrevemos nos capítulos anteriores, Rodrigues denunciava as dificuldades enfrentadas pelo historiador num regime que cerceava as liberdades civis; no

¹⁹⁶ Debate promovido pelo O Estado de São Paulo (excertos em anexo), publicado em 22.07.1978. In: RODRIGUES, José Honório. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986, p. 150-163.

¹⁹⁷ Entrevista a John D. Wirth, para *The Hispanic American Historical Review*. In: RODRIGUES, Leda Boêchat (org.). *Ensaio livres*. São Paulo: Imaginário, 1991, p.261-276.

¹⁹⁸ FERREIRA, Marieta M. Notas sobre a institucionalização dos cursos universitários de História no Rio de Janeiro. In: GUIMARÃES, Manoel L. L. Salgado. (Org) *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

entanto, são nestes escritos finais que Rodrigues apresenta sua interpretação do período de ditadura militar (1964-1985).

Primeiramente, para o historiador, este momento da história brasileira é marcado pelo ‘generalismo’ que seria o equivalente ao imperialismo – termo usado pelos liberais, críticos dos dois poderes atribuídos a D. Pedro II, o Moderador e o Executivo. José Honório, contudo, faz questão de diferenciá-los: o ‘generalismo’ não tinha legitimidade enquanto que as duplas atribuições de D. Pedro II, eram previstas constitucionalmente. Generalismo, portanto, seria a concentração de poder nas mãos dos generais-presidentes que faziam rodízio no cargo máximo do Executivo, atuando de forma abusiva e impondo.

o predomínio da força sobre o direito, a tutela sobre o povo, o desprezo às liberdades públicas e individuais, e a recolonização do povo, cujo consenso se despreza como despreparado, quando não há, na história do Brasil, na continuidade do seu processo, nenhuma vitória brasileira ganha senão com o povo, com seu inteiro apoio. Não é possível anteporem ao país um homem e a tirania à liberdade

¹⁹⁹

José Honório Rodrigues não enxerga neste período um nacionalismo exacerbado por parte dos militares. O fato de tomarem o poder por mais de duas décadas (in)justificados num discurso em defesa da nação, porém, onde os representantes do povo que constitui esta nação, têm pouca e controlada participação no poder, demonstra para Rodrigues a vitória, mais uma vez, da contrarrevolução, porque uma minoria continua no controle do restante da nação, agindo de forma totalmente desvinculada da população tutelada, e sem nenhuma intenção real de planejar a inserção do cidadão brasileiro à vida pública. Aparentemente, os militares administravam o país em nome da ordem, dos bons costumes e dos anseios populares; a bandeira de combate aos grupos revolucionários de esquerda era desconhecida pela maior parte da população, portanto, as justificativas desta ditadura dos “generais de quatro estrelas” contra o comunismo se davam entre as classes de comando do país. Questionar o por que da omissão e do aceite desta intervenção duradoura das Forças Armadas no comando do país e quais as consequências deste período

¹⁹⁹ RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 163.

em nossa história para os dias atuais é algo que leva há muitas indagações, reflexões e busca por respostas.

É interessante observar que José Honório Rodrigues afirma veementemente nestes escritos finais, que o liberalismo político – não o econômico, que não passava para o historiador de uma fase superada do capitalismo – caracterizado pela liberdade política e garantia dos direitos humanos era a maior aspiração entre os povos, inclusive aqueles submetidos por ditaduras militares ou comunistas. Denunciava a incompreensão da dinâmica da sociedade brasileira por parte dos militares e as duras consequências que uma política impositiva e irresponsável poderiam gerar, pois,

O resultado pode ser um Estado paranóico e uma geração neurótica. Um estilo paranóico de governo, total, absoluto, dono da verdade, e uma geração traumatizada não só pela opressão, mas pela incompreensão, pela apatia, pela indiferença, pelo desamor às coisas públicas, comunitárias, nacionais. (...) enfim, quando o Poder é um círculo de ferro que exclui a grande maioria e vê na oposição o inimigo, e na conciliação uma graça imoral, é difícil sentir que o caminho seja frutífero²⁰⁰.

O estranhamento que o nacionalismo de José Honório Rodrigues causava nos encontros com os historiadores mais novos pode ser encarado numa perspectiva de significação diferenciada que cada geração dá ao conceito de nacionalismo. Se considerarmos a formação intelectual de Rodrigues - forjada numa simbiose de erudição e presentismo -, aliada aos valores liberais de democracia e liberdade, torna-se compreensível suas teses sobre a história do Brasil, a filiação a Capistrano de Abreu, sua incansável atuação nas instituições de guarda de documentos e produção histórica, assim como o nacionalismo a que se vinculava.

O fato de almejar e, ao mesmo tempo, desconfiar do reconhecimento que poderia não vir de seus pares póstumos²⁰¹ é sintomático, já que passou sua vida lutando pelo reconhecimento da História, como coluna fundamental para um projeto político do país enquanto nação e esta firmação, aos olhos de

²⁰⁰ RODRIGUES, José Honório. *História Combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 168.

²⁰¹ O movimento de 'conservação' e 'inovação' dentro da historiografia, como apontou Gontijo, também possui sua oposição à lembrança: o esquecimento.

Rodrigues, não ocorrera. Porque o país passara por um longo período ditatorial cujas consequências marcariam o seu futuro, inevitavelmente; a intelectualidade que contestou o regime, quando não perseguida ou refugiada, ficou em território nacional completamente desmobilizada e desarticulada pelo recrudescimento da ditadura militar. O nacionalismo que José Honório Rodrigues partidarizava era visto com desconfiança pelas novas gerações ao ser associado à sua passagem pela Escola Superior de Guerra, ligando-o, erroneamente, à ditadura militar, um regime que tanto criticara²⁰². E o declínio, no fim da vida, de sua maior referência na historiografia brasileira, Capistrano de Abreu - que morrera no ostracismo, assinando suas cartas como “João Ninguém” e “Zero” – eram fatores demasiadamente angustiantes vividos numa atmosfera de desconfiança e incerteza.

Todavia, aos 74 anos, José Honório Rodrigues ainda tinha muitos projetos que gostaria de executar, tais como um trabalho de compilação de fontes primárias a serem trabalhadas por professores na Educação Básica²⁰³ e a conclusão de sua *História da História*, projetada para ser publicada em mais três volumes. Se seria compreendido, caberia às futuras gerações a avaliação de seu legado, mas impossível de não ser notado por qualquer estudioso da disciplina. Mas apesar de um futuro incerto à sua memória, sabia que conseguira combater pela História.

²⁰² Pudemos observar no conjunto dos ensaios analisados que somente nas publicações da década de 80, é que aparecem críticas contundentes e diretas aos militares, através da tese do ‘generalismo’, criada por José Honório Rodrigues. Nas duas décadas anteriores, as críticas eram feitas de forma geral, ao Estado, na condução de questões exclusivamente relacionadas a produção histórica.

²⁰³ Entrevista a John D. Wirth, para *The Hispanic American Historical Review*. In: RODRIGUES, Leda Boêchat (org.). *Ensaaios livres*. São Paulo: Imaginário, 1991, p. 273.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

José Honório Rodrigues marcou sua passagem na historiografia brasileira ao desenvolver, a partir da década de 1940, um arrojado projeto historiográfico constituído por obras fundamentais sobre teoria, pesquisa e metodologia voltadas aos estudantes, professores e pesquisadores de história que atuavam, a seu ver, de maneira ainda tateante no Brasil. Seu empreendimento, no entanto, teve desdobramentos mais amplos do que se poderia imaginar de início, ao trabalhar em instituições voltadas para a guarda de documentos, como o Arquivo e a Biblioteca Nacional, acabou por imprimir na área uma forma renovada de gerenciamento do patrimônio documental. Seu legado ainda contou, dentre outros produtos de menor fôlego, com mais de 60 volumes de documentos publicados em *Anais*, um farto material constituído para dar suporte ao trabalho e às inquietações das sucessivas gerações de historiadores que lhe sucederiam.

Graduado em Direito pela Universidade do Brasil, José Honório acabou por tornar-se um historiador de ofício que acabou por encontrar fora de seu país, nos Estados Unidos da América, mais precisamente na Universidade de Colúmbia, sua especialização na seara da História. Na América do Norte e na Europa frequentou cursos, visitou instituições dedicadas à preservação, guarda e produção do conhecimento histórico, onde recolheu os subsídios necessários para a elaboração de um amplo diagnóstico sobre as implicações entre o presente e o passado de seu país natal.

De posse desse diagnóstico, elaborou um projeto de escrita da história construído a partir da crítica da própria historiografia sobre o país, articulado pela necessidade premente de formar intelectuais mais ativos e críticos, elites melhor preparadas a partir da formação de cidadãos mais conscientes de seu papel na condução dos destinos da nação, tarefa, a seu ver, ainda por ser concluída.

Mesmo vindo a falecer antes de concluir todo o projeto, é possível dizer que levou a cabo o trabalho ao qual se propôs dando início a um exame detalhado dos maiores intérpretes de nossa história, revelando suas teses, mecanismos interpretativos, polêmicas e principais contribuições. A tarefa certamente não foi das mais fáceis — dados os muitos empecilhos criados,

dentre outros fatores, por um Estado politicamente instável e despreocupado com sua história e por uma universidade que servia quase exclusivamente a si mesma —, ainda assim, pode-se dizer que foi muito bem acompanhada por estudiosos como Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Afonso d'Escragnole Taunay, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e tantos outros. O elenco dos principais artífices e intérpretes da história pátria, sob sua pena, acabou por desembocar nele próprio, o que não chega a ser uma surpresa e nem mesmo um demérito, tratando-se de um intelectual simpático à hermenêutica como explicação teórica que distingue por seu método próprio as ciências do espírito de suas congêneres dedicadas ao estudo da natureza. Suas inspirações, posições, escolhas e filiações, registradas em muitos de seus textos, foram ainda narradas para jovens e curiosos historiadores e tiveram como testemunha privilegiada sua esposa, mulher de letras que também se encarregou de contribuir com a execução e divulgação dessa obra de uma vida.

Imiscuídos em meio a uma produção livresca prodigiosa, Rodrigues nos legou uma miríade de textos curtos e diretos, ensaios publicados entre as décadas de 50 e 80 do século XX, muito úteis a iluminar o caminho do historiador interessado em compreender melhor os pormenores de sua produção e o balanço resultante de seu afamado projeto trípico. Com interesse em contribuir com a compreensão de sua trajetória intelectual, das permanências e rupturas de seu entendimento sobre o próprio ofício do historiador e, por fim, de sua percepção mais aprofundada sobre a história do desenvolvimento da História como disciplina no país, lançamos nosso olhar sobre seus ensaios e, em conjunto com a consulta a suas obras, entrevistas concedidas e outros testemunhos impressos de sua epopeia historiográfica, buscamos avançar na compreensão daquele que acabou por inscrever permanentemente seu nome entre os pioneiros estudiosos da historiografia brasileira.

Quando voltou de sua estadia nos Estados Unidos, em 1945, o interesse de José Honório Rodrigues voltou-se à realização de uma análise crítica sobre a produção histórica brasileira. Recorrentes foram os artigos e ensaios por ele produzidos abordando os problemas, apontamentos e expectativas em relação ao plano mais amplo da produção histórica do país. Outro momento importante

em sua produção, é a segunda metade da década de 50, quando se dá a inserção de José Honório Rodrigues na Escola Superior de Guerra pois, a partir daí, sua produção é acrescida de outros elementos: seu interesse pela realidade brasileira, pela história contemporânea e por explicações generalizantes que se valiam da percepção do tempo quase imóvel da longa duração. Para tanto, Rodrigues encontrou suas principais bases teóricas, principalmente, em dois historiadores ingleses, Geoffrey Barraclough e Arnold Toynbee. Para esta geração, possuir uma visão mais abrangente da realidade era uma questão de sobrevivência diante das mudanças ocorridas no pós-guerra.

Pudemos avaliar sua crítica das condições de produção e resultados dos estudos históricos no Brasil; nestes escritos denunciava a ausência de uma instituição de pesquisa histórica no país, construída nos moldes dos institutos europeus, norte-americanos e argentinos, assim como, a falta de uma política arquivística eficiente e da falta liberdade acesso à informação em tempos ditatoriais. Pela falta de estímulo à pesquisa e fomento na geração de serviços voltados a área, o Estado é apontado como um dos responsáveis pelas adversidades encontradas para o desenvolvimento consistente da História no Brasil. Estas denúncias foram constantes por quatro décadas, e com grande frustração José Honório Rodrigues afirma, no final da vida, não ter conseguido estabelecer o Instituto Nacional de Pesquisa Histórica, por ele idealizado desde 1952.

Outro setor responsabilizado pela inconsistência na produção histórica nacional é a Universidade, por possuir no início de sua institucionalização, um currículo fixo com poucas horas voltadas ao estudo da história do Brasil, ausência de cadeiras de teoria, metodologia e historiografia e ênfase na formação de docentes para a educação básica. Em momento posterior, a falta de professores universitários com a expansão das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras passa a ser um problema que envolvia toda a educação, já que os licenciados passariam a reproduzir em sala de aula os conteúdos de baixa qualidade lecionados nas faculdades por professores da própria Educação Básica.

A contratação de *brazilianists* para compor os quadros das universidades era uma possibilidade, já que na década de 60, somente os

Estados Unidos formaram 600 pesquisadores especialistas em Brasil. Porém, para Rodrigues, este preenchimento de vagas por estrangeiros em nossas universidades causava preocupação pela desnacionalização que a história passaria a ter. No final de suas produções ensaísticas, as críticas de Rodrigues à Universidade eram em torno do tipo de pesquisador que estas instituições estavam formando: especialistas, produtores de monografias que não poderiam produzir obras gerais para uma compreensão mais ampla da realidade histórica.

O terceiro e último setor responsável pelos obstáculos no desenvolvimento da história no Brasil, segundo José Honório Rodrigues, eram as elites dirigentes do país, caracterizadas por sua 'alienação cultural', que se manifestava nas posições de comando da sociedade e não permitiam, por seu apreço a manutenção de uma mentalidade arcaica, a superação dos entraves que impediam o desenvolvimento não somente da história mas de todo o processo histórico brasileiro. Para Rodrigues, a ausência de uma cultura histórica brasileira consolidada causava à nação impactos profundos que comprometeriam seu processo de desenvolvimento e libertação de características 'arcaicas' de sua história como o autoritarismo e a separação abismal entre sociedade e poder.

A aproximação de José Honório com o presentismo de Benedetto Croce marca sua produção, a qual passa a ter um caráter de militância representada pelo exercício do próprio ofício de historiador. Para o presentismo, os questionamentos colocados pelo historiador às fontes a partir das necessidades do presente é que proporcionam uma história potencialmente transformadora, e será desta forma que Rodrigues passará a desenvolver seu projeto historiográfico. Os ensaios políticos são as primeiras obras desta fase, porém, dentre os ensaios historiográficos, *Vida e História*, é que marca a produção historiográfica voltada ao presentismo.

Outro referencial fundamental na constituição do arcabouço teórico de José Honório Rodrigues foi o historiador brasileiro João Capistrano de Abreu. Convencido por Sérgio Buarque de Holanda, nos tempos que trabalhavam juntos na Instituto Nacional do Livro, da singularidade da obra de Capistrano, Rodrigues compilou e organizou a dispersa produção do historiador quando passou a trabalhar na Biblioteca Nacional (1946-58) e no Arquivo Nacional

(1958-64). A Capistrano de Abreu, Rodrigues atribui uma revisão historiográfica inédita e dela passa a se considerar um seguidor, ao compartilhar da ideia de que o povo brasileiro não era submisso como muitos historiadores assim o descreveram. Ele, o povo, acabou vergado por ser sempre vilipendiado, maltratado e desdenhado pelas elites dirigentes, bem como suas legítimas lideranças cruelmente massacradas em tempos de revoltas. O outro aspecto desta tese é a vitória das forças conservadoras e as sucessivas conciliações que impediam a ruptura com valores arraigados na história no país desde os tempos coloniais, característica que emperrava o desenvolvimento democrático do país, aumentando cada vez mais a separação profunda existente entre poder e sociedade.

José Honório Rodrigues declarava-se um nacionalista, o que no final dos anos de 1970 soava como uma mácula na carreira do historiador para as novas gerações de historiadores marxistas, por esta característica estar associada ao regime militar. Rodrigues afirmou que o seu revisionismo era de esquerda, mas não necessariamente socialista. José Honório Rodrigues se posicionava como um liberal que se caracterizava como defensor da liberdade política e da garantia dos direitos humanos, em qualquer tipo de regime, seja de direita ou de esquerda.

Do seu projeto inicial, Rodrigues conseguiu produzir a maioria das obras do tríptico, permanecendo incompletos somente os volumes finais da *História da história do Brasil: sobre o liberalismo, o realismo e o socialismo*, marcadamente analisados por meio de seus aspectos ideológicos. Dentre as teses criadas para a construção de uma teoria da história do Brasil, a que marcou expressivamente a geração de 1980 foi a presença da ideologia nos seus escritos históricos. Este aspecto, presente na sua forma de construir a história da historiografia, tinha também o intuito de combater a historiografia conservadora, substituindo-a por uma visão compromissada com a democracia e com o desenvolvimento social, político e econômico do país.

A análise dos principais episódios políticos ocorridos durante o período em que concebeu suas principais obras, marcado majoritariamente por mais de vinte anos de ditadura militar no Brasil, deu origem ao que ele denominou de generalismo: a concentração de poder nas mãos dos generais-presidentes que faziam rodízio no cargo máximo do Executivo, atuando de forma abusiva, mas

com um discurso de defesa da nação. Todavia, os representantes da sociedade, tinham pouca e controlada participação no poder, demonstrando a Rodrigues a vitória da contrarrevolução, já que uma minoria continua controlando o restante da nação, o poder totalmente desvinculado da população tutelada, sem nenhuma expectativa de sua inserção na vida pública.

Ao findar de sua vida, em 1987, José Honório Rodrigues deixou-nos um legado historiográfico rico em organização de fontes documentais, teorias de interpretação da história do Brasil e de sua historiografia, além de obras que foram fundamentais para o desenvolvimento da História como campo de saber especializado no país. Incansável em sua luta por melhores tempos em nossa história, com a inserção efetiva do povo nas estruturas de poder e no desenvolvimento do país, em seus aspectos culturais, políticos e econômicos, Rodrigues dedicou toda a sua vida à construção daquilo que acreditava ser a mais poderosa arma para a redenção de uma história marcadamente cruenta no Brasil: o desenvolvimento generalizado de uma consciência histórica verdadeiramente brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

RODRIGUES, José Honório. *Notícia de Vária História*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

_____. *Aspirações Nacionais*. Interpretação histórico-política. São Paulo: Fulgor, 1963.

_____. *Conciliação reforma no Brasil*. Interpretação histórico-política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965.

_____. *Teoria da História do Brasil*. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

_____. *História da História do Brasil*. Historiografia colonial. Volume I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. *Filosofia e história*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *A Pesquisa histórica no Brasil*. Sua evolução e problemas atuais. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

_____. *História combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *História, corpo do tempo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1984.

_____. *História viva*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_____. *Vida e história*. São Paulo: Perspectiva, coleção Debates, 1986a.

_____. *Tempo e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986b.

_____. *História da História do Brasil*. Historiografia conservadora. Volume II: tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.

_____. *História e historiografia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Estudos

ADORNO, Theodor W.O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura*. São Paulo: Editora 34, 2012, pp. 15-45.

ARAUJO, Karina Anhezini de. *Um metódico à brasileira: A História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*, Tese (doutorado em História) – UNESP, Franca, 2006.

_____. *Intercâmbios intelectuais e a construção de uma História: Afonso d'Escagnolle Taunay 1911-1929*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Franca.

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Tradução: Andréa Dore; revisão técnica José Jobson de Andrade Arruda. Bauru: Edusc, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CAMPOS, Pedro Moacyr. *Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX*. In: GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

CARDOSO, Ciro Falamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, 19ª impressão.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CEZAR, Temístocles. *Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.) *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. *Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História no Brasil oitocentista*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.) *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. *Literatura e Cultura escrita. Estabilidade das obras, mobilidade dos textos, pluralidade das leituras*. In: Conferência de fechamento da "Escola São Paulo de estudos avançados", USP, 24/08/2012. Disponível: < <http://www.espea.iel.unicamp.br/index.php?lang=pt-br> >

CROCE, Benedetto. *Orientações. Ensaios de filosofia política*. Rio de Janeiro: Athena, s.d.

DIEHL, Astor A. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

_____. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FALCON, Francisco. Sobre história, historiografia e historiadores. *História e historiografia*. Ouro Preto, n. 7, Nov./dez. 2011, pp. 365-382. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/319/224>

_____. A historiografia fluminense a partir dos anos 1950 / 1960: algumas direções de pesquisa. In: GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-68.

_____. *Estudos de teoria da história e historiografia*. Vol. 1: Teoria da história. São Paulo: Hucitec, 2011.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976. Disponível em :<<http://www.raquelglezer.pro.br/edi%e7%f5es/O%20Fazer%20e%20o%20Saber%20.pdf>> Acesso em: 30/07/2013.

GONTIJO, Rebeca. José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição. In: NEVES, Lúcia Maria B. (et al). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2011, pp.277-290.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, nº. 1, jan./ jun. 2005.

_____. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 1, p. 5-27, 1988.

_____.(org.). *Estudos sobre a escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

_____. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy. (Org.) *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº1, 1988, pp. 55-78.

_____. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

LACOMBE, Américo Jacobina. *Historiografia brasileira; Os grandes nomes da nossa história*. In: *Introdução ao estudo da História do Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A história em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1976.

MALERBA, Jurandir. Em busca de um conceito de Historiografia. Elementos para uma discussão. *Varia História*, nº. 2, p. 27-47, 2001.

_____. (Org.) *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Estevão de Rezende. *Historiografia Contemporânea - Um ensaio de tipologia comparativa*. *Varia História*, nº. 2, p.13-26, 2001.

MARQUES, Ana Luiza. *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme. José Honório Rodrigues: a obra inacabada. *Estudos Avançados*, v.2, n. 3, São Paulo, set./dez., 1988, p. 107-110.

_____. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. In: *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, v. 2 nº 3 p. 23-56 Set./Dez. 2011.

ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: UNESP, 1997.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 7ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RODRIGUES, Lêda Boechat e MELLO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

RODRIGUES, Leda Boêchat (org.). *Ensaio livres*. São Paulo: Imaginário, 1991.

ROHMANN, Chris. *O livro das idéias: pensadores, teorias e conceitos que formam nossa visão de mundo; tradução Jussara Simões*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SILVA, Ítala Byanca Morais da. Anotar e prefaciara obra do “Mestre”: Reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. *História da Historiografia*. Ouro Preto, nº3, 2009, pp.83-105.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE COMPARATIVE STUDY OF CIVILIZATIONS. Sobre ISCSC. Disponível em <<http://www.wmich.edu/iscsc/about.html>> Acesso em: 04/09/2013.

APÊNDICE

APÊNDICE 01 - TABELA DE FONTES

As fontes que compõem a pesquisa são:

OBRA	Editora/Cidade/ano.	Ensaio	Publicação
<i>Notícia de Vária História</i>	Editora São José, Rio de Janeiro, 1951.	Historiografia brasileira em 1945	Artigos para jornais e revistas publicados entre 1945 e 1949, sem especificação do primeiro suporte de veiculação.
<i>Notícia de Vária História</i>	Editora São José, Rio de Janeiro, 1951.	Historiografia brasileira em 1946	Artigos para jornais e revistas publicados entre 1945 e 1949, sem especificação do primeiro suporte de veiculação.
<i>Notícia de Vária História</i>	Editora São José, Rio de Janeiro, 1951.	História e atualidade.	Artigos para jornais e revistas publicados entre 1945 e 1949, sem especificação do primeiro suporte de veiculação.

<i>Aspirações Nacionais. Interpretação Histórico-político</i>	Editora Fulgor, São Paulo, 1963.		Parte dos escritos tiveram origem em conferências; outros publicados em jornais e revistas; e capítulos feitos para o compilado de tema único.
<i>Conciliação e Reforma no Brasil. Um desafio histórico cultural.</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965		Parte dos escritos tiveram origem em conferências; outros publicados em jornais e revistas; e capítulos feitos para o compilado de tema único.
<i>História e historiadores do Brasil</i>	Editora Fulgor, São Paulo, 1965.	A historiografia brasileira e o atual processo histórico.	outubro de 1953
<i>História e historiadores do Brasil</i>	Editora Fulgor, São Paulo, 1965.	Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira.	outubro de 1953
<i>História e historiadores do Brasil</i>	Editora Fulgor, São Paulo, 1965.	Afonso Taunay e o revisionismo histórico.	sem data
<i>História e historiadores do Brasil</i>	Editora Fulgor, São Paulo, 1965.	Casa Grande e Senzala. Um caminho novo na historiografia	novembro de 1959

<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966. Editora Perspectiva, 2.ed. 1986.	Vida e História	Conferência de 18/10/1965 na PUC-SP
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966. Editora Perspectiva, 2.ed. 1986.	3. As tendências da historiografia brasileira e as necessidades da pesquisa	Ensaio preparado para introdução ao vol II das Obras Científicas, Políticas e Sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva, editadas por Edgard de Cerqueira Falcão, São Paulo. 1965
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966. Editora Perspectiva, 2.ed. 1986.	4. Duas obras básicas de Capistrano de Abreu: Os capítulos de História colonial e Caminhos antigos do povoamento do Brasil.	Publicado como introdução à edição conjunta das duas obras de Capistrano promovida pela Universidade de Brasília. 1965
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966. Editora Perspectiva, 2.ed. 1986.	1. Martius	Publicado na Revista de História de América, México, pp. 431-433. Em 1956.
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966. Editora Perspectiva, 2.ed. 1986.	2. Sir Charles Webster	Jornal Diário de Notícias em 11/4/1954

<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	3. Uma nova síntese sobre o Império	
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	4. Pierre Monbeig	Resenha crítica publicada na Bibliografia de História do Brasil, Ministério das Relações Exteriores, 1º e 2º semestres de 1952,Rio de Janeiro, 1958, pp109-111.
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	5. Charles R. Boxer	Publicada na Bibliografia de História do Brasil, Ministério das Relações Exteriores, 1º e 2º semestres de 1952, Rio de Janeiro,1958 , pp109-111.
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	6. Paroissien, agente de Carlota Joaquina	Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro.1/5/1954
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	1. A historiografia alemã	Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro.12/4/1953

<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	2. A História e Srbik	Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro.26/4/1953
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	3. "A História é uma questão de consciência".	Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro.10/5/1953
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	4.BURCKHARDT	Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro.29/3/1953
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	5. Henri Pirenne	Publicado em O Jornal, Rio de Janeiro.24/7/1952
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	6. Huizinga	Publicado em O Jornal, Rio de Janeiro. 3/4/1952
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	7. Meinecke e a Razão de Estado	Publicado em O Jornal, Rio de Janeiro. 17/7/1957
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	8. Dewey e a História	Publicado em O Jornal, Rio de Janeiro. 3/7/1952

<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	9. Santayana e a História	Publicado em O Jornal, Rio de Janeiro. 22/1/1953
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	10. Guerra e Paz na História	Publicado em O Jornal, Rio de Janeiro. 8/5/1952
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	11. O conceito da " Grande Fronteira" de Walter Prescott Webb	Publicado primeiramente em inglês: "Webb's Great Frontier and the Interpretation of Modern history", in The New World Looks at its History, Edited by Archibald . Lewis and Thomas F. McGann. Austin, University of Texas Press, 1963 , pp.155-164
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	12. Civilização, palavra e conceito	Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro. 21/5/1953
<i>Vida e História</i>	Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1966. Editora Perspectiva,2.ed.1986.	13. Uma só civilização.	Publicado no Tempo Brasileiro. 12/1962.

- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 1: Historia e Teoria. Toynbee e a Filosofia da História. O Jornal 06 e 13/04/1947
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 1: Historia e Teoria. Cap.4.2. Uma conversa com Toynbee. O Jornal 07/02/1952
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 1: Historia e Teoria. Cap.4.3. A civilização ocidental e Toynbee O Jornal 14/01/1952
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 1: Historia e Teoria. Cap.4.4. Arnold Toynbee e sua visão da História das civilizações. Correio da Manhã 21/08/1966
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 1: Historia e Teoria. Cap.4.5. Um encontro com Toynbee. Manchete 03/09/1966
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 2: Historiografia brasileira. Cap.1. Varnhagen, mestre da História do Brasil Conferência no IHGB em 14/12/1966. Publicado pela 1ª vez na RIHGB, vol275, abr-jun./1967
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 2: Historiografia brasileira. Cap.2. Rodolfo Garcia e Afonso Taunay O Jornal em 30/12/1945
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 2: Historiografia brasileira. Cap.3. Rodolfo Garcia Jornal do Brasil, 06/04/1958

- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 2: Historiografia brasileira. Afonso Taunay e o revisionismo histórico. Cap.4. Jornal do Brasil, 06/04/1959
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 2: Historiografia brasileira. Capistrano de Abreu e a Alemanha Cap.5. Publicado pela 1º vez em alemão em 1958. Inédito em português.
- História e historiografia.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1970. Petrópolis: Ed. Vozes, 2 ed. 2008. Parte 2: Historiografia brasileira. Serafim Leite e a *Monumentae Brasiliae* Cap.6. Jornal do Brasil, 11/08/1957
- História, corpo do tempo.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1ed., 1976. São Paulo: Editora Perspectiva, 1ed., 1984. 1. Reflexões sobre os rumos da História. Conferência de 08/12/1970, em Juiz de Fora, no II Encontro Brasileiro sobre introdução aos Estudos Históricos (inédito para publicação).
- História, corpo do tempo.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1ed., 1976. São Paulo: Editora Perspectiva, 1ed., 1984. 11. A pesquisa histórica e a história contemporânea. Publicado em O Jornal em 29/04/1973, sob o título "Por que não escrevo história contemporânea"
- Filosofia e História.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981. Cap.1 História real e oficial Parte do 3º volume da História da história: historiografia e ideologia, (obra não publicada), tornando-se autônomo.

<i>Filosofia e História.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.	Cap.2. A Tradição, a Memória e a História	Parte do 3º volume da História da história: historiografia e ideologia, (obra não publicada), tornando-se autônomo.
<i>Filosofia e História.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.	Cap.3. A luta metodológica e ideológica na historiografia contemporânea	Parte do 3º volume da História da história: historiografia e ideologia, (obra não publicada), tornando-se autônomo.
<i>Filosofia e História.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.	Cap.4. O Historicismo e o Humanismo	Parte do 3º volume da História da história: historiografia e ideologia, (obra não publicada), tornando-se autônomo.
<i>História combatente.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.	Cap1. As perspectivas Históricas Mundiais	1ºpublicação
<i>História combatente.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.	Cap.3 A história contemporânea do Brasil e dos EUA.	1ºpublicação
<i>História combatente.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.	Cap.4. Os Estudos Brasileiros e os Braziliaznists	
<i>História combatente.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.	Cap.4.1. Os Estados Unidos	Revista de História, nº107, 1976.
<i>História combatente.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.	Cap.4.2. Os Estudos Brasileiros e os braziliaznists franceses e ingleses	

<i>História combatente.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.	Cap.4. Os Estudos Brasileiros e os braziliannists alemães e suecos	
<i>História combatente.</i>	Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.	Cap.4. Os Estudos Brasileiros União Soviética	
<i>História Viva.</i>	São Paulo: Editora Global, 1985.	Cap. V.O processo cruento da História do Brasil.	Publicado em espanhol em Cuadernos de Marcha, 2º época, México, junho-agosto, 1980, pp. 29-33.
<i>História Viva.</i>	São Paulo: Editora Global, 1985.	Cap.VI. A História vivida	Publicado no Suplemento "Cultura" de O Estado de São Paulo, em 12/07/1982
<i>História Viva.</i>	São Paulo: Editora Global, 1985.	Cap. VII. Em 64 rompe-se a tradição e o adversário vira inimigo	Publicado no Suplemento "Cultura" de O Estado de São Paulo, em 30/08/1981.
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Parte I. O tempo e a sociedade Cap.1. O tempo e a sociedade	Publicado na Revista de História de América, nº84, julho-diciembre, 1977.
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Cap.2: O exílio no Ocidente.	Publicado na Folha de São Paulo em 18/09/1979
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Cap.3: O exílio no Brasil.	Publicado na Folha de São Paulo em 18 e 19 de setembro de 1979.

<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Parte II. Arquivos e História Cap.1. A liberdade de informação e de pesquisa no Brasil.	Publicado em O Estado de São Paulo em 27 de agosto de 1978 e reproduzido em Arquivo de Administração, dez.1978.
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Cap.2. Theodore R. Schellenberg e a lição arquivística no Brasil	
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Cap.3. Burocracia, papelório e documento histórico.	Publicado no Jornal do Brasil, 04/11/1979 e 28/11/1979.
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Cap.3. A história contemporânea do Brasil e os Estados Unidos.	
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Parte III. Entrevistas e Debates Cap.1. Uma nação de deserdados	Publicado em IstoÉ, 12/04/1978 .
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Parte III. Entrevistas e Debates Cap.2. Vamos discutir a História do Brasil	Publicado em O Estado de São Paulo em 22/07/1978.
<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Parte III. Entrevistas e Debates Cap.3. A revolução americana e a brasileira (1776-1822)	Publicado em Brasil: Tempo e Cultura. João Pessoa, 1978, pp. 91-140. Conferência proferida no I Seminário Paraibano de Cultura Brasileira, em 02/12/1976.

<i>Tempo e Sociedade.</i>	Petrópolis: Editora Vozes, 1986.	Parte III. Entrevistas e Debates Cap.4. Comentários. Debates em João Pessoa - PB.	Comentários de José Octávio de Arruda Melo como comentador do I Seminário Paraibano de Cultura Brasileira.
---------------------------	----------------------------------	---	--

APÊNDICE 02 – EXCERTOS DE ENTREVISTAS DE JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

1. Uma Nação de deserdados

POR QUE NOSSA HISTÓRIA ESQUECEU O POVO ²⁰⁴

(Entrevista de José Honório Rodrigues a Carlos Guilherme Mota)

IstoÉ. O sr. é tradicionalmente apontado como um dos intelectuais mais representativos do pensamento nacionalista no Brasil de hoje. O sr. concorda com essa classificação?

José Honório Rodrigues. Não sei se sou representativo. Não sou militante. Não tenho atividade política. Minha atuação se expressou nos artigos, livros e na Universidade.

IstoÉ. O que o levou ao estudo da história? Quem marcou sua orientação e o conduziu nos primeiros passos?

José Honório Rodrigues. Desde o curso secundário tive grande atração pela história. Creio que a definição profissional veio com a leitura dos *Capítulos de História Colonial*, de Capistrano de Abreu. Como não havia cursos superiores de história, estudei ciências jurídicas e sociais na antiga Faculdade Nacional de Direito. Nela, os grandes professores que tive ou com quem convivi, Castro Rebelo, Leônidas de Rezende, Hermes Lima, Afrânio Peixoto, Hahnemann Guimarães, estimularam muito os estudos sociais em geral e os de filosofia. Mas a história estava sempre presente. Veio depois a bolsa da Fundação Rockefeller, em 1943-1944, e depois a do Conselho Britânico. Como se vê, minha formação intelectual é basicamente anglo-americana.

IstoÉ. O Sr. foi o pai do revisionismo de nossa história, nos anos 50. Mas alguns críticos situam o revisionismo nos quadros de um certo jacobinismo nacionalista, expressão de um pensamento radical de classe média. É isso mesmo?

José Honório Rodrigues. O revisionismo era e ainda é necessário. A história era muito oficial, defendia sempre os vencedores e vivia submersa no

123. Publicado em *IstoÉ*, 12. 4. 1978

triumfalismo. Instituições oficiais, e semi-oficiais, universidades cultivavam uma historiografia capitulacionista. A história vinha sendo confundida com tradição. Esta tem sempre o propósito de controlar indivíduos, sociedade, inspirar classes. É um conceito inteiramente corrompido e usado para fins de manutenção dos privilégios da classe dominante. O futuro da história e dos historiadores é limpar a história das visões decepcionantes de uma tradição proposital. Não devemos cultivar a tradição da conservação do *status quo*, mas a da mudança e da luta democrática que o povo brasileiro revelou em várias fases de seu processo histórico. Daí a tese da história cruenta e não cordial. Matar esta tradição responsável pela omissão do povo, pela nostalgia do passado, que se recusa a julgar as responsabilidades das classes dominantes ou quer suavizar seus receios – só assim se pode fazer florescer a história, parteira do futuro.

IstoÉ. O marxismo não o influenciou? Ou, por outro lado, não repeliu suas teorias sobre a história do Brasil?

José Honório Rodrigues. Os professores que citei, sobretudo Castro Rebelo, que foi um dos primeiros marxistas teóricos brasileiros e era grande conhecedor da história, estimularam-me a leitura não só de Marx e Engels e outros autores marxistas, mas de autores de várias correntes ideológicas. Mas, na verdade, nunca fui marxista, e isso se revela na minha obra, sobretudo na *Teoria da História do Brasil*. O marxismo como um método e uma hipótese de trabalho é indispensável, mas não é tudo, e quem a ele adere totalmente fica metido numa camisa-de-força. A leitura da filosofia alemã hegeliana e kantiana, sobretudo Dilthey e Rickert, assim como Marx Weber, equilibraram minha formação ideológica. Baseado em Marx Weber, pronunciei, em 1946, na Confederação do Comércio de São Paulo, uma conferência sobre o *Capitalismo e Protestantismo*. Weber não estava na moda, mas já constava do index soviético. Minha posição política e ideológica é absolutamente antiditatorial, democrática, liberal – do ponto de vista político, social e econômico.

IstoÉ. Seus livros *Aspirações Nacionais e Conciliação e Reforma no Brasil* são frutos de conferências que o sr. pronunciou na Escola Superior de Guerra, no início dos anos 60. Conte como foi esta experiência?

José Honório Rodrigues. *Aspirações Nacionais* é, de fato, fruto de conferências na Escola Superior de Guerra, entre 1956 e 1964. *Conciliação e Reforma* é uma reflexão consequente do primeiro. Eu me formei pela ESG em 1955, quando o Departamento de Estudos era dirigido pelos então coronéis Jurandir Bizarria Mamede e Golbery do Couto e Silva. Fiquei surpreso com o conhecimento dos dois. Falavam como professores universitários e citavam livros, artigos de revistas especializadas anglo-americanas e francesas, que muitos professores não costumavam conhecer. Notei em ambos uma concepção de classe média, tendendo para a direita. Quem pela primeira vez me falou em David Riesman (*The Lonely Crowd*, 1ª ed. 1950) foi o então coronel Mamede. Comprei o livro, li-o e verifiquei que numerosos intelectuais desconheciam a obra. Santiago Dantas não a conhecia, ficou muito interessado e surpreendeu-se com a revelação da obra importante e desconhecida por nós – mas não pelos dois coronéis.

Já tive oportunidade de lembrar o impacto causado, entre filósofos e historiadores, pela obra de Sir Isaiah Berlin (*Historical Inevitability*), reduzindo a história a uma confusão fortuita de ações individuais, desencorajando qualquer investigação de forças subterrâneas, desaprovando padrões coerentes e negando a sucessão causal, os fins do processo histórico. Na Inglaterra e na Europa em geral, Isaiah Berlin não teve nenhuma influência maior. Creio ter tido, na época, influência em Golbery, que já o citava e o lia. Berlin é um judeu de direita, antimarxista, que acreditava ser possível a influência pessoal na mudanças dos rumos históricos, desprezando as forças econômicas e sociais. A geopolítica parece influenciada por Sir Isaiah Berlin.

IstoÉ. Observando o processo histórico brasileiro desde aquela época, o sr. diria que alguma de suas ideias passou a fazer parte da doutrina da Escola Superior de Guerra?

José Honório Rodrigues. Não tive nenhuma influência na doutrina da Escola. Pelo contrário, ela é que teve em mim. Andava por essa época seguindo um

rumo erudito, e a Escola foi uma grande abertura, que me sacudiu, revelando a realidade brasileira contemporânea. O que escrevi depois de 1955 tem um sentido de participação no presente como nunca teve antes. Desde então liguei muito mais a história ao presente e compreendi melhor o que Croce, por influência hegeliana, ensinara, que a história é sempre contemporânea, é sempre presente. A história é história viva. Em 1964, ainda fui convidado a fazer conferências na ESG, como fazia todos os anos, desde 1956, mas foi o rumo autoritário, antidemocrático, que assumiu o movimento de 1964, uma contra-revolução, me levou a assinar vários manifestos, quando se pensava que manifesto podia influir no rumo dos acontecimentos. De 1965 até o ano passado não fui mais convidado. O convite em 1977, a que não pude atender em razão de compromissos internacionais, revelou-se para mim como uma abertura. A ESG, quando a cursei, ouvia opiniões de todas as correntes, inclusive muita gente com conhecida vinculação esquerdista.

IstoÉ. E o propalado nacionalismo dos militares brasileiros, onde o sr. localizaria suas principais fontes ideológicas?

José Honório Rodrigues. Penso ser mais fácil discernir nas Forças Armadas o patriotismo, uma virtude cívica, uma inclinação afetiva à nossa terra e à nossa gente, do que uma posição nacionalista bem definida. O patriotismo não é privativo de qualquer classe, de qualquer doutrina. Mas os patriotas divergem não só quanto às doutrinas, mas quanto aos métodos que devem servir à pátria. O nacionalismo é uma tomada de consciência política, que visa um plano organizador de desenvolvimento nacional, objetivando a emancipação nacional. Neste sentido é o nacionalismo tanto militar quanto civil. Há cerca de duzentos anos, o nacionalismo, cuja expressão nasceu em plena Revolução Francesa, em 1789, tem sido uma poderosa força modeladora da sociedade humana. Ela pode superar até as relações de classes. Sua força reside na sua flexibilidade. Daí os nacionalismo de direita e de esquerda.

O Exército brasileiro foi um auxiliar direto do Poder Moderador exercido pelo imperador, sobretudo após 1870. Seu papel moderador se deve a ter sido ele dominado pelo centro, equilibrando as suas alas direita e esquerda – conservadora e liberal, no Império. Aconteceu, em 1935 e em 1964, que a esquerda foi esmagada dentro do Exército, e disso se aproveitou a ala direita

para se apoderar do comando, afastando o Exército de sua posição tradicional de centro. Ele voltará ao centro e com o centro se fará a volta ao estado de direito. Como dizia D. Pedro, a tropa não é a nação. É parte da nação. O terrorismo nos Estados Unidos ou na Europa não criou, como represália, regimes autoritários. Combate-se o terrorismo com o rigor da lei.

IstoÉ. E a Universidade brasileira, como o sr. a vê na missão de formar historiadores?

José Honório Rodrigues. De modo geral, fracassou. Os historiadores, como disse Theodor Mommsen, nascem feitos e o que a Universidade pode fazer é formá-los e aperfeiçoá-los. Só vejo exceção em São Paulo, e, evidentemente em proporção menor, no Paraná e na Universidade Fluminense, de Niterói.

IstoÉ. O que se pode fazer para melhorar os estudos de história no Brasil? Seria tarefa exclusiva na Universidade? Ou do Estado? De quem?

José Honório Rodrigues. Depende muito da Universidade. Ao Estado cabe fornecer recursos que estimulem a pesquisa histórica, facilitar a organização de arquivos, bibliotecas e museus, e sobretudo garantir o direito à informação, estabelecendo normas gerais, para todos, de acesso e consulta aos documentos. Acabar com o privilégio da consulta e estabelecer o direito ao acesso, eis um ponto essencial. Diz-se nos Estados Unidos que um país não é totalmente independente enquanto não possui e conserva os documentos sobre sua própria história.

IstoÉ. Como historiador, de que maneira o sr. se coloca face à criação de novos partidos políticos no Brasil? Que seria um partido trabalhista, hoje? E um partido nacionalista? E um partido socialista, após mais de dez anos de inatividade política?

José Honório Rodrigues. Creio no pluripartidarismo. Quando se fala, no mundo anglo-americano, da existência de dois partidos únicos, fraudase a verdade. Há dois partidos fortes, mas inúmeros outros, tal como em todo mundo ocidental. É possível que tenhamos um partido socialista, outro conservador e outro liberal, muito brevemente, até que a liberdade partidária

possa cobrir todas as correntes ideológicas. O que não posso fazer é prever como serão e como atuarão esses partidos.

Vamos discutir a história do Brasil²⁰⁵

Neste encontro de historiadores, José Honório Rodrigues debateu seu trabalho de revisão da história do Brasil com Carlos Guilherme Mota, livre-docente da USP e autor de *Ideologia da Cultura Brasileira*, e com José Roberto do Amaral Lapa, coordenador dos cursos de Mestrado em História da UNICAMP e autor de vários livros.

Carlos Guilherme Mota. José Honório Rodrigues, você, lá pelos 50 propôs algumas linhas para o revisionismo da história do Brasil. Só agora, 20 anos depois, é que nós vamos encontrar essa história da história. O que levou a este balanço? Por que *História da História do Brasil*?

José Honório Rodrigues. Desde que fui estudar nos Estados Unidos, em 1943/44, trouxe o projeto de fazer três livros: sobre a *teoria*, sobre a *pesquisa* e sobre a *história da história*. Em 1949 realizei a *Teoria da História do Brasil*. Em 1952 escrevi a *Pesquisa Histórica no Brasil*. A *História da História do Brasil* foi ficando para depois porque o livro estava sempre aumentando, cada vez aumentando mais, e o vulto que ele tomava tornava-o também cada vez mais difícil de ser escrito. Aliás, logo no início do primeiro volume conta a história de Mommsen que acumulou tanto material que passou a ser um homem que fez epigrafia, fez documentário. Então, vai chegando um ponto em que a gente tem que abandonar a coleta de material e escrever. E eu, realmente, só escrevi agora porque é que tive oportunidade de escrever. É o primeiro volume que terminei com 800 páginas mas vai ser publicado com 560. O segundo volume vai ser maior e muito mais difícil. E o terceiro volume é que ligará a historiografia com a ideologia. Esse terceiro volume tenta mostrar o que eu acho importante: como se constroem as concepções históricas. Como nascem

²⁰⁵ Publicado em O Estado de São Paulo de 22. VII. 1978.

essas concepções. Quais são as figuras que constroem a imagem de uma história do Brasil, que é inteiramente conservadora e que é mantida até hoje. Depois, como apareceu uma concepção liberal. E, assim, chego até às correntes mais modernas.

Carlos Guilherme Mota. Voltando aos anos 50: parece que você entra naqueles anos, digamos assim, pesquisador erudito e sai um polemista agressivo. Gostaria de perguntar se essa *História da História do Brasil* está dentro de um projeto nacionalista... Houve, nos anos 50, uma viragem sua em busca do revisionismo; é a mesma linha ou já há retificações?

José Honório Rodrigues. Minha viragem para os problemas do presente, para fazer com que a história fique ligada, tente responder às indagações presentes, resulta de duas coisas: primeiro de certas influências de caráter filosófico, e da problemática nacional que se vai agravando; e da minha entrada na Escola Superior de Guerra. Em 1955, quando entro na ESG, deparo com aquela problemática nacional toda, pois a escola nessa época era muito aberta, ouvia todas as tendências, e eu vivia até então num ambiente fechado, muito erudito. Senti que o historiador tinha que estar mais atualizado com seu presente para que realmente pudesse buscar no passado aquilo que respondesse as interrogações do presente.

Nesse livro essas duas ordens de coisas concorrem: o revisionismo que eu fiz com alguns livros posteriores à ESG, e o polemismo.

Carlos Guilherme Mota. Tem-se a sensação de que o revisionismo que você propunha, ou propõe, é muito marcado por uma ideologia nacionalista.

José Honório Rodrigues. Sempre. Nacionalismo buscado exatamente nas nossas fontes, que são as lutas nacionais, desde a época imperial, em defesa dos nossos interesses e, sobretudo, de uma participação maior do povo na história, porque este sempre foi escamoteado. A conclusão a que chego é que as lideranças brasileiras sempre puseram de lado o povo, e sempre procuraram soluções no alto...

Carlos Guilherme Mota. Isto está ligado à sua “teoria de contra-revolução permanente?”

José Honório Rodrigues. Exato. O Brasil não conhece revoluções. Tivemos apenas revoltas.

Carlos Guilherme Mota. Nem em 1930?

José Honório Rodrigues. Nem em 1930. Foi como na independência. Começa com umas tendências bastante revolucionárias que vão sendo contidas. Quando Antônio Carlos disse aquela frase – “é preciso fazer uma revolução antes que o povo a faça” – exprime bem o processo de travar uma participação maior do povo na história.

Carlos Guilherme Mota. Isto que Amaral Lapa chama de “pacto consensual”, conceito do que aliás você não participa. Mas dá a sensação de que a sua escola foi a Escola Superior de Guerra.

José Honório Rodrigues. Não. Eu disse apenas que a Escola Superior de Guerra me introduziu no presente brasileiro. Este é que é o ponto preciso.
Carlos Guilherme Mota. Você não acha que o nacionalismo no Brasil corre o risco de tomar o caminho da direita?

José Honório Rodrigues. Corre. Em todo o mundo, não só no Brasil. Há sempre um nacionalismo de direita e um nacionalismo de esquerda. De qualquer modo, há uma marcação nacionalista de esquerda dentro do próprio revisionismo. Compreende o que eu quero dizer?

Carlos Guilherme Mota. Há mais de vinte anos você vem falando do projeto de um Centro Nacional de Pesquisas Históricas. Por que não foi para frente?

José Honório Rodrigues. Apenas porque não encontrei apoio. Nunca houve interesse, do governo ou de qualquer outra instituição, para que isso fosse montado. Eu vi na Inglaterra, na França. Na Argentina em 1951 já havia sido

criado um. Depois de expulso por Perón, seu fundador foi para o Uruguai e lá criou outro.

Esse Centro, no Brasil, daria pelo menos um passo fundamental: copiar tudo o que for documento relativo ao Brasil e trazer para o Brasil. Coisa que os americanos já fizeram só que levaram para os Estados Unidos. Você vai a Berkeley e encontra todo o material do Conselho Ultramarino; todo o material do Board of Treaties, da Escócia, onde estão os documentos relativos e atividades comerciais dos ingleses no Brasil. Aquele sapato Clark, toda a documentação sobre o sapato Clark, está no Board of Treaties, da Escócia, e está também em Berkeley, copiada. Já fizeram tudo isso. E o que fizemos nós a esta altura? Muitíssimo pouco.